

Leonor Tires.
Bahia, 19, 10, 9/6

IRONIA E PIEDADE



OBRAS DO MESMO AUTOR

<i>Poesias</i> — 1 volume in 16 de 277 pags. br. 3\$, enc. em perc. 4\$, enc. marroquim.....	5\$000
<i>Poesias Infantis</i> — 1 volume ilustrado cartonado...	3\$000
<i>Critica e Fantasia</i> — 1 volume brochado 3\$, enc. .	4\$000
<i>Conferencias literarias</i> — 1 volume in 16 de 381 pags. br. 3\$, enc.....	4\$000

EM COLLABORAÇÃO

<i>Contos patrios</i> — 1 volume cart.....	3\$000
<i>Livro de Leitura</i> — 1 volume cart.....	4\$000
<i>Livro de Composição</i> — 1 volume cart.....	4\$000
<i>Theatro Infantil</i> — 1 volume cart.....	2\$000
<i>A Pátria Brasileira</i> — 1 volume cart.....	3\$000
<i>Tratado de Versificação</i> — 1 volume cart.....	3\$000
<i>Atravez do Brazil</i> — 1 volume cart.....	3\$000

OLAVO BILAC

IRONIA E PIEDADE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO

129, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE

1055, Rua da Bahia

1916

A' memoria de

Ferreira de Araujo

é dedicado este livro.

Quasi todas estas paginas foram publicadas na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro. Dedico-as hoje, em volume, á memoria de Ferreira de Araujo, meu mestre e meu amigo.

Escrevendo este nome, revivo muitos annos da minha mocidade. Este nome e estas velhas laudas vêm lembrar-me o tempo em que, desconhecido e feliz, com o cerebro e o coração cheios de esperanças e de versos, eu parava muitas vezes, naquella feia esquina da travessa do Ouvidor, e quedava a namorar, com olhos gulosos, as duas portas estreitas da velha *Gazeta*, que, para a minha ambição litteraria, eram as duas portas de ouro da fama e da gloria. Nunca houve dama, fidalga e bella, que mais inacessivel parecesse ao amor de um pobre namorado : — escrever na *Gazeta* ; ser collaborador da *Gazeta* ; ser da casa, estar ao lado da gente illustre que lhe dava brilho, — que sonho !

A *Gazeta* era para mim um acropolio fulgido, coroado de estrellas, perdido entre nuvens : o meu desejo, tonto e ancioso, andava em torno d'ella, como um lobo esfomeado em torno de uma presa cubiçada. Felizmente, a minha mocidade não me permittia mortificações prolongadas : depois de um namoro de uma hora, lá me ia eu, rua abaixo ou rua acima, ^{so-}nhando e rimando. Tudo então me parecia digno de rimas : o sol que esplendia, a chuva que toldava o

ceu, o olhar de uma mulher que passava, o bater dos seus pés na calçada, uma criança que sorria, um velho que manquejava, as flores nas cestas das floristas ambulantes, as fachadas das casas, as joias que ardiam nos mostradores dos ourives, e até a tristeza dos aleijados que pediam esmola. Tudo para mim era o ponto de partida de um sonho. Os meus passos moviam-se dentro de uma nuvem perfumada. Nem sempre os meus sapatos tinham as solas perfeitas, nem sempre as minhas calças tinham a barra sem fiapos... Mas o meu andar era soberano e firme, como o de um deus orgulhoso perdido na terra. Os meus dezoito annos eram uma riqueza tão grande, que a riqueza dos outros não me podia causar inveja.

Não era, pois, o desejo de ganhar dinheiro que me impellia para a *Gazeta*; ella não era uma rica matrona, arreada de joias e dona de muitas apolices, aureolada pelo fulgor de um grosso dote capaz de lhe disfarçar a hediondez da decrepitude: — era uma linda rapariga, amada e querida de todos, alegre como um canário, fresca como uma madrugada; e eram a sua belleza, a sua alegria, a sua frescura que me apaixonavam. Como eu invejava os felizes que viviam com ella! Os da casa, os que a dirigiam e serviam, — esses já me não causavam tanta inveja. Mas os cortejadores intimos, os convidados frequentes, os collaboradores regulares, — que invejaveis! como eu syllabava os seus nomes com admiração e ciúme! Eram Eça de Queiroz, Machado de Assis, Ramalho Ortigão, Alberto de Oliveira, tantos outros... Quando as minhas mãos abriam a *Gazeta*, e os meus olhos liam o nome de algum d'esses mestres, assignando um conto, uma chronica, um soneto, — eu imaginava tocar um idolo, numa ara de ouro puro, incensado pela admiração e pelo applauso de um milhão de homens.

E' que a *Gazeta* d'aquelle tempo, a *Gazeta* de Ferreira de Araujo, era a consagradora por excellencia. Não era eu o unico mancebo ambicioso que a namorava: todos os da minha geração tinham a alma inflammada d'aquella mesma ancia. Não era dinheiro o que queriamos: queriamos consagração, queriamos nome e fama, queriamos ver os nossos nomes ao lado d'aquelles nomes celebres. Nós todos julgavamos, então, que a publicidade era um gozo e que a celebridade era uma bemaventurança... Onde se vão esses sonhos? onde se vae essa crença na gloria litteraria? onde se vae essa fé no trabalho?

Hoje, não ha jornal que não esteja aberto á actividade dos moços. O talento já não fica á porta, de chapéu na mão, triste e encolhido, vexado e farrapão, como o mendigo tímido que nem sabe como ha de pedir a esmola. A minha geração, se não teve outro merito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa litteraria uma profissão remunerada, impoz o trabalho. Antes de nós, Alencar, Macedo, e todos os que traziam a litteratura para o jornalismo, eram apenas tolerados: só o commercio e a politica tinham consideração e virtude.

Quando eu tinha 18 ou 19 annos, a *Gazeta* era o unico jornal que acolhia e prezava a litteratura. Por isso mesmo, os pretendentes formavam cauda á porta da dama gentil.

Nunca esquecerei, em cem annos que viva, a manhã do anno de 1884, em que vi um dos meus primeiros sonetos na primeira pagina da *Gazeta*. Doce e clara manhã! — talvez fosse, realmente, uma agreste manhã, feia e chuvosa; mas a minha alegria, o meu orgulho de rimador novato, a minha vaidade de poeta impresso eram capazes de accender um sol de verão na mais nevoenta alvorada de inverno...

Depois, quando mais alguns annos passaram sobre a minha alma, quando o meu amor dos sonhos diminuiu á medida que crescia a minha consciencia das responsabilidades e dos desenganos da vida, quando deixei de crer (com que tristeza !) que o homem capaz de fazer versos não tem a necessidade de fazer mais nada, — então, um novo cerco, mais longo e paciente, começou. O que eu queria, agora, era ter na folha o meu lugar marcado, o meu cantinho de columna, o meu palmo de posse. Já me não bastava a gloria de entrar ás vezes na casa, para beijar a mão da linda senhora, e segredar-lhe ao ouvido um galanteio rimado: o que eu queria era um posto na intimidade, um quarto no castello, um lugar certo na mesa.

Essa satisfação tardou, mas veio. Entrámos dois, no mesmo dia, ambos chamados pelo bom sorriso d'aquelle doce mestre que foi Ferreira de Araujo. Entrámos dois no mesmo dia, 24 de abril de 1890. Aquelle, que entrou commigo, morreu poucos annos depois, em 1895 : era Pardal Mallet. Juntos fundáramos *A Rua*, um jornal que morreu de mal de sete . . . numeros, e logo depois viemos collaborar effectivamente na *Gazeta*. Alguem, ao saber a estréa dos dois, disse com malicia : «singular idéa esta, de hospedar dois macacos em loja de louça ! . . . » — o que, até certo ponto, era justificado pela reputação revolucionaria que traziamos das paginas vermelhas d'*A Rua*. Mas nada quebrámos : ou, se, por excesso de mocidade e ardor, jogámos ao chão alguma chicara ou algum prato, — a benevolencia do mestre, que sempre foi moço até a velhice, desculpou logo a estroinice. E durante quasi 18 annos, ainda depois do fallecimento de Ferreira de Araujo (*), alli fiquei,

(*) V. o capitulo *Ferreira de Araujo*, no volume *Critica e Fantasia*.

até 1908, ora residindo numa columna, ora em outra, no alto ou no rodapé, como os gatos domesticos, que amam a casa, e tanto gostam de estar na sala como na cosinha, no telhado como no quintal.

Neste livro procuro (vaidade das vaidades !) dar mais um pouco de duração á vida ephemera d'estes trechos da minha ironia e da minha piedade, atirados dia a dia á agitação do trabalho do jornalismo. Quanta tristeza e quanta esperança, quanto sonho vago, quanta palavra alegre ou maguada, quanta ironia mal contida e quanta piedade sincera deixei por ahi, na continua contradicção da vida, neste labor diario que se desfaz e desaparece mais facilmente do que as pégadas de um caminhante sobre a neve ! Só Deus sabe, porém, se tudo isso se perdeu. Talvez ainda hoje possa alguem encontrar um pouco de consolo ou de saudade nestas linhas, em que ardeu e sorriu, palpitou e soffreu a minha fantasia . . .

Eu, por mim, acho saudade e consolo em reviver os meus velhos dias. Não sei se sou hoje mais feliz ou mais infeliz do que antigamente, naquelle tempo da minha adolescencia, quando, com o cerebro e o coração cheio de esperanças e de versos, eu namorava a *Gazeta*. Nunca sabemos quando somos felizes ou infelizes. E a felicidade não é genero de absoluta e immediata necessidade . . . O essencial é viver, pensar, trabalhar e amar, com ou sem brilho, mas sempre com resignação, «en attendant bien doulcement la mort», como dizia o velho Montaigne.

Tambem dos dias tristes temos saudades, e a saudade é sempre um consolo.

RESURREIÇÃO

Cantai, sinos vibrantes e alegres ! Sobre os campos embalsamados e quietos, sobre os jardins cheios de flores, sobre as ruas fidalgas cheias de palacios, sobre os bairros pobres cheios de pardieiros, — derramai a harmonia maravilhosa das vossas vozes concertadas, ó sinos da Resurreição ! A' larga voz das grandes campanas severas, reboando com majestade, una-se a voz alacre dos carrilhões multiplicados ; e toda a cidade acorde, ouvindo falar essa musica sagrada, que é ao mesmo tempo a musica da alegria e da tristeza, do luto e da festa :

« Laudo Deum verum, plebem voco, congreco clerum, Defunctos ploro, fugo fulmina, festa decoro... »

Pouco importa que entrem no concerto as campas graves, que dobram a finados, e as sinetas melancolicas, que tocam a vespervas : a voz juvenil, ardente, fresca, luminosa dos pequenos sinos dos carrilhões dominará todas as outras, derramando uma alegria radiante sobre a terra... Cantai, ó sinos da Resurreição !

Ouvindo-vos, a vasta familia humana ha de congregar-se, na intimidade do ágape christão, comendo o anho da paz : durante algumas horas, hão de suspender-se as dissensões que turbam os lares, as preoc-

cupações que entristecem a existencia, as feridas moraes que sangram sempre, os odios e as invejas, as rivalidades e os resentimentos. Porque a vossa larga voz, ó sinos da Resurreição, vem dar aos homens todos um conselho amigo e generoso, uma lição fecunda e bella...

Aqui está o que dizeis aos homens todos, neste dia de concordia e de esperança, — ó bronzes da Igreja :

«Homens, a morte é uma illusão ! Só a vida é verdadeira e eterna ! Nem só os deuses resuscitam, á clara luz da manhã, depois da noite do supplicio e do opprobrio... Todos resuscitam e tudo resuscita : deuses e vermes, criadores e criaturas, plantas e animaes, estrellas e insectos, aves e pedras. Este, que, no dia de hoje, depois de morto e enterrado, appareceu a Maria Magdalena, tocado de luz celeste, dentro de um nimbo resplandecente, sobre a pedra revoltada do sepulcro, — este mesmo, quando reacendeu a chamma da vida no corpo frio de Lazaro, quiz mostrar-vos que a vida é eterna. Ninguem morre, enquanto ama e espera. Aquillo a que dais o nome de morte, é uma syncope ligeira : tambem o sol desaparece todos os dias aos vossos olhos, — mas não morre : vai deslumbrar e alegrar outros olhos. Homens, amai a vida, que é eterna ! Se a morte não existe, tambem não existe a magua... Vós que soffreis, vós que vos rebellais, vós que amaldiçoais o dia em que nascestes, vós que vos tendes como os desherdados e os orphãos dos bens da vida, — amai e esperai ! Ninguem sabe quando virá a ventura : ella, porém, nunca deixa de vir, por este ou por aquelle caminho, com este ou com aquelle aspecto ! Homens, a minha voz é a voz da eterna vida e da eterna esperança ! reconciliai-vos, abraçai-vos, esquecei os vossos odios e os vossos despeii-

tos... Se sois ricos, não desprezeis os pobres; se sois pobres, não amaldiçoeis os ricos. Esta vida de hoje não é toda a vida: é uma das muitas vidas que formam as estações de parada da grande vida infindavel. Risos e lagrimas, alegrias e tristezas, festas e lutos succedem-se, equilibram-se, compensam-se. Nem sempre a aguia ha de ser aguia, boiando na luz solar; nem sempre o porco ha de ser porco, mergulhado no lodo. O que hoje vos parece desgraça é apenas o resultado do vosso erro e do vosso desatino. Para que uma alma seja radiantemente feliz, uma só cousa lhe basta: amar. Amar não é emprestar amor, nem trocar um amor por outro amor. Amar é simplesmente amar, sem pedir pagamento, sem esperar indemnisação. Ser amado — é bom; mas amar — é optimo. Amor é renúncia, é dedicação, é ternura instinctiva, irresponsavel, espontanea, universal. Só sabem verdadeiramente amar os que amam pela unica satisfação que esse amor lhes dá. Em geral, todos os egoismos são torpes: mas ha um egoismo sublime, que é esse egoismo de amar pelo gozo do amor. Amai, e sereis felizes, — porque, amando, não tereis logar no coração para a inveja, nem para o despeito, nem para o desespero. Inveja, de que? despeito, para que? desespero, por que? — os bens e os males são patrimonio commum: não ha ventura que não tenha um dia uma lagrima, não ha desgraça que não tenha um dia um sorriso. Nem as dores, nem os prazeres, nem os premios, nem os castigos são eternos: só é eterna a vida, que é uma infinita serie de quedas e de ascensões, de desastres e de victorias, de humilhações e de apothèses; e nesse baralhamento de bens e males, desapparecem, confundidos, prazeres e dores, castigos e premios. Esse mesmo Judas que se aviltou na traição, já está redimido ou esquecido... Homens! amai e esperai — isto é: vivei!»

Assim fala a larga voz dos sinos da Ressurreição. Ouvindo-a, até os famintos, os nús, os chagados, os paralyticos, os invalidos, os galés, os escravos e os dementes sorriem e exultam. Rebenta uma flor de cada poça de lama ; accende-se uma estrella no fundo de cada pantano ; palpita uma esperanza no seio de cada amargura . . .

(1897)

OS SINOS

O arcebispo acaba de ordenar que todos os sinos das igrejas da archidiocese repiquem festivamente, á meia-noite, justamente no instante em que S. Silvestre der passagem ao seculo que ahi vem.

Cantai, sonoros bronzes catholicos ! que, com a vossa grave harmonia, todas as nossas almas subam tambem á dourada planicie das estrellas, a esse turbilhão de patrias desconhecidas de que andamos desterrados ! Os canhões das fortalezas e das naves de guerra atroarão os ares, nesse mesmo minuto, com a rouca vozeria das suas negras bocas ; mas a voz que ha de chegar ao ouvido do Senhor será a vossa, partida das alvas torres que coroam os templos, — casas do ideal, ninhos de fé, albergues a cujas portas, pelas escuras horas da agonia, vai bater o nosso desespero pedindo um raio da graça divina.

O primeiro homem que se lembrou de, no alto de uma torre, fixar um sino, — quiz plantar no meio da agremiação humana um symbolo d'esta vaga aspiração que eleva todas as almas, ainda as mais embrutecidas pelas torpezas terrenas, ao intangivel ideal da suprema pureza. Todas as vozes humanas se amalgamam e fundem no bojo do sino glorioso, e saem dahi, casadas numa só voz soberana, de

azas amplas, que buscam Deus, carregando todas as nossas culpas e todos os nossos remorsos.

O sino é o nume protector da cidade, em torno do qual todos os habitantes se congregam.

«Vinde, companheiros! vinde ver o formoso sino! baptisemol-o! demos-lhe o nome de *Concordia*, para que, em torno de si, elle consiga reunir todos os homens em um accordo sincero... Eleva-te, clamante metal! equilibra-te no seio azul do espaço, visinho da tempestade e coroado de estrellas; que a tua voz se misture ao concerto dos astros, celebrando a gloria do Criador!» Assim, na famosa *Canção do sino*, se exprimia a nobre musa de Schiller, ao alvorecer do seculo que vai morrer amanhã.

Não ha poeta que não ame os sinos, os solitarios habitantes das alturas, cuja serena voz leva ao ceu as queixas, os suspiros, as preces da terra.

Quando, em faixas de ouro e cinabrio, aponta a manhã no horisonte, eil-os que cantam, ao acordar das serras e dos valles, a gloria de viver, o renascimento das gentes e das cousas; mais tarde, vibrando no ar ardente, com o bojo sonoro scintillando á soalheira, eil-os que se desfazem em harmonias alegres, celebrando a febre do trabalho, a palpitação dos campos lavrados, a agitação fecunda dos homens, dos animaes, das charrúas e das fabricas; e, quando a tarde declina, quando, morosamente movendo os passos, os bois tardios regressam ao curral; á hora em que as luzes se accendem nos lares e os vagalumes começam a luzir como estrellas pequeninas no fundo escuro dos arvoredos, — os sinos adoçam a sua forte voz sonora, para chorar a agonia do sol e enviar ao claro estendal dos astros os desejos indefinidos dos vermes humanos.

E elles celebram as grandes datas festivas e as datas funebres dos desastres; despejam sobre as

crianças que se baptisam a revoada dos seus repiques festivos; acompanham com o ullular queixoso do seu dobre os feretros que passam, caminho do cemiterio; chamam, dez leguas em torno, das remotas aldeias, a gente piedosa para a missa catholica, em que Deus condescende em communicar com os peccadores do mundo, santificando com a sua presença o alvo seio da hostia; annunciam aos camponezes descuidados o incendio das herdades e os estragos das enchentes; e, não raro, atropelando com furor as suas notas rugidoras, propagam o clamor das rebelliões, amotinando o populacho bravo, em defesa da liberdade da patria.

Mas nunca o vozear dos sinos teve a lata significação que terá amanhã, — quando, unidos na mesma idéa, todos elles se puzerem a vibrar, tremulos e barulhentos, indo, fugindo, descendo, sorrindo, chorando, — agora num esfuziar de notas agudas como numa grazinada de aves, agora num lento desdobrar de notas graves...

Todos elles vibrarão amanhã, aos milhões, pela face de toda a terra: sinos arrogantes de cathedraes faustosas, humildes campas de capellinhas aldeãs, sinetas severas de conventos, lugubres campanulas de hospitaes e de prisões, — todos os bronzes resoarão...

Até mesmo aquelles que dormiram seculos, nas esburacadas torres da Idade-Média, sileneiosamente relembrando todos os horrores que annunciavam, todos os crimes que acoroçoavam, todas as atrocidades que incitavam, — esses tambem sairão do lethargo e, agitando-se entre nuvens de poeira secular, entrarão no concerto geral.

Ainda hontem, dizia-nos um telegramma de Florença que os sinos do palacio «del Bargello», que, no tempo da Republica Florentina, dobravam, quando os condemnados saiam para o supplicio,

serão tangidos no ultimo dia d'este seculo, depois de seiscentos annos de mudez. Quantos outros, como esses, adormecidos e paralysados ha seculos, e carregados de culpas, aproveitarão o concerto de amanhã para purificar a sua voz crimirosa !

As velhas cidades da Europa estão cheias d'esses campanarios anciãos, collaboradores das hediondas tragedias politicas e religiosas que ensanguentaram o velho continente. Não foram os sinos que deram, em França, o signal primeiro para a chacina de St. Barthélemy ?

No Brazil, os carrilhões das igrejas são mais innocentes. A sua maior culpa consistiu na facilidade com que, ha alguns annos, se puzeram a decorar os tangos indecentes, as lascivas polkas, os ignobeis *maxixes* com que substituiram a voz destinada ao serviço divino . . .

Mas todas essas culpas já estão remidas. As cordas que sacudiam as pesadas moles metallicas, obrigando-as a entrar na cumplicidade das carnificinas ou dos descadeiramentos dos lundús, já apodreceiram, desfizeram-se em pó. As mãos que puxavam essas cordas já se desmancharam em lodo no fundo da terra. E as almas, que animavam essas mãos, estão a esta hora, se lhes não valeu a infinita misericordia de Deus, ouvindo o fragoroso retumbar dos carrilhões do inferno . . .

Elles, os passivos sinos, é que não são responsaveis pelas barbaridades que os forçaram a commetter.

Bem o disse o nosso amado Luiz Delfino, nos versos de ouro da *Solemnia Verba* : — pode um d'elles cobrir-se de azinhavre, de lodo, de infamias . . .

*«Mas, quando chega, de repente, o dia
em que o seiô metallico é vibrado,
não ha infamias, azinhavre, lodo :
para cantar seu hymno é bronze todo !»*

Cantai, sonoros bronzes catholicos ! que a noite final do seculo passe á eternidade, escoltada por esse cortejo barulhento de repiques e dobres ! que, ao grave responso, com que ides acompanhar em cantochão o feretro do seculo morto, succeda o travesso e trauteado cantarolar com que ides embalar o berço do seculo infante ! e que as vossas vozes, casadas todas numa alegre matinada, digam ao complacente e paternal ouvido de Deus : « Senhor ! os homens são perfidos, ambiciosos, crueis ; maltratam as crianças, ferem as arvores, espancam e matam os animaes ; riem das lagrimas dos que têm fome e sêde de justiça, e mofam dos andrajos em que passa envergada a miseria ; por amor do ouro, deixam sem pão os orphãos, e por amor da gloria ensanguentam a terra ; os homens estão carregados de crimes, Senhor ! Mas, Senhor, porque assim os fizestes tão fracos ? Senhor, tem piedade dos homens ! dá-lhes um seculo de paz e de amor, em que se não veja tanta injustiça triumphante e tanta bondade abatida ! »

Cantai, sonoros bronzes catholicos !

(1899)

O SOL

Quando nasce agora o dia, nestas deslumbradoras manhãs de dezembro, sente a gente acordar dentro de si a velha alma dos arianos, adoradores do Sol, do luminoso Surya, fonte de toda a vida, mediador entre o ceu e a terra, triumphador das trevas, reanimador dos corações.

Ainda está resoando a fanfarra do primeiro cantar dos gallos, e já se estende no ceu o suave rubor que annuncia a manhã. Saltai da cama, preguiçosos ! o ar d'esta hora entra pelos pulmões como um vinho fresco, que fustiga o sangue, sacode os nervos, e desfaz nas articulações as rheumas funestas, filhas do abuso da «boa chira». Arthriticos, de pé ! de pé, macambusios ! um leve calefrio encrespa, no Flamengo, o lençol azul das aguas ; Venus, meio morta de cansaço, apaga o olhar dormente ; e, cantando e correndo, ahi vem a turba dos banhistas, vultos ainda indistinctos no lusco-fusco, enquanto pelas ruas do Cattete vai lentamente morrendo a longa reticencia das luzes do gaz...

Quando o luminoso disco, boiando num lago de sangue, esplende em plena gloria, o mais prosaico, o mais boçal dos homens comprehende a verdade dos dois lindos versos de Sainte-Beuve :

*« Il existe, en un mol, chez les trois quarts des hommes,
Un poète, mort-jeune, à qui l'homme surveil... »*

Felizmente, essa viva exaltação das almas dura pouco tempo ; se não fosse isso, encher-se-iam todos os manicômios, porque todos os cariocas, desde o frio banqueiro e o empertigado conselheiro até o buliçoso collegial e o modesto operario, desandariam a fazer versos, e a entoar, com os olhos em extase, uma ode ao sol fecundo !

A exaltação acaba logo : o carioca mergulha na agua salgada, refaz as forças naquella fresca ablução iodada, e, sem mais olhar o ceu que flammeja, vai envergar a roupa de todos os dias para correr ao sacrificio do ganha-pão.

Mas, os poetas, esses deixam-se ficar, encostados ao caes que a agua agitada borrija, contemplando o chamalote arfante do mar, olhando os morros que se cobrem de manchas de purpura, mirando as lindas mulheres que saem das ondas, ageis e esquivas, arrepiadas de frio, calcando com os pésinhos brancos a areia molle da praia.

Fecundo sol, mil vezes fecundo, em criação e alegria . . . Não era sem motivo que te adoravam os arianos, ó distribuidor das graças divinas !

Tu cáis sobre o misero corpo de uma repugnante lagarta, e accendes nessa massa abjecta toda a ardente pedraria de um escriptorio de rainha ; bates em chapa sobre um muro em ruina, e, logo, o barro esborcinado e podre scintilla, como uma parede de ouro ; e tudo, ao teu contacto, rejuvenesce e vibra, num hymno de força e belleza.

Lá está um bebedo, caído na calçada, em farrapos ; mandas a tua claridade beijar aquella miseria, e a cabeça do desgraçado, toucada de um aureo diadema, scintilla como a cabeça de um deus. Lá vai, para o duro trabalho diario, uma pobre costureira, já comida pela tísica, cosendo-se com as paredes, envergonhada e timida, embrulhada no velho vestdio

desbotado : tu vais ao encontro d'ella, recamas de palhetas de prata e fogo a sua triste saia de merinó, inflammas rubis e esmeraldas nos gastos botões do seu corpete, e estendes no chão, sob as solas poidas dos seus botins, um tapete de seda coruscante. Ao teu beijo amoroso, os casebres se transformam em palacios, as podridões florescem, — e o mais sujo dos calhaus corusca mais do que a mais rica pepita de ouro de Morro Velho. Salvè, pai da illusão e da crença!

Ah ! quem dera, que, em toda a parte, servisses apenas para trocar em galas as miserias, amadurecer no seio da terra as sementes, matar os miasmas e transformar as flores em frutos !

Mas, não. O banquete da vida não é servido com igualdade. Aqui, és a nascente de todo o bem : um pouco mais adiante, és a nascente de todo o mal ; aqui, derramas os teus raios como uma chuva de bençãos : alli, desabam elles como um flagello, comendo os campos e devorando as vidas. Os brazileiros que vivem no extremo norte da patria não te saúdam, como te saudavam os aryanos primevos, elevando para o teu globo de chammas a alma agradecida : nas paragens desgraçadas, em que o solo gretado pelo teu calor bebe inutilmente o suor e as lagrimas dos que trabalham, os olhos, que te fitam, coruscam de odio impotente, vendo-te implacavel, no ceu sem nuvens, desfeito em dardos assassinos sobre a terra agonisante.

Ainda, ha poucos dias, um jornal cearense contava a chegada de uma leva de famintos, arribados do sertão adusto. Fantasmas errantes, já sem um trapo sobre os corpos inmundos, com a pelle das nadeegas e dos seios pendendo em retalhos, — as mulheres do bando perguntaram logo : «Onde é o cemiterio ?»

Viu-se então que algumas d'ellas sobraçavam telhas de barro, d'essas largas e feias telhas que co-

brem as casas pobres ; dentro das telhas, havia crianças mortas de fome durante o percurso da via dolorosa, — miseráveis restos humanos, não mais volumosos do que fétos de tres mezes, mumificados pelas soalheiras barbaras da jornada...

Pelo caminho tinham deixado tudo, — as pobres mãis sertanejas ! tinham deixado todas as suas lagrimas, avidamente sorvidas pelas areias, — porque os seus olhos rolavam agora nas orbitas, secos e accessos, desvairados de febre ; tinham deixado todo o seu pudor, — porque já sem pejo mostravam, inteiramente nus, os mirrados corpos morenos ; tinham deixado a crença em Deus, — porque já não lhe podiam pedir que lhes não matasse os filhos ; — mas não tinham deixado os filhos, os pedaços da sua carne e da sua alma ; alli os traziam, mortos e enregelados, nos esquifes das telhas immundas...

Sol fecundo ! as mãis aryanas, quando te viam nascer sobre as aguas azues do Ganges, levantavam nos braços os filhinhos nados e vivos, afim de que os beijasses, dando-lhes a força para as guerras e para as lavouras. Mas as mãis cearenses, quando levantam para o teu disco abrazado os pequeninos corpos amados que mataste, amaldiçoam a tua crueldade. Ah ! pudessem ellas morder-te, como os indios mordem as pedras em que tropeçam e as frechas que os ferem ! Pobres... apenas podem entregar á terra do cemiterio os seus fardos queridos, e morrem alli mesmo, porque o que traziam dentro das rudes telhas de barro eram os proprios corações traspassados e extinctos...

Esta recordação basta para azedar a alma contemplativa que se embebe na admiração do nascer do sol. Um aspero travo vem turvar o bom vinho fresco que se sorve com o ar embalsamado d'estas manhãs de verão. Já não pode haver encanto no es-

plendor das ilhas, boiando, á flor da agua clara, como balsas verdes; uma nevoa triste escurece o horizonte; — e a gente fica com mais um dia estragado na vida, lembrando-se que a natureza cruel não quer que o horror deixe de andar de par com a beleza, e a desventura de braço dado com a felicidade.

Vamo-nos embora, poeta vadio! os ultimos banhistas emergem das ondas já abrazadas; ahi passam os bondes, cheios de gente que lê jornaes, que discute os escandalos do dia, que pensa em como ha de pagar as letras vencidas... Vamo-nos embora! reclama-nos o trabalho, esperam-nos os aborrecimentos, — as intrigas dos desoccupados, as visitas dos importunos, as exigencias dos credores, as desculpas dos devedores.

Fica-te para ahi, sol fecundo e assassino! se não tiveste uma ode luminosa, toda tecida de harmonia e riso, — a culpa foi tua. Porque não has de ser para todos o Surya generoso, que os arianos adoravam, ajoelhados no solo sagrado da India?

(1900)

JULIO VERNE

Ha poucas semanas, indo á Bibliotheca Nacional reunir material de trabalho, fiquei sentado em frente a um mocinho imberbe e pallido, que devorava com os olhos e com a alma as paginas do livro que pedira.

Quando cheguei, já elle estava no fim do volume ; e, a cada pagina voltada, uma vibração nova, de anciedade, de supremo gozo intellectual, de infinito encanto de espirito, agitava a sua face de adolescente, sob a claridade crúa da lampada electrica. Os seus olhos, num movimento febril, iam do começo ao fim de cada linha, voando ; os seus dedos torturavam a quina da folha, dobrando-a ; uma ruga funda se lhe cavava na testa ; e toda a sua cabeça palpitava no esforço da attenção. Havia, naquella attitude, um prazer tão agudo que já era soffrimento. Aquella alma innocente, de menino de treze annos, atravessava a crise de uma d'essas tensões intellectuaes, que já não são dadas a quem chega á idade madura tendo abusado da intelligencia. . .

As ultimas folhas do livro foram lidas em poucos minutos. Quando a ultima linha morreu sob o flammejamento dos olhos avidos, houve na face do leitor um afrouxamento subito da força vital, — um como allivio misturado de tristeza, — allivio de quem

se liberta de repente de um grande peso, tristeza de quem vê findar um sonho esfalfante e ao mesmo tempo suave. O mocinho ficou algum tempo immovel, fixando na capa do volume um olhar indeciso e fluctuante, — um d'esses olhares «que olham para dentro»; — depois, levantou-se, teve um espreguiçamento de todo o corpo, e saiu, lentamente, como ainda embalado pela ultima vaga da fantasia em que se perdera.

Curioso, ergui-me do meu lugar, e apanhei o livro, que ficara sobre a taboa da mesa. Era a «*Viagem á roda da lua*», de Julio Verne.

Oh! a saudade, a deliciosa e dolorosa saudade que então me apertou o coração! saudade dos meus treze annos, da minha inquieta e soffredora puberdade, agitada de sonhos que ninguem comprehendia, de distracções que ninguem perdoava, de subitos accessos de fervor de estudo e de preguiça, e das vagas torturas de uma imaginação que acordava e não se entendia a si mesma...

Agora, no lugar que estava vasio diante de mim, naquelle lugar ha pouco occupado pelo leitor da «*Viagem á roda da lua*», — estava eu ainda vendo um mocinho pallido e nervoso, sonhando e soffrendo. Era o mesmo de ha pouco? era e não era... Era o symbolo de uma idade: era um desdobramento de mim mesmo, era eu mesmo, era a minha pessoa recuada até a adolescencia.

Que são os homens todos, nesta vida sempre varia e sempre immutavel, senão fórmias diversas de uma mesma essencia? Nós somos os espectros de outros homens: aquelle velho que alli vem, coberto de cabellos brancos, vai, na escala das agonias e das esperanças, ser continuado e prolongado por aquelle menino que passa por elle sem o ver, sem sus-

peitar que acaba de acotovellar a sua propria personalidade futura...

Quantas vezes, tambem, como aquelle menino que saíra da sala da Bibliotheca e alli gozára e soffrera tanto com a leitura de Julio Verne, — quantas vezes tambem, eu devi a esse grande encantador de almas o consolo unico dos meus soffrimentos de criança !

Julio Verne era um criador de mundos novos, que se rasgavam ante o meu espirito inquieto.

Como eu era criança, como ninguem sabia esclarecer a minha alma, como não havia quem me explicasse a vida, este mundo, em que eu vivia, só me parecia hostil e cruel. As injustiças que eu soffria, — essas pequeninas injustiças que assombam a alma da criança e ficam eternamente doendo na alma do homem, — tomavam um vulto exagerado, e afiguravam-se-me tremendas e monstruosas. Havia dias em que eu me considerava mais desgraçado do que os escravos, que via algemados e espancados, e do que os burros de carga, que encontrava na rua, offegando sob as chicotadas. A minha puberdade (como a puberdade de quasi todos os homens) foi um tecido de inquietações, de revoltas, de desesperos. E, para mim, esta vida era uma cousa torpe, um captiveiro ignobil e torturante, em que tudo era severo e duro, e sobre o qual pairava ameaçadora, numa eterna inclemencia, a sombra da negra palmaria do conego Belmonte, meu mestre...

Graças, porém, a Julio Verne, eu fugia, num surto victorioso, d'este mundo que me aborrecia, e entrava, cantando, vestido de luz, sorrindo, delirando, nos mundos radiantes que a sua piedade abria á minha imaginação.

No collegio, todos nós liamos Julio Verne ; os livros passavam de mão em mão ; e, á hora do estu-

do, no vasto salão de paredes nuas e tristes, — emquanto o conego dormia a sêsta na sua vasta poltrona, e emquanto o bedel, que era charadista, passeava distrahidamente entre as *carteiras*, combinando enigmas e logogryphos, — nós mergulhavamos naquelle infinito páramo do Sonho, e encarnavamos nas personagens aventureiras que o romancista dispersava, arrebatados por uma sêde insaciavel de perigos e de glorias, pela terra, pelos mares e pelo ceu.

Oh! os homens e as cousas que vi, as paizagens que contemplei, os riscos que corri, os amores que tive, os sustos que curti, os combates em que entrei, os hymnos de victoria que cantei e as lagrimas de derrota que chorei, — viajando com Julio Verne, conduzido pela sua mão sobrehumana!

Quasi morri de frio no polo, de fome numa ilha deserta, de sêde na arida solidão do centro da Africa, de falta de ar no fundo da terra, de deslumbramento na proximidade da lua!

Atravessei areaes amarellas e infinitos, beije com os olhos oasis esplendidos, dormi á sombra das tamareiras da Syria e á sombra dos pagodes da India, contemplei o lençol intermino das aguas dos grandes rios, cacei tigres e crocodilos na Asia e na Africa, arpoei baleias no mar alto, perdi-me em florestas virgens, naveguei no fundo do mar entre vegetações fantasticas e animaes immensos, ouvi o estrondo da queda do Niagara, enjoei com o balanço de um balão no meio do ceu formigante de astros, e quasi fui comido vivo pelos Pelles Vermelhas!...

E, quando os meus olhos pousavam sobre a ultima linha de um d'esses romances, quando eu me via de novo no salão morrinhento e lugubre, quando ouvia de novo o resonar do conego e as passadas do bedel charadista, — havia em mim aquella mesma subita descarga de força nervosa, aquella mesmo afrou-

xamento repentino da vida, aquelle mesmo allivio misturado de tristeza, a que, ha poucas semanas, na sala da Bibliotheca Nacional vi succumbido o rapazola que lia a «Viagem á roda da lua».

Era o regresso á triste realidade, á taboa dos logarithmos, á grammatica latina, á palmatoria do conego, ás charadas do bedel. Era o desmoronamento dos mundos, o eclipse dos sóes, a ruina dos astros : era o panno de boca que descia sobre o palco da illusão, matando a fantasia e resuscitando o soffrimento...

Nós todos, homens feitos ou já velhos, lendo a noticia da morte de Julio Verne, sentimos que morreu o maior amigo e o maior bemfeitor da nossa adolescencia.

Nesta mesma hora, em que escrevo, quantas almas ardentes, na encantada e melindrosa révora da existencia, estarão embebidas na leitura dos livros d'esse grande apostolo da estrellada e consoladora mentira !

Ha quem diga que a gloria maior do talento de Julio Verne consiste em haver vaticinado, sob a forma de sonhos, alguns successos e algumas conquistas que a sciencia mais tarde realisou. Pode ser!... Mas, pensando bem, considero quanto seria preferivel que todos esses sonhos permanecessem no estado de sonhos, — e que Nansen nunca chegasse ao polo, e os submarinos francezes não tornassem exequível a utopia do *Nautilus*, e Santos Dumont não chegasse a aperfeçoar o balão em que o alegre Joe atravessou a Africa...

O que eu venero e amo no homem, que acaba de morrer, não é o seu papel de precursor e de propheta : é o seu papel de enfeitador e consolador de almas, de fecundador de imaginações. Sobre os espiritos juvenis, a leitura de Julio Verne tem a acção do sol

sobre a terra : aquece as sementes que dormem, reforça dentro d'ellas a vida, prepara-as para a germinação victoriosa.

Todas as puberdades são tristes... Dir-se-ia que, ao chegar a essa idade perigosa, a criança tem uma antevisão e uma presensação do que vai soffrer na vida : como que a sua alma se recolhe, hesitante, numa angustia vaga, numa timidez doentia, procurando alguma cousa que a proteja e console. Nessa crise do corpo e da alma, é preciso que o cerebro receba uma excitação saudavel, que lhe active a germinação da força criadora. A razão virá depois : nessa idade, o que precisa de desenvolvimento é a imaginação.

O que mais desenvolveu a minha imaginação, e o que consolou as vagas e indefiniveis tristezas da minha adolescência foi a leitura de Julio Verne. Todos os homens da minha idade dirão o mesmo. E, d'aqui a annos, quando eu e os homens da minha idade já tivermos tambem entrado o escuro caminho por onde Julio Verne penetrou na paz, — outros homens dirão o mesmo, e abençoarão o nome d'esse criador de mundos maravilhosos.

(1907)

A' NOITE...

.....

Já alguém disse que uma só noite de insomnia, na solidão, dá mais experiencia á gente do que cem dias vividos no torvelim das ruas, na agitação dos negocios ou dos prazeres. E' certamente por isso que a insomnia envelhece tanto. O homem sai de uma d'essas noites, com o corpo moido e a alma pisada, como se tivesse passado oito horas nos braços de uma furia-succubo, *lassata sed non salata*...

Em uma das ultimas noites, quem isto escreve experimentou todo o indizivel horror da vigilia doentia. Saltou desesperado do leito, foi á varanda da casa e, com a cabeça ao vento, debruçou-se sobre o somno da cidade.

Horas fecundas de recolhimento e reflexão!
Sobre as ruas adormecidas, — a paz estrellada do ceu, o fervilhar da Via Lactea, o enxame dos astros tremulos, a nodoa mysteriosa do sacco-de-carvão, e o Cruzeiro do Sul, alto e esplendido, vigiando de cima o repouso da terra; em baixo, e nos morros de em torno, as ruas alinhadas, com as luzes do gaz rebrihando, como cabeças de alfinetes de ouro em longas fitas de velludo negro.

Já demorastes alguma vez a attenção sobre o estranho aspecto que têm alta noite as casas de uma

cidade adormecida ? Pois aqui está quem muitas vezes tem espiado e estudado o somno dos predios...

Houve um poeta que escreveu : *les maisons sont des visages*. Não são rostos apenas, são mais do que isso : são organismos completos, são corpos inteiros, que, como os corpos dos animaes, se agitam durante o dia e dormem á noite. Reparai. O predio, quando a rua ficou deserta e quieta, aquietou-se tambem, emmudeceu, socegou, dormiu...

E assim, com as bocas das portas fechadas, com os olhos das janellas sem luz, com todo o corpo abandonadamente immobilizado sobre o solo — é um animal monstruoso, agachado, descansando. Se reparardes bem, com a muita ou pouca imaginação que Deus vos deu, chegareis a ver, mas claramente e distinctamente, que as paredes levantam-se e abaixam-se levemente, regularmente, isochronamente, como um thorax, no resfolego do somno. O estudo da physionomia do homem que dorme é muito mais facil do que o da physionomia do homem acordado. Durante o somno, a vontade não funciona e a hypocrisia não pode adoçar as linhas da face nem modificar a dureza da boca, nem disfarçar qualquer traço revelador. Com as casas dá-se o mesmo : umas ha que parecem ninhos ao sol, e que só no seio da noite é que mostram o seu verdadeiro aspecto de tacumbas.

.....

RIO-BRANCO

Zola, em um dos mais fortes poemas da série dos *Rougon-Macquart*, pintou, com as tintas mais vivas, o amor da terra, o apaixonado fervor com que o homem, na Europa, se dedica de corpo e alma ao pedaço da miserável crosta do planeta que lhe pertence.

Para o camponio europeu, a terra vale mais do que pai, mãe, filhos, saúde: o seu ideal seria criar raizes no solo, aferrar-se a elle, sugar-lhe a seiva, viver d'elle e para elle, como as arvores... Arrancar a um europeu um pedaço de terra, é arrancar-lhe um bocado da propria carne: o logar, que occupava o membro mutilado, fica eternamente sangrando, numa eterna e irremediavel ruina.

E as nações conservam, infinitamente multiplicado, o ardor d'essa religião dos homens. A fronteira, para qualquer paiz da Europa, é uma cousa veneravel e inviolavel, — como o zaimph dos cartaginezes, a pedra da Kaaba dos musulmanos, o Santo Sepulcro dos christãos: tocar-a é tocar o coração da patria, é malferir a honra domestica, é derrocar do solio os deuses lares rebolcando-os no pó...

Não se diga que esse amor é apenas uma manifestação do sombrio interesse, da negra avidéz. O amor da propriedade é tambem o amor da tradição. Conservar o que pertenceu aos avós é conservar o seu trabalho, a sua dedicação, as suas lições. Elles vivem, perpetuamente, nas terras que conquistaram pelas

armas ou pelo talento : menosprezar a herança que d'elles veiu é profanar a sua memoria, e menoscabar o seu valor.

No Brazil não ha ainda essa religião. Os ricos não amam, em regra geral, o que possuem.

Tal mancebo, tendo herdado uma vasta fortuna, entra a dissipal-a sem receio ; por entre os seus dedos, virgens dos callos do trabalho, começa a escoar-se o dinheiro, em rios claros e livres, loucamente desperdiçado sem medida nem conta ; não ha cavallos de raça, nem alfaias de luxo, nem orgias sardapalescas, nem amantes de alto cothurno que lhe bastem : para que serve o dinheiro, senão para ser gasto ? Mas lá vem um dia em que os rios de ouro, até então fluindo em grossas cachoeiras entre os dedos do prodigo, começam a enfraquecer, a afinar, a minguar, transformados de caudaes impetuosas em ribeiros de vulto pobre, em arroios de miseravel porte. Então, o alarmado mancebo aperta os dedos, reconhecendo que a nãscnte do ouro se estanca, e começa a gastar o dinheiro ás gotas, a conhecel-o, a prezal-o, a adoral-o...

Como ha de o Brazil prezar os seus tantos milhões de kilometros quadrados, se, do sul ao norte, da barra do Chuy á serra do Roruima, as suas posses são tão fartas que nem a mathematica as pode calcular nem a imaginação as pode sonhar ? Quasi tudo isso virgem, quasi tudo isso entregue á primitiva bruteza, apenas conhecido de Deus e das feras...

Moço rico, que não calcula a extensão da sua fortuna, o Brazil não ama aquillo que não conhece. Por isso quando lhe disseram que o barão do Rio Branco lhe restituira a propriedade de um largo pedaço de terra, o Brazil não chegou a prestar attenção ao caso, murmurou um *seco obrigado*, e, dando de hombros, foi pensar em outra cousa...

No emtanto, a publicação do mappa do Amapá foi uma revelação ! Ninguém imaginava que se tratasse de tão longo, de tão farto, de tão esplendido trecho do territorio brasileiro. Ouvindo falar do Amapá, todos nós faziamos a idéa de um pedacinho de terra bruta, cortado por alguns braços de agua, e recheado de alguns punhados de ouro escasso. Quando os nossos olhos mediram a extensão do dominio restituído ao Brazil pelo talento de Rio Branco, foi que pudemos, ao mesmo tempo, medir qual seria a extensão da nossa vergonha, se, por inepcia ou incuria, perdessemos uma propriedade tão indiscutivelmente nossa.

E era de esperar que de todos os pontos do Brazil rompesse no mesmo instante, cantado por milhões de bocas, o hymno de gratidão e gloria ao restituidor dos territorios, filho do libertador dos ventres escravos ! Mas não ! se não fossem os rapazes estudantes, nenhum écho das nossas aclamações chegaria ao calmo gabinete de Berna, onde Rio Branco, com a alma inundada de uma alegria rejuvenescedora, repousa agora das fadigas da sua rude campanha, ainda com os nervos sacudidos pelo enthusiasmo com que se dedicou ao serviço da terra tão amada e... tão indifferente.

O glorioso brasileiro, porém, não guardará resentimento d'isso : elle não é dos que se esfalfam no trabalho com o pensamento fixo no salario ; é dos que lutam por amor da luta e sacrificam-se por amor do sacrificio. E com a sua tolerancia de homem experimentado pelas cousas da vida, e com o seu profundo patriotismo em tantas occasiões provado, lá está elle, Brazil, ás tuas ordens, prompto a retomar a penna para te amar e servir.

Porque, emfim, não é difficil explicar a tua indifferença, Brazil...

Tu nunca pesaste, com gratidão e ternura, a quantidade de sangue, de lagrimas e de gotas de suor que os teus avós despenderam na conquista e na conservação d'este vasto dominio. Sabes apenas que possues uma patria que se estica ahí além, estendendo-se sem fim pela face do planeta, como todo um continente ; sabes que tens rios e serras, portos que poderiam abrigar todas as frotas do mundo, valles fecundos que poderiam dar de comer a todos os povos da terra...

Na Europa, as patrias pequeninas, atulhadas de gente, estalam com o *trop-plein*, e conhecem o que é a fome, o que é o inverno que desguarnece os campos, o que são as inundações que devoram os trigaes, o que são as guerras que desertam as cidades. Alli, perder uma geira de terra, é perder cem vidas...

Em outro qualquer paiz, o homem que tivesse restituído á patria algumas leguas de territorio (e Rio Branco acaba de prestar esse serviço ao Brazil pela segunda vez !) ouviria o seu nome soar por toda a parte, na vozeria de uma aclamação sem par. Aqui, dois discursos, meia duzia de foguetes, uma pensão de dois contos de réis, parecem paga sufficiente...

Se houve até quem se lembrasse de dar a Paranhos uma cadeira na Camara ! Felizmente a idéa morreu, abafada e sem echo : se tivesse vingado, seria o caso de aconselhar ao vencedor que morresse quanto antes, para se libertar do opprobrio da recompensa...

Ah ! leviano Brazil ! quando os homens enchem, com a agitação do trabalho, todos estes nove milhões de kilometros quadrados ; quando, nas vastas campinas e nas altas serras hoje desertas e mudas, cantarem os sinos, mourejarem as charrúas, viça-

rem as famílias e sorrirem as colheitas ; quando, conquistado e santificado todo o solo pelo labor humano, tu começares a sentir que já te não chega a terra, que hoje te parece tão grande ; — então, sim ! Paranhos crescerá diante de ti, tapando o horisonte, como um grande idolo sagrado, — e a tua divida será paga.

(1901)

SOBRE A VIAGEM DE UM PRESIDENTE (*)

Vai partir o *Maranhão*, em breve pintado e alcatifado de novo, garboso e airoso, levando no seu seio o homem que, durante quatro annos, vai ter a obrigação de governar o Brazil. A viagem é de «instrucção»: mas o marinheiro não é de primeira viagem. E' homem que já governou, e já sabe o que é governar. D'esta vez, porém, a responsabilidade é tão grave, que elle quer primeiro considerar o passo, como, nos gymnasios, o acrobata, antes do salto perigoso, considera com cuidado a extensão do espaço que vai transpor.

Já os jornaes publicaram o itinerario do novo presidente. Bella, agradável, deliciosa viagem seria essa, — para quem apenas a realizasse como recreio e desenfado! Por pouco que o *Maranhão* navegue na proximidade da costa, poderá S. Ex. admirar as montanhas, as angras, as abras, as bahias, os cabos, as vertentes escarpadas, os recifes que bordam a immensa faixa do littoral, desde o Rio até a Bahia; na Bahia, gozará o aspecto da velha cidade colonial, cidade de ruas estreitas, cheias de uma gente affavel e intensa-

(*) O presidente Affonso Penna, eleito em março de 1906.

mente patriota, cujo patriotismo até se manifesta na pintura auri-verde dos portaes das lojas ; d'ahi irá contemplar, com encanto maravilhado, a majestade régia do São Francisco ; volverá á capital do vatapá, e irá por mar a Aracajú e Maceió ; de Maceió em estrada de ferro, furará os sertões até Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte ; irá depois ao Ceará, á terra martyr, ao berço dos heróes da seca, da fome e da liberdade ; depois visitará a Amazonia feraz e esplendida ; voltará ao sul, prolongará a sua viagem, — tão longa e tão interessante como um daquelles arrojados *periplos* que realizavam os navegadores da Idade Antiga, — até o lindo Paraná, visitará os pampas, espiará o «perigo allemão» em Santa Catharina, admirará o progresso de São Paulo, e irá repousar em Bello Horisonte, onde compendiará, analysará, resumirá e digerirá as suas impressões... Bella, agradável, deliciosa viagem, para quem apenas a realizasse como recreio e desenfado !

A viagem, porém, não é de passatempo : é de instrucção.

S. Ex. vai viajar como «patriota». E o seu patriotismo já começou a affirmar-se neste proposito seu, que o *Jornal do Commercio* desveladamente tornou publico : «Informam-nos que o Sr. Dr. Affonso Penna estimará certificar-se por toda a parte do estado de adiantamento da industria nacional, e assim ser-lhe-á agradável servir-se de cousas preparadas no paiz, pois é sua opinião que constitue verdadeiro preconceito suppôr-se que só é bom o que vem do estrangeiro». Outro jornal accentuou o patriotismo da intenção de S. Ex., num estylo mais confuso, porém, mais insistente : «Deliberado a romper com a injustificavel prevenção de que não é de bom gosto e de bom tom dar preferencia, nos nossos serviços

domesticos, inclusive os de mesa, aos artefactos e productos da industria nacional, no falso presuppuesto de que mais finos (por que em geral mais caros) sejam os importados, ou como taes utilizados inconscientemente, muito estimará o Sr. Dr. Affonso Penna ter, por toda a parte, ensejo de certificar-se de que é, com effeito, bem fundada essa deliberação».

Isto quer dizer que o eminente viajante servir-se-á, com prazer, de mobílias nacionaes, de alfaias nacionaes, de linhos nacionaes ; que a famulos e servições francezes ou inglezes, emproados e escanhoados, preferirá a criadagem da terra, modesta, leal, affavel, talvez um tanto confiada demais, porém, em todo o caso, mais sincera ; e que, quando se sentar á mesa, a bordo do *Maranhão*, ou na sala de jantar dos palacios presidenciaes, ou nos desataviados refeitórios dos albergues provincianos, comerá com prazer os acepipes nossos, bem nossos, preferindo, aos complicados *ragouts* e *rôlis* da cosinha estrangeira e aos seus molhos incendiarios, o bom carurú da Bahia, as succulentas fritadas de guayamús de Pernambuco e Maceió, a saborosa carne de sol do Ceará (onde sempre ha sol, mas onde nem sempre ha carne), a bella tartaruga do Amazonas, o fresco chimarrão do Paraná, o sangrento churrasco dos pampas, o fino viradinho de S. Paulo...

O proposito é louvavel, — e não haverá um só brasileiro que o não approve.

Sómente, já que S. Ex. assim revela a disposição de proteger tudo quanto é brasileiro, — quero eu chamar a sua preciosa attenção para uma cousa bem nossa, bem brasileira, que S. Ex. encontrará a cada passo por essas cidades e por esses sertões, e que, ao contrario das outras, não deve ser protegida : — a falta de instrucção.

S. Ex. verá que, nas cidades do littoral, onde

residem os governos, ha ainda algumas escolas (bem poucas em verdade!), em que se formam homens conscientes e livres. Mas, por pouco que o illustre viajante se embrenhe nos sertões, verá que o Brazil ainda está á espera de Alguem, que o inicie nos mysterios do abecedario,— imitando o legendario Cadmus, heróe e semi-deus da velha Grecia, introductor do alphabeto phenicio na terra hellena...

Bem sei (ai! de mim!) que sou importuno e impertinente, vindo dizer a um homem eleito presidente: «V. Ex. vai ter a honra de governar um povo de analphabetos!...» Que hei de fazer, porém, se, lendo e relendo a mensagem de S. Ex., nella não encontrei a promessa decisiva e formal de que alguma cousa se fará durante o seu governo, para dar instrucção primaria aos que a não têm?

Escrevi, acima, que S. Ex., depois de visitar o Paraná e os Pampas, «espiará o perigo-allemão em Santa Catharina». Peço agora a S. Ex. que não deixe de dar um salto a Blumenau...

O verdadeiro «perigo-allemão», — como o comprehendem aquelles que sabem que a *lingua* é a essencia e a fórma da *nacionalidade*, e não como o comprehendem os que querem ver o Brazil isolado, fraco e pauperrimo, no mundo, — é este, demonstrado por um telegramma do *Jornal do Commercio*, de hontem:

«No relatorio do superintendente de Blumenau encontra-se o seguinte trecho referente ao desenvolvimento da instrucção no municipio.

A respeito das linguas em que as diversas materias são leccionadas nessas 112 escolas, existe a seguinte exposiçãõ: portuguez, em quatro escolas; portuguez e allemão, em quatro escolas; polaco e allemão, em quatro escolas; italiano e alle-

mão em uma escola ; italiano em 17 escolas, e allemão em 81 escolas».

Não é possível, de certo, imaginar mais deploravel situação. Ao passo que o allemão é ensinado *exclusivamente* em 81 escolas de Blumenau, e o italiano, também *exclusivamente*, em 17, sómente ha quatro escolas especialmente destinadas ao ensino exclusivo do portuguez ! E, se juntarmos em grupos as escolas em que as linguas são ensinadas separadamente e cumulativamente, chegaremos a este desconsolador resultado : nas cento e doze escolas de Blumenau, *cidade brasileira*, a lingua official do Brazil só é praticada (e sabe Deus como !) em oito, ao passo que a lingua polaca é estudada em igual numero, a italiana em *dezoito*, e a allemã em *noventa* !

Creia o Sr. Dr. Affonso Penna que é assim, e não de outro modo, que um povo perde a sua dignidade, a sua independencia, a sua nacionalidade.

Ainda em Blumenau, ha 8 escolas em que se ensina o nosso idioma. Ha, porém, no Brazil, immensos tratos de terra, em que não floresce uma só escola. A instrucção primaria, estupidamente confiada pela Constituição ao governo dos Estados, definha e desaparece de dia em dia. Excepção feita do Districto Federal, de S. Paulo, do Rio Grande do Sul e do Pará, todos os Estados, quando querem entrar num periodo de economias, começam a supprimir escolas e a demittir professores. Nos quatro Estados, que citei, a instrucção primaria ainda não é o que deve ser, mas sempre é alguma cousa ; nos outros, é burla, é caçoada, é mentira, é nada.

Os estadistas allegam : «nada se pode fazer, porque a União não pode chamar a si o encargo de espalhar a instrucção . . . »

Não pode, porque ? Porque a Constituição o prohi­be ?... Ah ! deixai-me rir d'esta Constituição, tantas vezes violada e prostituida, como uma pobre hervoeira, quando é preciso attender a interesses politicos, e unicamente inviolavel, como uma Lucrecia, quando se trata de salvar a nacionalidade brazileira ! E, se de todo não a querem violar, porque é que a não reformam ?...

Permitta o Sr. Dr. Affonso Penna que eu lhe peça isto : em cada capital, em cada cidade, em cada villa onde pousar ou por onde passar, pergunte aos chefes politicos qual é ahi o numero dos analphabetos : e horrorise-se ! porque, muitas vezes, esses chefes politicos, se quizerem ser francos, hão de no numero dos analphabetos incluir-se a si proprios...

E' realmente louvavel que S. Ex., durante a sua viagem, sómente se queira servir de «cousas preparadas no paiz». Mas reflecta o chefe do Estado : não é usando tecidos da Allemanha, servindo-se de moveis francezes, calçando sapatos inglezes, bebendo vinhos hungaros, comendo carne da Argentina, que o Brazil se desnacionaliza. A sua desnacionalização vem do abandono em que está ficando a lingua materna.

A lingua é tudo : é a nacionalidade, é a raça, é a patria. Perdida a lingua, tudo está perdido.

Ainda ha poucos dias, li o livro de um norteamericano, — livro de um orgulho desmarcado, em que este publicista yankee diz que, para que a sua patria seja verdadeiramente uma Patria, só lhe falta possuir um idioma seu, exclusivamente seu : e aconselha, para isso, a obrigatoriedade do estudo da lingua dos *Pelles-Vermelhas* nas escolas da União Americana... E' uma fanfarronada, é um disparate, é um contrasenso. Mas, entre isso, e a criminosa indifferença, com que nós nos arriscamos a

perder a nossa nacionalidade, perdendo a lingua que herdámos dos nossos maiores, — ha um meio termo ; e é nesse meio termo que deveríamos ficar.

Nada, porém, fazemos para alcançal-o. Não criamos, na immensa extensão dos sertões bazi-leiros, escolas em que se ensine o idioma portuguez ; por outro lado, no littoral não contrabalançamos, com a criação de novas escolas nossas, o mal que nos podem fazer as escolas italianas e allemães. E' um suicidio ! Já não é preciso que outros nos matem, porque nós mesmos nos estamos encarregando d'este serviço . . .

Não nego que seja um dever de patriotismo proteger as nossas industrias e a nossa arte culinaria. Mas espero que o futuro chefe do Estado, já que está com a mão na massa do proteccionismo, — dê á pobre lingua portugueza, á desventurada e formosissima lingua, que está morrendo por falta da difusão do ensino primario, — um pouco da generosa protecção que vai dar ao vatapá da Bahia, aos abacaxis de Pernambuco, aos surúrús de Alagoas, ao arroz doce do Maranhão, ao girimum do Rio Grande do Norte, á carne de vento do Ceará, á tartaruga do Amazonas, á banana com peixe de Santa Catharina, ao mate do Paraná, ao terneiro assado do Rio Grande do Sul, ao café de São Paulo, ao lombo de Minas, e á feijoada do Rio de Janeiro !

“MENOR PERVERSO”

E' este o titulo, com que apparece em todos os jornaes a noticia de um caso triste, — uma criança de trez annos assassinada por outra de dez, em condições que ainda não foram bem tiradas a limpo. Diz-se que o «menor perverso» ensopou em espirito de vinho as roupas da victima e ateou-lhes fogo. Propositalmente ? parece impossivel... Mas nada é impossivel na vida.

O facto é que, consummado o seu acto de perversidade (ou de imprudencia ?) o pequeno fugiu, e andou vagando pelas ruas, até que, já tarde, exaustto, banhado em lagrimas, foi encontrado na praça da Republica e conduzido para uma delegacia policial. E os jornaes, terminando a narração do caso triste, pedem quasi todos, em quasi unanime acordo de idéa e de expressão, que «se castigue esse precoce facinora, cujos instinctos precisam ser refreados».

Que se castigue, como ? Mettendo-o na Correcção ? mandando-o para o Acre ? fuzilando-o ?

A occasião é opportuna para mais uma vez se verificar quanto estamos mal aparelhados para attender ás multiplas necessidades da assistencia social. Um criminoso de dez annos não é positivamente um criminoso... Se é verdade que esse menino conscientemente praticou a maldade de que é accusado,

o nosso dever não é castigal-o : é salvá-o de si mesmo, dos seus maus instinctos, das suas tendencias para o exercicio do mal. Como ? naturalmente, dando-lhe uma educação especial, uma certa disciplina de espirito. Mas onde ? É aqui que surge a difficuldade, e é aqui que somos forçados a reconhecer que, se estamos muito adiantados em materia de politicagem e parolagem, ainda estamos atrazadissimos em materia de verdadeira civilização . . .

Já sei que ha por ahi uma Escola Correccional. Mas, ainda ha pouco tempo, o que se soube da vida intima d'essa Escola serviu apenas para mostrar que, lá dentro, os pequenos maus, pelo vicio da organização do estabelecimento, estão arriscados a ficar cada vez peores. Tudo quanto se refere á assistencia publica ainda está por fazer no Brazil : asylos, escolas correccionaes, penitenciarias, presidios, não têm fiscalização effectiva. Só pensamos nessas casas de beneficencia ou de correccão, quando um escandalo, dos que ha dentro d'ellas, faz explosão cá fóra, commovendo-nos ou indignando-nos. Então, ha uma grita convulsa, um grande espalhafato, um grande dispendio de artigos pelas folhas e de actividade pela policia ; mas, logo depois, tudo volta ao mesmo estado . . . á espera de novo escandalo.

Tive muita pena da pobre criança de trez annos, morta no meio de horriveis torturas. Mas tenho tambem muita pena d'essa outra criança, que uma brincadeira funesta (ou uma inconsciente molestia moral, perfeitamente curavel) levou á pratica de um acto tão cruel. Nesse pequeno infeliz, que os jornaes consideram um grande criminoso, ha um homem que se vae perder, por nossa culpa, — porque lhe não podemos dar o tratamento que a sua enfermidade requer . . .

FLORENÇA

Não foi a Florença de agora que eu vi e amei, em uma certa noite tepida e silenciosa de junho, a deshoras, quando já a treva e o somno tinham dominado os palacios e os casebres da velha cidade toscana : foi, sim, a Florença veneranda dos trez seculos sagrados, durante os quaes a alma humana resuscitou do tumulo da idade-media, — cyclo prodigioso, que começou com o nascimento de Dante e acabou com a morte de Miguel Angelo, em 1564, precisamente no anno em que Shakspeare nascia.

Havia seis dias que eu andava, num arroubo encantado, com todos os nervos vibrando, correndo Florença, fartando os olhos na contemplação dos thesouros de arte d'essa cidade maravilhosa, que tem, para a minha alma de homem moderno, um encanto incomparavelmente maior do que o de Roma.

Berço e sacrario da Renascença, nucleo gerador de onde irradiou para toda a Europa a salvação do espirito latino depois de longa syncope, Florença tinha captivado o meu coração pela sua triste majestade de deusa decaída, mas adorada por toda a humanidade, encerrada com os seus palacios e os seus museus numa atmospherá de soberano respeito e de supremo culto.

Nessa noite, á hora em que, na praça Vittorio-Emmanuele, depois da *serata* de musica, se fecha-

vam os cafés, quiz, antes de dormir, rever ao luar o *Perseu*, de Benevenuto Cellini. Cheguei, pela via degli Speziali, á via dei Calzajoli, passei á pressa pela igreja de Or San Michele e pelo oratorio de S. Carlo Borromeu, e fui ter á Piazza della Signoria, banhada no clarão suave do plenilunio, deserta e muda, fechada ao fundo pelo vulto immenso do Palazzo-Vecchio.

A torre altissima do Paço dos Medicis nadava em plena luz, projectando no chão uma larga toalha de sombra, que se estendia, como um tapete negro, á entrada da *Loggia dei Lanzi*. Na grande fonte de pedra, no centro da praça, a agua cantava de manso; ao luar, Neptuno e os tritões offegavam, no silencio da noite; e, mais longe, o grande Cosme, modelado e fundido por João de Bolonha, parecia agitar-se sobre o seu cavallo de bronze.

Na *Loggia dei Lanzi*, — naquelle assombroso museu ao ar livre, — dois mendigos dormiam sobre as lages, ao abrigo das altas arcarias rendadas. Na arcaria da esquerda, quasi encostado ao *Perseu*, estava ainda o grande quadro, cheio de algarismos, em que se annunciára o resultado do *loto* d'aquelle dia. E no chão, sobre os degraus, havia os residuos do mercado volante, — vestigios da passagem dos vendedores de frutas e refrescos, que alli se recolhem á tarde, do calor do sol.

Mas nem de leve me irritou ou maguou essa profanação. Havia até um certo encanto no espectáculo da pobreza, do vicio, da vida de hoje, no meio naquelle scenario de 1500, — no logar em que os fidalgos da côrte de Lourenço de Medicis iam esperar todas as manhãs a honra de ser chamados á presença d'*O Magnifico*.

E que importavam esses signaes da vida de hoje? O luar, com o seu prestigio feiticeiro, acordava

alli as épocas mortas ; e a Florença, que eu estava admirando e amando, era a Florença rica e artista, alegre e bellicosa, peccadora e atrevida, cuja fama o grande Dante, seu divino filho, até foi encontrar no Inferno, depois de a ter encontrado na terra e no mar :

«*Godi, Firenze, poi che sei sì grande,
Che per mar e per terra balli l'ali,
E per lo inferno il tuo nome si spande...*»

Dentro da *Loggia dei Lanzi*, havia faixas do clarão da lua, prateando a juba dos dois leões da escadaria, lambendo o collo de marmore da *Polyxena* de Pio Fedi, acariciando a face de bronze da *Judith* do Donatello.

O *Perseu* de Cellini, — esse, plantado á frente da *Loggia*, recebia em chapa todo o banho de prata fluida ; e nunca me pareceu tão bello o joven deus victorioso, com o corpo esbelto empinado ao ceu, retesando os musculos bronzeos em resalto, erguendo no punho esquerdo a cabeça da Meduza vencida ; — sob a pressão do pé de *Perseu*, o corpo da gorgona arfava no estertor da agonia ; e, no ar, numa revolta impotente, emmaranhavam-se e remordiam-se, rabecendo, as serpentes da cabelleira do monstro...

Foi de junto do grupo do *Perseu*, que, abrangendo com o olhar a *Piazza della Signoria*, evoquei a grandeza material e moral da Florença antiga.

Esta praça, coração da republica, coração da antiga *Signoria*, e coração da autocracia dos Medicis, foi o scenario em que se concentrou, de 1200 a 1600, todo o drama da Renascença : aqui se encontravam, em pelepas sangrentas, os guelfos e os gibelinos, os «brancos e os negros» ; por aqui passeou Dante, ta-citurno e sonhador, o seu orgulho de deus exilado na

terra ; aqui foi queimado Savonarola ; este chão foi calcado pelos pés de Miguel Angelo, de Boccacio, de Machiavel, de Giotto, de Fra Angelico, de Benvenuto Cellini...

A poucos passos d'aqui, no fim da escura via Magazzini, ainda se levanta a fina e alta casa dos Alighieri, onde nasceu o sombrio florentino, o criador immortal da lingua italiana. Este era o caminho inevitavel para as margens do Arno, onde Dante, ainda menino, ia folgar. Foi talvez aqui, nesta praça, onde se reuniam os comicios da republica, onde se travavam batalhas e torneios poeticos, onde se combinavam negocios e amores, — que o divino poeta, infante de nove annos, viu pela primeira vez a sua pequenina *Bice*, «envolvida numa leve tunica vermelha» ; foi ainda aqui, talvez, que, mais tarde, ella, — d'esta vez toda vestida de branco, — lhe dirigiu a primeira saudação, «erguendo a sua alma ao limite mais alto da beatitude» ; e foi de certo aqui que o melancolico devassador do Inferno imaginou e compoz, antes de ir chorar no exilio as desgraças de Florença, o ingenuo romance da *Vita Nuova*, em que os commentadores (quasi sempre tão traidores como os traductores) têm querido ver tantas complicações de symbolismo politico...

O que deve ter soffrido, aqui, aquella nobre alma altiva e grave, tão pouco dada aos prazeres do mundo ! Florença, no tempo de Dante, era uma cidade de commercio e de prazer. A sua riqueza era colossal ; davam-lhe o titulo de «Fonte de Ouro» : e era nas suas arcas que os principes christãos e mahometanos iam procurar, por emprestimo, os florins, com que sustentavam as suas guerras. Esses commerciantes eram letrados e artistas : não raro, nos seus livros de escripturação mercantil, havia, ao lado dos algarismos, trechos de Tito Livio e Sallustio.

O povo, nos intervallos das guerras, vivia, pelas ruas, cantando e dançando. Essa riqueza, essa futilidade, essa alegria irritavam a melancolia de Dante: certa vez, no meio do tumulto de uma festa popular, viram aquelle adolescente sem mocidade passar doze horas estudando, entre a algazarra e o tropel do povo, sem levantar os olhos do livro.

Mas, quando a derrota dos guelfos o obrigou a partir de Florença, — Dante ficou aqui, em espirito, vagando entre estes palacios, amando a sua cidade de flores. Elle mesmo o disse: «florentino, não nos costumes, mas no coração...» E eil-o ainda aqui está, depois de seis seculos, povoando com a sua grande gloria a Piazza della Signoria: não será o seu espirito errante, — aquelle vulto que alli vae, escuro e indeciso na alvura do luar, beirando o muro do Palazzo Vecchio, entrando o apertado becco que leva ao Palazzo degli Uffizi...

Mais de um seculo depois, andava por aqui Miguel Angelo, ainda moço, amado e protegido pelo *Magnifico*. Por aquella baixa porta do *Palazzo Vecchio*, como esmagada pelo peso da alta mole de pedra, — entrou e saiu muita vez, ainda modesto, ainda quasi inconsciente do seu genio, o maior artista que jámais trabalhou sobre a terra. Miguel Angelo era ainda uma criança, quando Lourenço, o *Magnifico*, lhe deu a mão protectora. E Florença veiu a ter a gloria de possuir o primeiro trabalho definitivo do estatuario prodigioso, — esse incomparavel *David*, que esteve até 1873 erguido á porta do Paço dos Medicis, a dois passos da *Loggia dei Lanzi*, e que hoje, na *Sala da Cupola* da Academia de Florença, como na abside de um templo, irradia e deslumbra, symbolo palpitante da força, da mocidade e da belleza masculina...

O *David* foi tirado de um immenso blóco irre-

gular de marmore, que nenhum esculptor ousára ainda atacar. Buonarotti, que devia morrer com oitenta e nove annos de idade em plena pujança de talento, contava apenas vinte e seis annos, quando communicou á frieza d'essa pedra bruta o ardor do seu genio, para a transformar na figura do joven pastor de Bethlém, rei e propheta, Hercules hebreu, vencedor de gigantes.

Mas essa estatua não é sómente *David*: é a representação viva do poder criador de Miguel Angelo. *Moysés* é Miguel Angelo, na virilidade, austero e grandioso, repousando do trabalho prodigioso da criação de mundos de arte; mas *David* é Miguel Angelo moço, na primavera do genio, turgido de seiva fecunda.

Robusto e leve, dando á luz o corpo desnudado, em cujas formas canta e sorri a graça forte da juventude; aprumando a cabeça formosa, em cuja expressão a fé e o desafio se misturam; pisando a terra com a firmeza e a serenidade de um deus, — o *David* é Buonarotti partindo para a conquista da gloria e da immortalidade.

.....

Aqui, na *Piazza della Signoria*, Miguel Angelo reatou, no seculo XV, o grande sonho estrellado de Dante, no seculo XIII. Essas duas almas, de extensão infinita e de infinita força, aqui se entenderam e completaram, atravez de duzentos annos de distancia. Os pés de Buonarotti encontraram, neste chão venerando, os vestigios dos pés de Alighieri. Ambos arrastaram por aqui as suas esperanças, os seus amores da primeira idade.

E, ao miral-a, serenamente adormecida á caricia do luar, de sob o portico toscano da Loggia, de junto do *Perseu* de Cellini, — cuido ver a Piazza acor-

dar pouco a pouco, e pouco a pouco povoar-se de fantasmas.

Alli vão os gonfaloneiros da Republica, com as insignias levantadas, a caminho da guerra; alli vae o *carroccio* monumental, alcatifado de purpura, conduzindo as armas da Communa; e eis ahi vêm os guerreiros em triumpho, debaixo dos baldaquinos de ouro; e homens e mulheres dançam e cantam, celebrando o amor e a paz.

Depois, vejo Dante parado, em extase, petrificado pela admiração devota, contemplando Bice, que passa ao longe, entre as suas aias sollicitas.

E alli está Giotto, concebendo, a um tempo, a imagem de São Francisco de Assis recebendo os estigmas, e o plano das fortificações de Florença.

Depois, vejo arder a fogueira de Savonarola; e vejo a praça encher-se de cadaveres, e a multidão que chora, e a peste devastando a cidade; e, entre lagrimas e vociferações, Boccacio, risonho e bello, imaginando o proemio do Decameron. A' frente dos cortezãos, alli vem o *Magnifico*; e, adiante, aponta Benevenuto Cellini, entre os seus companheiros de sonho e aventura, brigão e namorado, espadachim e artista, immoral e seductor, como o symbolo de uma era em que as guerras se faziam em risos, e em que a Arte, flor divina, brotava do sangue e da lama...

Mas, ao longe, o grande sino do Duomo badala dois abafados lamentos. Os meus olhos beijam ainda uma vez o scenario da Renascença, — e, atravessando a claridade do luar, vou, levando commigo, para a vida real, para a triste agitação da minha vida de homem de hoje, o suave consolo de ter podido comprehender e amar, em uma hora de sonho, toda a grandeza d'este cemiterio de gloriaes...

EM LUCERNA

I

Lucerna é um delicioso parque de recreio, plantado á beira do lago dos Quatro Cantões. As ruas d'esta cidadezinha cosmopolita são alamedas perfumadas; as suas praças são jardins abertos, cheios de flores admiraveis, alegrados pela musica dos jactos de agua limpida, que saltam em repuxos e espraiam-se em tanques; ao longo dos *quaes*, aprumam-se, sumptuosos, os palacios dos grandes hoteis, diante da maravilhosa paizagem de montanhas, — o immenso *Rigi* á esquerda, o sinistro *Pilatus* á direita, e ao fundo, para lá dos cimos verdes e formidaveis do *Rossberg* e do *Tillis*, muito longe, apenas entrevista, a cadeia dos Alpes Nivosos. E, entre os hoteis, eleva-se o *Kursaal*, majestoso, immenso templo do prazer, com o seu theatro, as suas salas de baile, e o seu vasto salão de jogo, onde uma grande roleta funciona todas as horas, ás escancaradas, offerecendo livremente a sua seducção ao gozo de todos os viciosos.

Nesta cidade de encantos, onde se reune, durante esta época do anno, toda a gente rica e ociosa da Europa, falam-se todas as linguas, e encontram-se exemplares de todas as raças e de todas as naciona-

lidades. Lucerna, na primavera e no estio, é a estancia dos millionarios de bom gosto, dos casaes em lua de mel, dos amantes que têm dinheiro, dos inglezes que vivem para correr o mundo em viagem perpetua, e dos Tartarins alpinistas, que aqui vêm repou-sar das ascensões arriscadas que já fizeram, ou ganhar animo para as que pretendem fazer.

Mas não é sómente em Lucerna que se offere-cem aos felizes ou aos entediados esses prazeres e essas attracções. Todo o lago dos Quatro Cantões é nesta época um lugar de delicias. Sobre a agua azul, que o sol acaricia e achamalota, e onde, á noite, se miram, em reflexos tremulos, as estrellas, — correm e cruzam-se os pequenos vapores de luxo, com res-taurante e orchestra, indo e vindo, tocando em Weggis, em Vitznau, em Beckenried, em Brumen, em Gersau, em Fluelen, em todas as aldeias poeticas que florescem, numa paz idyllica, pelos reconcavos do Vierwaldstater-See, á sombra das montanhas altissimas, algumas das quaes se levantam a pique da beira da agua, projectando sobre ella vastas toalhas de sombra mysteriosa.

Ao cair da tarde, quando os cimos se toucam de purpura desmaiada, e mais forte se desprende dos murtaes o aroma sensual, — uma viagem por estas aguas serenas tem qualquer cousa de sonho. A meia luz do ceu, a proximidade das montanhas, os perfumes que erram no ar, as musicas longinquas que vêm dos vapores em marcha, a melancolia voluptuosa e captivante que enche a paizagem, — tudo isso põe nos sentidos uma embriaguez suave, um certo prazer misturado de tristeza, um vago desejo de morrer alli, de repente, naquella hora de divina poesia...

Os sabios vivem ainda a discutir sobre a verdadeira situação do Paraiso Terreal... Dizem uns que o Eden esteve encravado na Judéa, outros que na

Australia, outros que no Thibet. Eu, por mim, não sei, nem quero saber onde ficava esse lugar de delicias, — ha tanto tempo desaparecido... O que sei é que, se pode haver actualmente um Paraiso, — o Paraiso é este. Com um pouco de saúde, um pouco de dinheiro e um pouco de amor, — o homem mais exigente poderia contentar-se bem com este eden perfumado e calmo...

II

Todas as medalhas têm o seu reverso. Em algumas, bem poucas, o reverso é mais bello do que o anverso: mas quasi sempre o contraste é terrivel.

Lucerna é um paraiso, — mas um paraiso, que só floresce tres mezes no anno. Não é difficil imaginar o que isto deve ser, durante a longa estação do inverno, quando todas estas flores magnificas e todas estas folhagens opimas desaparecem, quando as arvores esgalhadas e nuas tiritam ao vento rispido, quando, dentro do carcere gelado d'estas montanhas inteiramente cobertas de neve, a cidade se encolhe, amortalhada, sob um ceu que peneira uma garôa cortante...

Reparando bem, vê-se que o encanto de Lucerna vem apenas do esplendor do verão e da alegria dos estrangeiros que se divertem. A gente do paiz é triste, como é triste o aspecto dos raros pontos da cidade, que, resistindo á influencia cosmopolita, ainda conservam um pouco do character nacional. Ha igrejas que parecem mausoleus, edificios publicos que parecem carceres...

Entre as pontes antigas que atravessam o Rens, depois de sua saída do lago, ha uma, — a *Ponte dos Moinhos*, — que não se pode atravessar sem uma irremovivel sensação de angustia e tristeza. Essa ponte

é uma reliquia da idade média : fechada e coberta por paliçadas e tecto de velha madeira tosca, para resguardar dos rigores do inverno os transeuntes, atravessa o rio em diagonal e, agora, sob este ceu azul e sob esta soalheira gloriosa, é como um espectro formidável, uma avantesma gigantesca, perturbando com a sua presença lugubre a festa da Natureza. Dentro d'ella, de cinco em cinco passos, pendentes do tecto, ha grandes paineis de madeira, em que um pintor de imaginação funebre illustrou não sei que complicada e macabra legenda. Aqui, é um lenhador que, ao levantar o machado, vê deante de si o Diabo ; alli, é um fidalgo que encontra a Morte; acolá, a Morte e o Diabo confraternizam num estreito abraço ; mais adiante, o Espirito das Trevas, num cemiterio, acorda os mortos ; e, além, numa vasta sala de palacio, uma sarabanda de esqueletos, em ronda jovial, pinoteia em torno de uma linda mulher, que contempla estarrecida de pavor o riso hediondo das caveiras... Na penumbra do interior d'esse passadiço sinistro, essas pinturas, com as suas cores esmorecidas pelo tempo, dão calefrios. E é um allivio sair d'aquelle corredor infernal, em que vive o pesadelo de uma escura idade supersticiosa e opprimida pelo terror da morte e do castigo eterno.

Ah ! não pensemos no aspecto funereo d'esta cidade durante os mezes longos e gelados do inverno, nem na profunda tristeza que deve amortalhar as suas cousas e a sua gente nesse periodo de inhumação sob a neve ! Saiamos da ponte medonha, — e regalemo-nos com o fulgor do sol e com o espectaculo ridente do estio ! Grupos de *touristes* atravessam as ruas, os pequenos vapores silvam no lago, as esguias baleeiras de *sport* abrem sulcos de prata na agua azul, — e o Paraiso resplandece e sorri no auge da sua belleza.

III

Perto do famoso monumento do *Leão de Lucerna*, levantado em memoria dos suíços que morreram, em 1792, em Paris, defendendo as Tulherias, — ha um jardim em que se passa uma hora de sonho perturbador e inesquecível. Entretanto, esse *Gletchergarten* ou *Jardim das geleiras* é um museu scientifico... E é preciso visital-o, para ver até que ponto é absurda a pretensão dos que querem separar a poesia da sciencia, considerando-as inimigas irreconciliaveis e ferozes, — como se houvesse, no dominio da intelligencia, qualquer coisa incompativel com a poesia.

Ha aqui uma aldeia lacustre, reconstruida de acordo com as mais escrupulosas indicações da sciencia, grosseiras edificações em palafitas, do tempo em que os homens, na Suissa e em outros pontos da Europa, viviam em frageis cabanas levantadas sobre as aguas. Essa secção do jardim já tem um encanto singular, pela reconstituição perfeita de um dos periodos mais antigos e interessantes da civilização humana, — reconstituição tão perfeita e com tal habilidade artistica executada, que a illusão é completa e fascinante.

Mas a maior preciosidade do jardim consiste no thesouro de uma «geleira» do mundo primitivo, descoberta em 1872, com 32 dos seus vasto: *funis* de rocha, cavados e polidos pelo rolar das pedras no periodo do degelo.

O exame d'essas reliquias da idade mais remota do planeta é mais proveitoso, para o estudo d'essa época, do que a leitura de todos os tratados de geologia. Só assim se pode comprehender o mysterio das eras mortas... Ao lado dos restos authenticos da época das geleiras, o professor Heim installou

um *funil* artificial, onde, por meio de um jogo engenhoso de machinas hydraulicas, se pode acompanhar, em todos os seus periodos, o trabalho de formação d'esses immensos caminhos em espiral, cavados pela pressão formidavel das rochas, no seu vertiginoso rodar, polindo e repolindo as paredes dos *funis*...

Dentro do «Gletchergarten», que, á noite, illuminado a luz electrica, dá ao visitante a impressão nitida e palpitante de uma viagem milagrosa á era da infancia da Terra, ninguem deixa de meditar um pouco sobre a espantosa velhice d'este planeta, que é ainda um dos mais moços de quantos povoam o espaço...

Velha Terra sempre moça! apesar dos milhares de seculos de vida que a têm opprimido, ella ainda tem hoje as entranhas trabalhadas por um impetuoso vigor de juventude, em revoluções interiores, em inconcebiveis criações de ardente fecundidade, que se manifestam em terremotos que arrasam cidades, em erupções que devastam leguas e leguas de territorio. Por quantos milhares de milhares de seculos ainda ella, palpitante de vida, rolará pelo espaço, com a fermentação humana a agitar-se sobre a sua crosta, — numa anciedade e numa amargura sem termo, ignorando a sua origem e o seu destino ?...

IV

Foi em 1902 que se inaugurou, em presença das notabilidades do «Congresso da Paz», este interessante *Museu Internacional da Paz e da Guerra*, que, de então para cá, tem sido visitado, em Lucerna, por mais de um milhão de pessoas.

O museu foi criado por um dos mais ardentes apóstolos da paz, — o russo João de Bloch, cujo busto em marmore orna o salão principal, entre os retratos dos homens que mais têm auxiliado, pela

palavra ou pela acção, a propaganda em favor da arbitragem e da concordia entre as nações : Grotius, Penn, V. Hugo, Longfellow, Andrew Carnegie, Tennyson, Nobel, Budritt, etc.

A exposição comprehende, ao lado de uma horrenda demonstração dos horrores da guerra, a antevisão ridente e magnifica do advento triumphante da paz : e nunca, em favor d'esta ultima, se promoveu uma tão clara e evidente apothese, como esta, que impressiona e maravilha pelo exemplo, pela lição, pela illustração viva e animada do assumpto, com o auxilio de quadros, de mappas, de estatisticas, de panoramas.

Num terreno ao lado do museu, ha uma exposição das fortificações antigas e modernas, — além da explicação clara dos processos empregados, na guerra, para a construcção e a destruição das pontes e das estradas de ferro. Em varias salas, accumulam-se os productos formidaveis e hediondos da industria assassina, — armas brancas e armas de fogo, de todas as formas, de todas as origens, de todas as épocas. Dez panoramas, pintados por artistas de nomeada, reproduzem o sinistro espectaculo das batalhas : e uma d'essas telas — *Le soir après la bataille* — composição do pintor allemão Zeno Diemer, é uma das obras mais impressionantes e suggestivas da arte moderna. Mais adiante, ha um gabinete em que se mostram os estragos causados pelas armas de fogo modernas : craneos humanos, tibias e femures furados, torados, esmigalhados por balas de infantaria, — e o esqueleto de um cavallo ferido por schrapnells num dos combates do Transvaal ; e perto d'esta secção, ha uma outra, estatistica, em que se encontram compendiados os orçamentos de guerra das principaes nações, os calculos das suas despezas militares, os serviços de juros da sua divida, e o ba-

lanço das vidas humanas, em numero espantoso, roubadas ao trabalho e á prosperidade da Europa pelas guerras dos ultimos cincoenta annos. . .

Ao lado d'essa ostentação repugnante do horror e do crime, o «Museu Internacional» expõe a demonstração dos serviços da *Cruz Vermelha*, da *Conferencia da Haya*, — e glorifica os beneficios da paz. A «Literatura da Paz», — reunião de mais de mil volumes publicados contra a guerra, occupa uma vasta sala ; outras duas salas são destinadas ao serviço das ambulancias e dos soccorros aos feridos ; — e, em plena luz, dominando toda a exposição, ha dois grandes quadros de Nodler, *Fome e Abundancia*, — em que vive o contraste entre os resultados do furor guerreiro e os resultados do trabalho pacifico. No primeiro, ha o espectaculo de uma zona assolada pela guerra ; no chão, jazem ainda, apodrecendo, os cadaveres ; a passagem dos exercitos talou o campo, destruiu as plantações, afugentou a vida ; ao fundo, as casas incendiadas flammejam ainda, no epilogo da tragedia horrorosa. O outro quadro é um sorriso de amor e de ventura : campos cultivados, que se arream de messes fartas, casas tranquillias, no meio de valles serenos ; o gado pastando, os homens amanhando a terra, as mulheres amamentando os filhos, — e um sol feliz, um sol que parece abençoar aquelle labor e aquella bondade, illuminando a paizagem suave. . .

E' isso o Museu Internacional de João de Bloch. Essa é a sua belleza, a sua grande nobreza moral. . . O que não sei, é o que tem sido até hoje a efficacia da sua existencia : a guerra abominavel continúa a sua obra satanica e a paz ainda é um sonho dos ideologos irreductiveis, que só merecem o desdem dos industriaes da destruição e da maldade. . .

NO RIGI-KULM

O *Tarlarin*, de Daudet, desmoralizou o alpinismo. Esse *sport* arrojado e commovedor ainda causa muitos desastres e muitas mortes, e não têm conta as victimas que a neve continúa a tragar e a sepultar, nos desfiladceiros do Jungfrau, do Monte-Branco e do Monte-Rosa...

Mas, involuntariamente, quando se encontra na Suissa um alpinista, com as suas botas ferradas, o seu alpenstock, as suas lunetas enfumaçadas, o seu saco de matalotagem, — logo se evoca a lembrança do espalhafatoso filho de Tarascon: e até aquelles que, como eu, não se abalançam, por falta de pernas ou de coragem, a escalar um dos monstros nivosos dos Alpes, têm sempre um sorriso diante d'essas figuras de homens espectaculosos, ostentando o seu equipamento complicado e o seu ar insolente e matamouros.

O heroe de Daudet ficou famoso na Suissa: no «livro de hospedes» do Hotel de Rigi, encontra-se, de pagina em pagina, uma referencia ao bravo tarasconez. E aqui, no alto da montanha, vendo o ar sisudo e importante dos guias, as vacas e as cabras que dormem ou pastam sobre as rochas, as photographias do salão do hotel reproduzindo quedas de aludes ou tempestades de neve, e o luxo desnecessario dos alpenstocks de que se armam certos *touristes*

para escalar o Rigi... em caminho de ferro, — não se pode deixar de reconhecer que ha em tudo isto uma machinação theatral, admiravelmente organizada pelos hoteleiros, alguns dos quaes, em invenções de encenação, desbancam os mais afamados emprezarios.

Como no tempo de Tartarin, todas as commoções, todas as surpresas, todos os deslumbramentos do hospede figuram na conta do hotel... E por isso, apezar do numero extraordinario de vidas humanas que o desporto do alpinismo tem devorado, ainda muita gente acredita que tudo na Suissa é charlatanaria, — tudo, desde Guilherme Tell até a neve do lungfrau, desde as paizagens idyllicas, povoadas de vacas e de pastores, até os tragicos desastres e as medonhas catastrophes das montanhas...

E' possivel que, entre as pessoas que sobem ao Rigi-Kulm, algumas haja dispostas a realizar ascensões de maior perigo. Ha talvez aqui alguns excursionistas estreatantes, cuja presença no cume da inoffensiva montanha se explica pelo desejo de encarar e estudar o inimigo antes de affrontal-o. Contempla-se d'aqui toda a formidavel massa dos montes, cuja escalada pode tentar a alma arrojada dos alpinistas: e é natural que, d'aqui, venham elles lançar aos vertices devoradores de vidas o seu primeiro olhar de desafio.

Mas, em geral, quem vem passar a noite no Hotel do Rigi obedece apenas ao desejo, mais poetico e mais modesto, de assistir ao morrer e ao nascer do sol na região alpestre, sobre as altas cumiadas que são as ultimas e as primeiras a receber os beijos da luz, e que fulguram e pompeiam em clarões e reverberos quando os valles e as furnas já se encheram ou ainda se enchem de trevas.

Para chegar a esta altura de mil oitocentos me-

tros, não é preciso arrostar fadigas nem sustos. Uma estrada de ferro, admiravelmente construída e conservada, transporta o viajante, em pouco mais de uma hora, de Vitznau ao Rigi. E essa viagem já é um verdadeiro encanto, para os que se não cansam de admirar os aspectos innumeráveis da beleza natural da Suíça.

O Rigi não é, como o sinistro Pilatus, um monte pellido e aspero. E', ao contrario, um centro de exuberante expansão vegetal, coberto, em certos trechos, de bastas florestas de castanheiros e figueiras; de baixo acima, numa serie de rampas que se succedem com regularidade, ha pastagens magnificas em que se cria o gado mais forte e bello do cantão; ás vezes, pela sua força brutal e pela sua majestosa vegetação, a paizagem lembra a de algumas zonas montanhosas do Brazil.

Essa hora de viagem é uma successão de deslumbramentos: cascatas que se precipitam do alto; grotas profundas em que a agua ruge; os trechos dos lagos que se avistam, azues e espelhados, como largas placas de aço brilhando ao sol; viaductos e tunneis, desfiladeiros e paredes de montanhas a pique, — nada falta nesta variada e prodigiosa paizagem.

Da estação terminal da estrada de ferro, uma escadaria cavada no monte conduz ao immenso hotel, isolado no cimo, dominando um horisonte de cem leguas. E' d'ahi, de um planalto que fica ao lado da luxuosa hospedaria, que se assiste ao morrer do sol, antes do jantar, e é d'ahi que a multidão dos *touristes*, agitando-se como fantasmas na escuridão, vem esperar o primeiro sorriso da madrugada sobre a neve eterna.

Mas, ah! este mundo triste é uma fabrica de decepções! Não têm conta os viajantes, que, tendo passado uma noite no Rigi-Kulm, descem a Lucerna

com a alma desesperada e indignada, tendo apenas apreciado um immenso mar de nevoas enchendo as cem leguas do horisonte...

Foi isso o que vi hontem ao anoitecer.

Houve, primeiro, uma pancada subita de chuva, caindo do ceu, em amplas e espessas cortinas.

Depois, a nevoa cresceu, conglomerou-se, entupiu os valles, galgou os montes, amortalhou tudo...

É quando a «trompa dos Alpes» tragicamente empunhada e soprada, com todas as regras da arte da encenação, por um guia de barbas de milho e pulmões de ferro, fez ouvir o seu alto brado clangoroso, — eu estava tiritando, ensopado em garôa, metido num carcere de nevoeiro denso, não vendo uma pollegada adiante do nariz. E até a hora do somno, na sala do hotel, diante de copos de cerveja ou de taças de chá, só se viam caras desconsoladas, bocas abertas em bocejos de tedio e gestos de despeito e furia...

Um Deus clemente, porém, não quiz que a decepção fosse completa.

A's tres horas da manhã de hoje, quando, tremendo de frio, cheguei ao planalto, vi que o despontar do sol nos reservava um espectaculo maravilhoso.

Toda a nevoa da vespera se dissipara. O ceu negro estava tauxiado de estrellas que scintillavam com um fulgor intenso. Em baixo, ao norte, sobre o fundo trevoso dos lagos dos Quatro Cantões e de Zug, brilhavam, como outras tantas estrellas longinquas, as luzes de Lucerna e das aldeias do Küssnacht, de Cham e de Arth. E eu tinha a sensação de estar suspenso no ar, no meio do espaço, entre duas porções de ceu, ambas recamadas de astros.

Quando a trompa theatral soou de novo — já não para annunciar uma decepção como a de hon-

tem, — um vago clarão, indeciso e dubio, tremia no lado do nascente, sobre o pico de Scœnlis. De repente, como uma gambiarra de focos electricos accendida por uma mão mysteriosa, uma larga e longa barra de ouro vivo se estendeu sobre a cadeia dos Alpes. Acima d'ella, o ceu começou a tingir-se de uma desmaiada cor de rosa, de que subiam, em leque, laivos de sangue pallido. A treva continuava a dominar os valles, os lagos, e todo o vulto do Rigi, até os nossos pés. Mas, sobre a cadeia dos Alpes, a conquista da luz avançava. Lentamente, a barra de ouro se foi mudando numa barra de prata. E, de subito, ferindo os picos recobertos de gelo perpetuo, os primeiros raios do sol, ainda invisiveis, principiaram a arrancar da neve faiscas refulgentes, centelhas ardentes, áscuas irisadas.

Os altos cumes, avermelhados, conflagrados, sangravam, flammejavam, trocavam reverberos de incendio.

E, no silencio amedrontador, havia nesse espectáculo do acordar da paizagem alpestre, um horror de tragedia.

Os guiás, falando allemão, francez, inglez, hespanhol, italiano, quebravam logo o encantamento d'aquella mudez acabrunhadora. Dir-se-ia que a torre de Babel estava installada alli. E, enquanto o disco do sol, subindo sobre os Alpes, illuminava a cordilheira e começava a diluir a treva que revestia as lombadas dos montes e forrava o concavo dos valles, — os *ciceroni* iam indicando as cumiadas famosas: o Goernisch, o Scheerhorn, o Titlis, e não sei que mais nomes gutturaes e sinistros.

Mas, esmagado, fulminado, arrasado de assombro, com a garganta apertada como por um punho de ferro, com uma sensação de quasi terror abalando todo o meu corpo, num sentimento de indizível

e dominadora admiração, em que havia tanto de prazer quanto de soffrimento, — eu, sem ouvir o que se dizia em torno de mim, estava immovel, procurando fixar na retina a impressão d'aquelle espectáculo que nenhuma bocca pode contar e nenhuma penna pode descrever. A' hora do nascer do sol, o panorama do Rigi dá a idéa de um cháos rutilante e apavorante, em que estivessem confundidas e baralhadas, entrechocando-se, num trabalho de formidavel gestação, todas as forças vivas da Natureza...

Agora, antes de descer ao seio da formosa Lucerna, escrevendo estas linhas, vejo, pela janella do quarto do hotel, o planalto do Rigi. A encenação theatral reconquistou o seu dominio.

Nas barracas dos vendedores de alpenstocks e de bilhetes postaes, os guias narram aos *touristes* espantados historias horriveis de desastres. Pastorinhas, vestidas á moda da terra, vendem leite fresco em tarros de cortiça. As vacas domesticas (creio que ensinadas) vêm lambe os pés descalços dos pequenos montanhezes que brincam sobre a relva. E passeia espectacularmente, dando ao vento as suas longas barbas alvas, um velho guia, que, segundo affirma o dono do hotel, já subiu a todos os picos dos Alpes, e já escapou trezentas vezes de ser esmagado pelas «avalanches». Esse heroe é uma curiosidade local: é alugado pelo dono do hotel, a tres francos por dia...

(1904)

GUILHERME TELL

Guilherme Tell nunca existiu.

Isso é sabido, é certo, é incontestavel. Frios e ferozes escavadores da Historia, sacerdotes rigidos da implacavel verdade, carrascos inexoraveis da lenda, inimigos rancorosos do sonho, queimaram as pestanas no estudo, embranqueceram os cabellos na investigação, e disseram á Suissa : — «O teu grande Heroe é um mytho ! o teu povo, que, como todos os povos, é um exaltado poeta, criou essa historia fantastica de um libertador abnegado : Guilherme Tell é um producto da fantasia popular. O episodio da maçã é uma fabula. E tu, nação forte e sensata, não podes viver sobrecarregada de lendas e fabulas !»

Assim falaram á nobre e sonhadora Suissa os sacerdotes da verdade historica. Mas a nobre e sonhadora Suissa encarou com desdem as feias bocas desdentadas de que brotava essa heresia, e continuou a amar Guilherme Tell. E á medida que os historiadores inventavam argumentos, e exhibiam provas, e demonstravam contradicções chronologicas, — o povo ia lançando mais incenso dentro do thuribulo que ardia e arde diante da ara do seu heroe : a poesia, a pintura, a esculptura, a musica, a religião, o patriotismo, todas as grandes forças criadoras da arte e da crença, mofando da indignação dos historiadores, foram pouco a pouco dando forma, exis-

tencia real, espirito, vida completa e perpetua ao mytho popular, — e oppondo á affirmação categorica e justa dos escavadores outra affirmação mais categorica e mais justa: «Guilherme Tell existiu, — e existe!»

Porque, enfim, que é a verdade? — é o que parece verdadeiro. Os nossos sentidos rudimentares ainda são, e serão, escravos da eterna apparencia. Ha estrellas, cuja luz leva seculos e seculos a chegar á terra: e é possivel que, no momento em que essa luz chega a ferir a nossa retina, já esses mundos estejam mortos e apagados. Que importa? — as estrellas existem, — porque as vemos. A ousadia de affirmar ou negar cabe apenas a espiritos inchados de vaidade, que proclamam a sua propria infallibilidade, sem necessidade de conclave, e caminham pela vida, possuidos de orgulho e de certeza, affirmando que conhecem pollegada a pollegada a vereda do real, — até que quebram a cabeça contra um tronco de arvore, ou rolam ao fundo de um poço lamacento...

Não ha, na Suissa, um valle, um campo, uma quebrada de montanha, uma pequenina abra de lago, um humilde cotovello de riacho, uma cidade, uma aldeia, em que Guilherme Tell não viva. No lago dos Quatro Cantões, e nos seus arredores, cada recanto da paizagem é uma pagina do grande livro em que o entusiasmo popular escreveu a epopea do affrontador de Gessler.

Perto de Erstfeld, sobre uma collina rochosa, os guias mostram as ruinas do castello em que residia o duro Gessler. Mais adiante, em Burglen, num lindo valle, sombreado por um monte verde, nasceu e viveu o heroe, — homem simples e forte, corpo e alma de montanhez. Um pouco mais além, em Altdorf, foi que se passou o epilogo da tragedia. Não se diz

vagamente : «foi aqui, nesta planície, que Guilherme Tell atravessou com uma frecha a maçã collocada sobre a cabeça do filho...» Não ! aponta-se precisamente o lugar, mostra-se com segurança e firmeza o quadrado de terreno em que ficou ajoelhada a criança, e o local de onde o montanhez atirou a sua frecha. Nesse lindo recanto da terra suíssa, coberta de arvores copadas, o povo construiu uma capella ; uma estatua do libertador domina a paizagem ; numa velha torre, ao lado, guardam-se quadros, desenhos, esculpturas referentes ao caso ; e, todos os annos, em agosto, num theatro ao ar livre, cujos bastidores e pannos de fundo são as mesmas arvores e a mesma encosta da montanha, representa-se ahí o drama em que Schiller celebrou o augusto e bello episodio.

Outra capella, construida á beira do lago, no seu braço meridional, entre Sisikon e Fluelen, defronte da aldeiola de Bauen, assignala o lugar em que o heroe desceu do barco de Gessler. Nada é tão bello e commovedor como o aspecto d'essa capellinha humilde, de tijolos vermelhos, com grandes vitraes simples, mirando-se, sobre a ponta de um rochedo, na agua azul, que tem nesse ponto mais de duzentos metros de profundidade. Os vapores, que vão de Lucerna a Fluelen, deixam ahí ficar, todas as manhãs e todas as tardes, bandos de peregrinos. Ninguem atravessa o lago sem visitar a *Tellsplatte*, abrigada pelas ramagens dos pinheiros e das nogueiras, sorrindo ao sol, — e dentro da qual, sobre a toalha alva que cobre o altar, ha sempre flores frescas, depositadas pelas mãos de todos os visitantes.

Perto de Seelisberg, no prado do Rutli, trez nascentes de agua designam o lugar em que os libertadores da Suíssa, completadores da proeza de Tell, juraram morrer pela causa da liberdade.

Mas a gratidão nacional não se limita a prezar

o culto de Guilherme Tell e dos seus companheiros. Essa gratidão alarga-se, expande-se, abrange a memoria de quantos souberam amar, defender e cantar o nome do grande homem. Junto de Brumen, não longe do sítio em que se eleva o pico do enorme Uri—Rothstock, vê-se, á beira da agua, uma pyramide de granito, — o *Mythestein*. De longe, quem viaja pelo lago vê rutilar ao sol, em faiscas de ouro vivo, uma inscripção gravada sobre essa pyramide; e, quando o vaporzinho se approxima da margem, a inscripção surprehende e seduz, na sua commovida singeleza: «*A Schiller, cantor de Guilherme Tell, os cantões primitivos*».

Assim, de passo em passo, ha para o estrangeiro, nesta região ridente e poetica, a affirmação da existencia do heroe, — que é para os naturaes do paiz um deus familiar, sempre vivo, sempre presente, um nume domestico presidindo e protegendo com o exemplo e com a lição a patria e o lar.

Para qualquer camponez dos cantões de Uri, de Unterwald, de Schwitz, de Lucerna, a existencia — já não digo a existencia passada, mas a existencia actual — de Guilherme Tell é mais certa, é mais real, é mais incontestavel do que a de qualquer dos calvos eERVEJEIROS sabios que ainda hoje negam a realidade do drama e do protagonista.

A agua, o solo, o ar d'esta região estão cheios, impregnados, saturados do culto de Tell. E não raro, o *lourisle*, dotado de imaginação e de instincto poetico, que, pelas veredas montanhosas do Axenstrasse passeia, sentindo e gozando a poesia selvagem da mata, — julga entrever entre os troncos rugosos aquellas duas figuras que a gravura e a pintura têm tornado conhecidas e inesqueciveis em toda a face da terra: o montanhez, membrudo e alto, com a face energica enquadrada numa barba ruiva, carre-

gando ao hombro o pesado arco de madeira, — e, ao seu lado, pequenino e formoso, o filho, encostando á cintura do colosso a cabeça loura, — aquella mesma encantadora e amada cabeça, que a crueldade de Gessler expoz a ser esmigalhada pelo dardo assassino...

Que importa, pois, a affirmação categorica dos historiadores? Tambem, já um historiador (a Historia tem os seus amigos ursos!) descobriu que o christianismo é um mytho solar, — em que Christo é o sol, e em que os doze apóstolos são os doze signos do Zodiaco; e, mais recentemente, um maluco escreveu um copioso folheto para demonstrar que Napoleão nunca existiu...

A fronteira que separa a Historia da Legenda é ainda mais vaga e indeterminada do que aquella que separa a Razão da Loucura.

O facto é que, quando, na paizagem de uma região e no coração de um povo, se aprofunda, enraíza, aferra e vive uma lenda, transformada em religião, — essa lenda fica sendo uma luminosa, uma radiante, uma inapagavel verdade.

Que dizem os historiadores? — que Guilherme Tell nunca existiu? Pois a Suissa e a Terra inteira affirmam que Guilherme Tell existiu, — e existe.

(1904)

LUTECIA

Tarde triste, de ceu fechado, pesando sobre os escuros casarões da velha Pariz.

Saindo do Louvre, atravesso o rio, pela ponte das Artes, e piso a margem esquerda, onde se refugiam, longe da vida tumultuosa dos grandes *boulevards*, o estudo e a pobreza, a vida tranquilla dos que amam os livros.

Para lá da agua turva do Sena, fica a barulhenta Cosmopolis, — sala de visitas da Europa e de toda a terra, — centro de reunião de todos os povos, onde se encontram e baralham todas as nacionalidades, todas as raças, todos os idiomas, todos os costumes, na confusão de Babel. Aqui, porém, estamos na Lutecia secular e veneranda, de cujo seio ancestral já em 1200 tinha surgido a Universidade, alma-mater do pensamento moderno, onde todos os espiritos curiosos e avidos de saber se vinham nutrir dos principios da Escholastica.

Aqui nasceu, ou antes renasceu, dos destroços da civilização antiga, a civilização de hoje; — aqui, a Loba Latina, que amamentou Romulo e Remo, se veiu abrigar, quando escorraçada, pelos barbaros, do reducto das suas sete collinas sagradas...

A poucos passos d'aqui, na Ilha da Cidade, eleva-se Notre Dame, como uma immensa nave ancorada no Sena, levantando as suas torres como esguios

mastros, e esticando, á popa, como possantes remos de pedra, os seus gothicos botareus em arco recurvo. Mais longe, na outra margem, apunhala o ceu a torre Saint Jacques. E, encravada no Palacio da Justiça, dorme o vulto severo da Santa Capella... A visinhança d'esses trez monumentos, que são os remanescentes da Lutecia primitiva, dá a este logar o character de um santuario. Santuario da tradição, da sciencia, do estudo. A Universidade fragmentou-se, segmentou-se em varios corpos distinctos: mas o seu vasto corpo dividido não ultrapassou o rio.

A Sorbonne, os Lyceus, as Faculdades, as Escolas ficaram todas para cá do Sena, vivendo nos mesmos bairros pacificos e silenciosos, nas mesmas ruas que serpenteiam entre edificios negros, e cujo aspecto austero não é modificado pela alegria moça e irreverente dos estudantes e das *grisettes*.

A Sciencia é nova, como são novas as folhagens que em cada primavera rebentam dos castanheiros, e como são novos os amores que animam as trapeiras em que os rapazes pobres estudam, os *ateliers* em que os *rapins* trabalham, as cervejarias em que Mimi e Musette continuam a consolar e encantar os bohemios de Murger. Mas toda essa florescencia joven de ideaes e de sentimentos vive ainda agarrada ao velho tronco sacratissimo do passado.

A ponte das Artes enfrenta o Instituto de França. Os annos têm ido depondo sobre a face d'esse sacrario das letras francezas os signaes indeleveis da sua passagem. Pesado e lugubre, coberto de uma funebre cor de velho chumbo, o Instituto eleva no ceu revestido de nevoas a sua cupola severa, — a famosa cupola em que se vêm cravar todos os dias as frechas da ironia dos *novos*, mas debaixo da qual não ha, em toda a França, um só homem de letras que não ambicione obter uma cadeira... e a immortalidade.

Como sentinellas do sacrario, Voltaire e Condorcet, em bronze, sobre os seus pedestaes de granito, scismam, immoveis e rigidos, com o olhar perdido ao longe : e, instinctivamente, quem passa por alli diminue o andar e abafa o rumor dos passos para não perturbar a meditação d'essas duas vedetas da intelligencia franceza, — d'esses dois demolidores do fanatismo e da intolerancia...

Poucas carruagens, poucos omnibus vêm quebrar a quietude d'este canto de Paris. Em frente ao Instituto, beirando o rio, partem, de um e de outro lado da ponte, os dois caes predilectos dos bibliophilos : o caes Conti e o caes Malaquais. E' aqui o reino do *bouquin*, o imperio do livro. Sobre o largo parapeito dos caes alinham-se, a perder de vista, as caixas dos alfarrabistas. São feias e grosseiras caixas de madeira ordinaria, pintadas de negro : mas já todas conservam apenas vestigios longinquos d'essa pintura, — como a vaga saudade do tempo em que eram moças...

Velhos, como ellas, são os livros encerrados no seu seio, á espera da visita do estudante modesto que procura um compendio barato, ou da operaria que vem á caça de um romance sentimental, ou do bibliophilo monomaniaco sempre á cata de um volume unico, de uma edição primeva, de um manuscrito comido de traças, de um breviario da idade media...

No bojo d'essas caixas anciãs, dormem em santa paz, lado a lado, entrecorçando fraternalmente as suas lombadas sujas, os mais desconhecidos e disparatados productos do engenho humano : os versos de um cançonetista de Montmartre fazem coegas no vasto dorso das Taboas de Callet ; um codigo antigo esmaga a prosa pretenciosa de Bourget ; um missal, já sem capa, não córa com a visinhança de um vo-

lume das Memórias de Casanova. E não raro, nesse misturado acervo de antigualhas e de novidades, apparecem verdadeiras preciosidades bibliographicas, transviadas por alli não se sabe como...

O revendão de livros é sempre tambem um homem velho, embrulhado em roupas incriveis, cheirando a mofo. Os freguezes — excepção feita dos estudantes e das *griselles* — são todos figuras de outros seculos, trazendo sobrecasacas antediluvianas, cartolas fantasticas, cabelleiras grisalhas sobrando nas costas, sobretudos no fio, com as algibeiras peçadas de folhetos — como aquella immortal figura do *Colline*, de Murger, typo classico do erudito bohemio, que vive, envelhece e morre estudando, e de que são sem conta os exemplares espalhados pelo Quartier Latin.

O ar que se respira aqui, entre estes monumentos, entre estes predios vetustos, entre estes livros empoeirados, não é o ar de Pariz: é o ar de Lutecia.

Pariz é a margem direita, com os seus palacios, com as suas avenidas, com os seus cafés refulgentes, com os seus hoteis luxuosos, com os theatros elegantes; Pariz é o esplendor dos Campos Elyseos, é o luxo do *Bois*, é a *blague* de Montmartre, é o delirio e a festa perpetua dos *boulevards*, é a futilidade do prazer, é a prodigalidade dos que vêm esbanjar dinheiro nessa vasta Feira das Vaidades...

Aqui, porém, vive e subsiste Lutecia, a cidade plantada á beira do *Sequanus* pela tribu dos *Parisii*, entre os quaes já o conquistador Julio Cesar veiu achar desenvolvido o amor das artes e das preoccupações do espirito...

Passo a passo, numa lenta excursão respeitosa, sigo até o cáes Voltaire, enveredo pela rua da Universidade, pela rua Jacob, pela rua Dauphine, passando diante das escuras lojas onde se vendem gra-

vuras amarelladas, bronzes azinhavrados, moveis decrepitos, velharias de toda a especie, — círculo todo um largo trecho da urbe veneravel, e venho parar de novo no caes Conti, diante da mole pesada e melancolica do Instituto.

A tarde vai caindo e morrendo, numa syncope lenta. Os alfarrabistas vão rareando.

O sol, quasi a desaparecer, consegue romper as nuvens, e despeja um feixe de raios pallidos sobre a cupola sagrada. Um bando de passaros, d'estes alegres e familiares pardaes de Pariz, fugidos das Tuherias e do Luxemburgo, vêm revoar em torno do zimborio, e sobre as estatuas de Voltaire e Condorcet. E, seguindo o vôo jovial das aves, na luz suave do dia moribundo, cuido ver, nessa revoada, a eterna mocidade, a eterna inquietação do espirito latino sobre a velhice de Lutecia...

(1904)

OS PASSAROS DE PARIZ

O titulo é talvez mal escolhido. Em Pariz, ha muitas especies de passaros : ha, além do pardal, o tentilhão, o melro, a toutinegra, o pintarroxo, o pintasilgo, e muitos outros, muitos outros... Mas, de todos, só o pardal é, propriamente, o «passaro de Pariz». Este é pariziense legitimo, pariziense irreductivel, da gemma, como Gavroche, como Mimi, como Musette.

Pariz está engastada dentro de um circulo de parques. A cintura verde da cidade, — Boulogne, Vincennes, Saint Germain, Montmorency, Fontainebleau, — forma-se de vastas florestas, não florestas rudes, criadas pela força bruta da terra, mas filhas do trabalho do homem, civilisadas, plantadas e replantadas com amor e pertinacia, todos os dias varridas, plantadas, penteadas.

Nessas matas vivem multidões de innumeraveis sortes de aves. E como no interior da cidade não ha bairro que não possua dois e trez parques, todas essas aves invadem commummente o dominio urbano e vêm espiar o que fazem cá dentro os homens. Mas esses melros, esses tentilhões, essas toutinegras, esses pintasilgos, esses pintarroxos são visitantes, são advenas, são forasteiros : o passaro de Pariz é o pardal.

O pardal nasce, canta, ama, envelhece e morre dentro da sua cidade amada.

O pardal não comprehende a vida fóra de Pariz. O pardal, nascido em Pariz, não conhece os pardaes de outras paragens. Para elle, o universo é este bocado de terra, que fica para cá das primeiras fortificações : para além, fica o mysterio, fica o deserto, fica o Nada. O pardal é *chauvin*.

Quando vem o inverno ; quando as arvores despidas de folhas bracejam no ar, como fantasmas, dentro de neblinas ; quando a neve começa a cair ; quando gela a agua dos lagos e das fontes, — todos os outros passaros fogem de Pariz. Mas o pardal é como a *vieille garde* : morre, mas não se rende . . . nem foge.

Muitos não morrem : refugiam-se sob as telhas, sob as abas das chaminés, nas frinchas dos muros, sob a pala protectora das cornijas, nas rosaceas das igrejas, dentro das gárgulas. Passam miseria negra, fome atroz ; as arvores estão núas, as janellas estão fechadas, as crianças não vão merendar nos jardins . . . Mas ha pardaes que desbancam o Dr. Tanner, o Succi, todos os profissionaes do jejum, — e que, á maneira dos faquires da India, conseguem vencer a animalidade, dominar as necessidades naturaes, e viver apenas de resignação e esperança . . . Assim, emquanto a neve cai, e Pariz, orphã da luz do sol, vive amortalhada nas nevoas, — elles, martyres do seu haurismo, definham e soffrem . . . Mas, á primeira estiada do mau tempo, ao primeiro sorriso da primavera, — que desforra ! Ainda nos castanheiros não despontaram os primeiros gommos verdes, berços da folhagem futura, — e já os pardaes, que resistiram ao frio, sacodem as plumas, abrem o bico, ensaiam o vôo, e preparam-se para gozar, em redobrada ventura, a recompensa do que soffreram. Quanto

aos que morreram, — morreram como heroes, no seu posto: morreram, mas não desertaram, não abandonaram o seio da sua gloriosa e amada cidade!

Está claro que o pardal de Pariz não ama Pariz desinteressadamente.

O amor é uma gratidão. Todos os entes vivos são mais ou menos egoistas. O pardal não é um santo: é uma criatura como todas as outras...

O pardal ama loucamente Pariz, — porque Pariz ama loucamente o pardal. Quando um parizense diz «*nos moineaux*», a sua physionomia illumina-se, a sua voz adoça-se, os seus olhos riem. Um parizense nunca diz: «*des moineaux*»; diz sempre: «*nos moineaux*».

O pardal é a ave tutelar de Pariz; o pardal é o symbolo da alegria de Pariz; e Pariz tem mais do que o amor e o culto d'essa ave: Pariz tem «a superstição do pardal». Nunca se viu, — mas nunca jámais! — entre os trez milhões de criaturas, que aqui vivem, apparecer uma só capaz de atirar uma pedra contra um pardal: o energumeno, que fizesse isso, seria aferrolhado dentro de um hospicio, — se não fosse lynchado na praça publica.

Em todos os jardins de Pariz, ha pequenas barracas em que se vendem pães, biscoitos, guloseimas. Toda a gente vai gastar todos os dias um *sou* nessas barracas: é o imposto devido ao pardal, é a contribuição de cada um para a alimentação do pardal, é a offerenda sagrada que a «religião do pardal» impõe a todos os seus crentes.

Sobre os relvados de cada jardim, revoam a todo o instante nuvens d'essas aves ditosas. Dizem as estatisticas que Pariz tem tres milhões de habitantes... Oh! a estupidez das estatisticas, que deixam de parte os pardaes! Contando os pardaes, Pariz tem cincoenta milhões de almas! E é preciso con-

tal-os : porque o pardal de Pariz é uma criatura social, civilisada, que não foge ao convívio humano, que não tem medo do animal *homo*. O pardal sabe que, em Pariz, a sua vida não corre perigo ; e, em minha humilde opinião, em cada um dos pequeninos cerebros d'essas aves, existe a idéa fixa, inabalavel, segura, da immortalidade, da soberania, da inviolabilidade, da supremacia da raça dos pardaes.

O pardal de Pariz tem um artigo de fé : « a terra foi feita para uso e gozo dos pardaes ; e todos os entes, a quem a Natureza não deu a honra e a gloria de ser pardaes, foram criados unicamente para servir os pardaes ! »

A's vezes, cansados da frescura dos jardins, esses garotos alados vêm esparecer pelos grandes *boulevards* : visitam os castanheiros, pousam nos postes da illuminação electrica e reúnem-se sobre os toldos dos cafés, de onde ficam a mirar a passagem dos carros, o desfilar dos *omnibus*, a ostentação das *toilettes* ricas. . . E, quando verificam que tudo vai bem, que os *boulevards* estão cheios de gente, que o dinheiro de toda a terra continúa a sustentar a prosperidade de Pariz, — voltam para as suas arvores, e para os seus canteiros, onde lhes não faltam pedaços de pão macio, de bolos assucarados, de frutas saborosas.

Ha em Pariz uma profissão singular : a « dos professores de pardaes ». Um d'esses sujeitos passa todas as suas tardes nas Tulherias, em companhia dos passaros. Ha outro que trabalha no jardim do Palais Royal, e outro que exerce a sua profissão no jardim do Luxemburgo.

Mas o das Tulherias é o mais popular. Esse homem é uma das curiosidades de Pariz. Perguntar : « já foi ver o professor dos pardaes ? » é aqui tão commum como perguntar : « já foi ver o tumulo de Napoleão ? » ou « já subiu á torre Eiffel ? »

O professor dos pardaes das Tulherias é um homem de cincoenta annos, mais ou menos, de physionomia sympathica, sob uma basta cabelleira grisalha. E' baixo, magro, leve : o seu andar é miudo e ligeiro, — como um andar de passaro ; e ha tambem alguma cousa de passaro na sua face, — no nariz adunco, no piscar dos olhos apertados, no queixo fugitivo. A convivencia dos passaros deu-lhe um character indeciso, intermediario, equivoco, — entre homem e ave.

Não pode haver, para um poeta, espectaculo mais captivante e enternecedor do que o das relações d'esse homem privilegiado com os pardaes.

A's trez horas da tarde, pontualmente, o professor chega ao jardim e installa-se no seu posto habitual, não longe da dupla rampa que vai ter á praça da Concordia. Os seus amigos e discipulos, os pardaes intelligentes e solícitos, acorrem todos para saudal-o, numa revoada anciosa. Forma-se logo, em torno do professor e dos alumnos, um circulo de espectadores. E o espectaculo começa.

Cada um dos discipulos tem um nome. Este é *Garibaldi*, aquelle é *Napoleon*, aquelle outro é *Guguste*. Um é *Poil-au-bec*, outro é *Palle-en-l'air*, outro é *Piou-piou*. A brigada tem uma disciplina sem par. Quando o professor chama *Garibaldi*, é *Garibaldi* o unico que se adianta, seguido pelo olhar invejoso de todos os outros. Quando o professor, atirando longe um pedacinho de pão, diz : « *voilà pour toi, Napoleon !* », — nenhum dos outros se atreve a disputar a *Napoleon* essa dadiva generosa do mestre. Depois, começam as evoluções militares : « *Poil-au-bec au centre ! Guguste à droite ! Piou-piou à gauche !* » — e todos elles, num pipillo inquieto, vão tomando os seus logares, em ordem, com uma concentrada attenção que lhes arrepia as pennas. Depois, ha um bailado.

A principal figura é *Patte-grise*, que é mulher, e forma o centro da roda, dando uns saltinhos comicos, que contrastam com a serenidade da sua face imperturbavel... Depois, ha a ordem de debandar e o regabofe : uma chuva de pedacinhos de pão, e toda a brigada, numa algazarra festiva, cai sobre o banquete opiparo, — emquanto o mestre, que tambem precisa de comer para viver, vende aos espectadores bilhetes postaes illustrados...

Os milagres do carinho, os prodigios que o amor e a paciencia operam !...

Ha em Pariz cem mil industrias e profissões. Mas não conheço outra industria tão bella, outra profissão tão doce do que a d'este adestrador de pardaes, pedagogo das criaturinhas aladas, — obscuro e humilde *camelot* em que vive a gloriosa bondade de um São Francisco de Assis.

(1904)

APOLICES

Encontraram-se uma vez, na Avenida, à tarde, o Sceptico e o Ingenuo.

Este ultimo, á porta de um café, olhava melancolicamente o chão, e contava com a biqueira da bengala as pedrinhas brancas e pretas da calçada, quando o outro, que passava, lhe veio interromper a triste meditação.

E entraram a conversar. Falaram do povoamento do solo, de Coquelin, da batalha de flores, do cometa, das manobras em Santa Cruz, de outras muitas cousas alegres e tristes. Mas o Ingenuo conservava na face um veu de melancolia e desanimo: dir-se-ia que se lhe haviam apagado na alma essa confiança antiga e essa doce innocencia, que são, neste baixo mundo, o apanagio dos felizes e dos tolos.

O outro acabou por notar essa preocupação, e espantou-se :

— Você hoje tem cousa que o aborrece... Que é ? está passando mal do estomago ? descobriu alguma traição da mulher amada ? perdeu o emprego ?

— Não ! perdi outra cousa, mais preciosa...

— Alguma joia ?

— Perdi a confiança na Apolice !

— Ah ! verificou que entre as suas apolices ha algumas falsas ?

— Não sei. E este não saber é que me opprime... Perdi a confiança ! Saiba você que eu fui criado no respeito, no culto, na veneração da Apolice. Era pequenino, e ouvia em casa conversas longas entre meu avô, minha avó, meu pai, minha mãe, — conversas em que a palavra Apolice soava com um prestigio de feitico. A voz d'elles, quando pronunciava essas quatro syllabas, inchava, crescia, adquiria um timbre metallico, falando por elles ; esse proparoxitono era uma cascata de ouro : a antepenultima syllaba estrondava, como a queda retumbante e fulgurante do metal precioso, e as duas ultimas estendiam-se, espraivavam-se, remansavam-se, tinindo... Assim, a Apolice sempre foi para mim um nume, uma divindade. Herdei algumas, adquiri outras. De seis em seis mezes, ia exigir do Estado os juros que me eram devidos ; o Estado pontualmente pagava a sua divida ; e, regressando á casa, com a algibeira aquecida pela presença d'aquelle dinheiro, filho das Apolices, eu sentia crescer cada vez mais, dentro de mim, a veneração que me inspirava essa instituição sagrada da Apolice, — propriedade phenomenal e milagrosa, que dá arvores sem ser terra, e dá frutos sem ser arvore... E, de repente, zás ! cái um raio em cima da minha fé, e vejo o meu idolo por terra, desfeito em reles poeira... Porque, enfim, apparecem tantas Apolices falsas, que a gente tem o direito de perguntar se porventura ainda haverá por ahi Apolices verdadeiras !

— Talvez haja. Deve ainda haver algumas, poucas... Mas é de crer que em breve essas poucas desapareçam ; e, então, todas as Apolices serão falsas, e continuarão a dar juros, e toda a gente será feliz. O futuro da humanidade é o artificialismo : dia virá, em que tudo será falso !

— Ai de mim ! perder a confiança no valor das

minhas apolices ! Estou na situação desgraçada do homem apaixonado, que pela primeira vez desconfia da fidelidade da mulher a quem confiou o seu amor, o seu nome, e a sua honra. E digo como Othelo : «é melhor ser completamente enganado, e ter a inteira consciencia do engano, do que conceber a vaga suspeita que envenena a vida...» Agora, já não posso pensar nas minhas apolices sem desconfiar d'ellas ! Creio, amigo, que a pena de morte deveria ser restabelecida para castigar os falsificadores dos fundos publicos ! Haverá crime maior do que o dos moedeiros falsos ?

— Antigamente, era esse o crime terrivel e maximo. Você já leu a Divina Comedia ?

— Aos pedacinhos...

— Como eu... Dante, para mostrar quanto odio devem merecer os falsificadores de dinheiro, installou-os no fundo do Inferno, na decima e ultima caverna do oitavo circulo, nadando num lodo inflamado, e atacados de hydropisia, soffrendo uma sêde inextinguivel e insaciavel, arrastando os ventres inchados, duros e resoantes como immensos tambores... Mas, outros tempos, outras idéas ! Os falsarios já não inspiram hoje o antigo horror : muitos d'elles morrem opulentos, felizes, cobertos de honras, cercados de respeito ; e, depois de mortos, como deixam muito dinheiro para missas, vão em linha recta para a decima e ultima caverna do oitavo circulo do... ceu ! Como ha de odiar os falsificadores do dinheiro uma sociedade que pratica e preza, acima de tudo, a falsificação ? - O padeiro falsifica o pão, o vinhateiro falsifica o vinho, o politico falsifica as eleições ; até os entes vivos são falsificados : os vendedores de aves pintam de vermelho a crista dos perús velhos, que são vendidos como perús adolescentes... E que fazem commummente homens e mulheres, senão fal-

sificar a Natureza, pintando as barbas e os cabellos, usando dentes postiços, enchumacando as roupas ? O artificialismo está dominando o mundo. Veja você esta bella Avenida, tão povoada de admiraveis palacios... Quer saber uma cousa ? nada ousou affirmar, mas ando desconfiado... Suspeito que alguns d'esses admiraveis palacios, que ninguem aluga, estão ahí apenas «para inglez ver»: são talvez de papelão pintado... Tudo está ficando falso no mundo, meu amigo !

— Isso não me consola ! Deixe-se de paradoxos, e dê-me um conselho. Você, com essa sua superior experiencia da vida, com esse providencial scepticismo que tão fortemente o encouraça contra as surpresas e as ciladas da adversidade, diga-me ! Que hei de fazer do meu dinheiro ? em que devo empregal-o ? Porque, decididamente, não quero mais apolices : cada uma d'ellas tem agora para mim a apparencia de uma mulher de má vida, e eu não quero que a minha casa seja uma casa de tolerancia. Que devo eu fazer do meu dinheiro ? Já deliberei comprar predios !

— Os predios podem ser de papelão ; e, ainda quando sejam de pedra e cal, correm o risco dos incendios.

— Que diz você do commercio ?

— Hum ! as fallencias...

— E da lavoura ?

— Ha os gafanhotos, as geadas...

— Talvez a industria...

— E as grèves ?

— Vou pôr todo o meu dinheiro num banco !

— Os bancos quebram...

— Mas, então, só tenho um recurso ; vou reduzir toda a minha fortuna a notas de quinhentos mil réis, e aferrolhal-as numa arca !

— As notas serão falsas... E, além d'isso, é

preciso contar com os ratos : os ratos gostam muito de notas de quinhentos mil réis, e tanto se lhes dá que sejam verdadeiras como que sejam falsas.

Jesus ! que hei de então fazer ? como hei de aproveitar o meu dinheiro ?

— Meu bom amigo, só ha um meio de aproveitar bem o dinheiro : é gastal-o. Metta o pau nessa fortuna, que tantas dores de cabeça lhe dá ! esbanje essa riqueza, que lhe tira o somno e o appetite !

— Mas, depois ? ficarei pobre . . .

— Ser pobre é ser feliz. O homem feliz é aquelle que pode imitar o caramujo. O caramujo traz ás costas a propria casa, não tem apolices, não tem dores de cabeça ; e, quando viaja, vai dizendo alegrememente : *omnia mecum porto !* Quem disse isso, pela primeira vez, não foi um caramujo : foi o philosopho Bias, um dos sete sabios da Grecia. Mas pouco importa : é uma phrase digna da boca de caramujo. O caramujo é um grande sabio !

— Mas, afinal, eu sou homem, e não posso, no fim da vida, transformar-me em caramujo !

— Tudo se consegue neste mundo com boa vontade e paciencia. Quer aproveitar o seu dinheiro ? gaste-o, esbanje-o, deite-o pela janella fóra !

— Porque é que você não faz o mesmo com o seu ?

— Perdão ! eu não sou obrigado a pôr em pratica os conselhos que dou aos outros . . . Você já viu alguma vez um boticario tomar um remedio da propria botica ?

(1909)

DEZEMBRO . . .

Em uma das primeiras noites d'este callido dezembro, dois velhos amigos, sob as velhas arvores do Passeio Publico, passeando e conversando, deixaram a conversa enveredar para o capitulo das saudades. Unidos, desde a adolescencia, por uma estima reciproca, a que soffrimentos e triumphos communs deram uma solidez de diamante, esses dois homens começaram a remexer o passado, a reviver sensações mortas, a exhumar sonhos defuntos, — até que um d'elles, querendo sacudir a tristeza, gracejou :

— Dir-se-ia que estamos num cemiterio... Que thema este de conversa, para uma noite tão linda, tão cheia de estrellas e de perfumes, entre estas arvores, que são as primeiras a dar-nos lições de alegria !

— Que quer ? é a influencia de dezembro... Eu nunca pude ver chegar este mez de dezembro, sem sentir um aperto no coração. Nunca, — é um modo de dizer : até os trinta annos, ainda dezembro me punha na alma um reverdecer de primavera : agora, porém, quando o vejo chegar, tenho vontade de me vestir de negro . . .

— Mas dezembro é o mez das alegrias.

— Para nós, dezembro é o mez das saudades. Não ha criança e adolescente, que o não amem, — mez dos exames, das ferias, dos premios, das suaves

festas christãs, dos alegres folguedos do Natal. Mas, para os que já vão descendo a encosta que se precipita para o valle negro da morte, — dezembro é o mez das recordações pungentes, das desesperadas recapitulações de um passado sempre seductor. *Nes-sun maggior dolore...*

— Musset já respondeu, com felicidade, a esse tercetto desconsolado :

*«Dante ! pourquoi dis-tu qu'il n'est pire misère
Qu'un souvenir heureux dans les jours de douleur ?
Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur !...»*

— Não ! a verdade, a triste verdade é a que se lastima e soluça no maravilhoso tercetto que o poeta divino poz na bocca da misera Francesca :

*«.....nessun maggior dolore
Chè ricordar si del tempo felice
Nella miseria...»*

Por mim confesso que nunca achei nas minhas saudades o divino sabor que o velho Garrett achava nas suas : a saudade é sempre o desespero, é sempre o arrependimento, é sempre o remorso de não ter sabido aproveitar todos os bens da vida, gozando todos os prazeres physicos e intellectuaes que ella tão generosamente offerece a quem tem mocidade e fé. Para prezar e abençoar um soffrimento, consolando-o com a recordação dos bens perdidos, — é preciso não ser homem, é preciso ser santo : os santos resignam-se ; os homens lembram-se e soffrem. Ah ! se, nesta idade, ainda pudessemos acreditar que existe um *Papá Noel*, benevolo e risonho, saltando de telhado em telhado, na linda noite de Natal, e dando

bonecos ás crianças, e amores moços aos corações dos velhos !

— O *Papá Noel* existe, ou pelo menos existiu para nós. Quem muito amou, não perdeu o seu tempo. Lembre-se você dos amores que já lhe alvoreceram na alma em dezembro : esses amores foram os bonecos, os brinquedos, os presentes que o velho *Noel* deu ao seu coração...

— Sim ! mas nós quebrámos e destruimos os nossos amores, com a curiosidade estúpida de saber o que havia dentro d'elles, como as crianças quebram os seus polichinellos... E, depois, na mocidade, não ha quem saiba dar valor aos bens da vida. Agora é que eu os queria, esses amores e esses sonhos, — agora que sei quanto elles valem...

Pelas alamedas do jardim, passavam grupos de moças, falando e rindo ; aqui e alli, via-se um casal, muito unido, num segredar sussurrado.

— Meu pobre amigo ! disse o menos descontente e o mais resignado dos dois, é preciso ter a dignidade de supportar o jejum, quando os banquetes faltam...

— Mas é justamente a isso que eu não me posso resignar. Só se resigna a morrer quem não ama a vida. E eu amo loucamente a vida ! Não nasci para morrer : nasci para viver ! E parece-me uma infinita, uma imperdoavel, uma satanica injustiça que eu tenha de perder a vida precisamente quando a conheço !

— Não sei... Creio que você exaggera. Com os seus cincoenta e oito annos...

— Cincoenta e quatro, meu caro, cincoenta e quatro !

— Vá lá ! com os seus cincoenta e quatro annos, você não póde ter dentro do sangue essa lava de desejos.

— Como você me conheço mal ! Eu comparo a minha velhice á luz de uma tarde de verão, — d'essas que só se veem no nosso firmamento. E' uma luz

que não quer morrer, uma luz que se agarra desesperadamente a tudo, e que, como os tísicos irremediavelmente condemnados, loucamente se atira ao prazer, amando e chorando, aproveitando com febre os derradeiros instantes da existencia: expellida das furnas, apega-se aos valles; rechassada das rechans, segura-se aos pincares das serras; espancada dos montes pela noite que cresce, refugia-se nas nuvens; e já a treva cobriu toda a terra, e ainda essa luz, recalcitrante e teimosa, tinge vagamente o ceu todo povoado de estrellas... Eu sou assim! sómente agora me sinto capaz de amar e de ser amado. Que amor pode ter á terra o arbusto que cresceu em um anno, e ao qual um anno bastará para o levar do mysterio do nada á surpresa da vida? que amor pode ter ao Amor a vida que ainda não se conhece a si mesma? Agora é que eu sei amar, agora é que eu quero amar!

E entre os grupos, que passavam espantados e curiosos, vendo gesticular aquelle homem de barbas brancas, — o desesperado falava alto, abrindo os braços, como se quizesse abraçar as arvores, as lindas mulheres que passeavam, todo o jardim, toda a natureza, toda a vida...

O companheiro, um pouco vexado, tomou-lhe o braço, e conduziu-o por uma rua mais escura, entre os renques das arvores, á beira do lago:

— Você está hoje um pouco febril. Calma! Não esqueça que Dezembro é o mez das ferias: você precisa de dar ferias ao seu coração...

— Nem ferias, nem aposentadoria! hei de morrer protestando contra a velhice! A velhice... conhece você uma palavra mais feia, mais triste, mais repugnante? Velhice... E' uma palavra molle, viscosa, ignobil, como uma lesma...

OS CÃES

Sei de uma rua do Rio de Janeiro, que era, até ha bem pouco tempo, o Paraiso dos Cães.

E' uma rua tranquillã, não muito rica nem muito pobre, aberta no coração de um arrabalde pacifico. Entre os grossos calhaus que a calçã, cresce livremente o capim. Não passam bondes por ella ; os tilburys são raros e, quando apparecem, chamam toda a gente ás janellas ; caleças e coupés, creio que nunca deram por alli um ar da sua graça.

As casas d'essa rua são limpas e bonitas, com os seus pequenos jardins e as suas chacaras umbrosas : ao cair da tarde, as roseiras e os jasmineiros embalsamam o ar, e a voz abafada de um ou dois pianos acompanha suavemente a agonia do sol. Os moradores são pacatos : vêm á noite sentar-se á porta, em cadeiras de vime, e calmamente conversam até a hora do chá. A's 10 horas, trancam-se os portões de ferro, apagam-se as luzes, e toda aquella boa gente vai dormir, com a consciencia satisfeita e sem remorsos.

Essa rua é, em summa, um seio de Abrahão : nem rixas, nem assaltos, nem crimes. O guarda-nocturno, que a vigia, está engordando phenomenamente, por falta de trabalho...

Attendendo á perenne calma que reina nesse logar, não é de espantar que todos os cães do bairro

tenham feito d'elle o seu predilecto ponto de reunião.

Cães de guarda, cães de luxo, cães vagabundos, cães de varios pellos e de varios tamanhos, uns gordos, outros magros, uns bonitos, outros feios, uns com colleira, outros sem colleira, mas todos felizes, amigos, prezando a liberdade e a vadiação, — tinham alli a sua *ágora*, o seu *forum*, o seu *gymnasio* : alli se reuniam, alli folgavam, alli dormiam a sésta, alli trocavam idéas, alli tomavam as suas deliberações collectivas, alli discutiam os interesses da classe.

Aquella rua era o phalansterio dos cachorros... Fourier, se a visse, teria a satisfação de ver, realizada por cachorros, a bella idéa que não viu realizada por homens. Alli, de facto, de acordo com a doutrina fourierista, capital, trabalho e talento eram comuns. E, todos os dias, augmentava o numero dos rafeiros phalansterianos, porque cada vez se dilatava mais a fama d'aquelle retiro socegado, onde faltavam fisceas e sobravam ossos. Vinham, todos os dias, de bairros afastados, novos cachorros, attrahidos pela boa reputação do logar : e certa vez, ás duas horas da tarde, pude contar mais de quarenta sabujos, em doce camaradagem, cheirando-se mutuamente, ou retoçando no capim fresco.

E que harmonia perfeita, e que paz inalteravel ! Discussões politicas (se é que os cães tratavam d'isso) corriam alli sem tiros de revólver, sem murros, sem desaforos ; os ossos, que appareciam, eram disputados sem atropello, com calma e correcção de maneiras ; não havia intrigas, nem maledicencias, nem boatos perfidos cochichados de ouvido a ouvido. Só o Amor, o soberano Amor, conseguia ás vezes perturbar aquella paz edenica... Apparecia, ás vezes, por lá, uma esquiva cadellinha, de pello bem tratado, com uma fita cor de rosa ou azul em torno do

pescoco fino, — e havia então surdas rosnaduras, latidos roucos, uivos impacientes : mas o barulho cessava logo ; a cadellinha faceira, com a sua seducção complacente, restabelecia a harmonia no campo de Agramante, e os mastins enamorados confraternizavam de novo.

O' Fourier ! ó sonhador do communismo e da paz entre os homens ! se pudesses ver, ainda ha bem pouco tempo, aquelle phalansterio, — a tua alma sorriria, num triumpho, cheio de orgulho e alagada de jubilo !

Ora, hontem, passando por essa rua, quedei espantado . . .

De lado a lado, de extremo a extremo, não viram os meus olhos um só d'aquelles antigos habitantes da communa canina. Varios ossos, já meio roídos, jaziam no chão . . .

Conclui, de mim para mim, que os fiscaes da Prefeitura tinham feito uma *razzia* na cainçalha. E, apesar de não ser grande amigo de cães nem de outros quaesquer bichos ferozes ou mansos, não pude deixar de melancolicamente lamentar a tragica sorte d'aquelles velhos conhecidos . . .

Mas, de repente, ouvi um uivo abafado, seguido logo de outros : e vi que, em cada portão de casa, apontava um focinho inquieto, sondando a rua. Todos os cachorros estavam recolhidos, postos de cautela, mostrando fóra de casa apenas a cabeça assustada, com os olhos fixos e o orelhame tremulo. E não havia portão ou porta que não abrigasse um dos phalansterianos : de espaço a espaço, via-se brilhar um par de pupillas espertas, sobre umas ventas espantadas.

A' porta de uma das casas, na sua cadeira de vime, estava um bom homem, desfrutando a fresca da tarde. Interroguei-o :

— Que ha de novo entre os cães, amigo ?

— Ha o diabo, meu caro senhor, ha o diabo ! Desde que começou a apanha, esses pobres animaes andam numa tortura...

— Não saem de casa ?

— Não saem de casa os que têm casa... Os outros, os que moravam longe, vieram aqui um dia, conversaram rapidamente com os nossos, foram-se, e nunca mais appareceram. Os nossos não saem de casa. Aquelle, que se atreve a sair um momento, atravessa a rua como um relampago de quatro pernas, e volta logo a occupar o seu ponto strategico, na soleira do portão.

— Com certeza, — disse eu ao bom homem — andou por aqui a carroça da apanha, e elles ganharam-lhe medo...

— Não, senhor ! por aqui não andou carroça nenhuma !

— Nenhuma ? ! mas então como souberam estes cães que os fiscaes andam perseguindo a sua classe ?

— Não sei. Souberam... pelos outros ! São mysterios !

Sim ! São mysterios. A vida está cheia de mysterios.

Naturalmente, nós, os homens, com a nossa immensa vaidade, estamos convencidos que a intelligencia é um monopolio nosso. Quando nos vemos obrigados a reconhecer que os cães têm uma faculdade de comprehensão, chamamos a essa faculdade «instincto», como se o euphemismo resolvesse a questão... Por isso é que muita gente ha de rir das cogitações que me estão preoccupando actualmente.

O que é certo é que, de ponta a ponta da cidade, não ha cão que não esteja informado da guerra que estamos fazendo á sua raça.

Se as gaiolas da Prefeitura ainda não saíram do centro da cidade, como explicaes que já os cachorros do Meyer, do alto da Gavea, da Tijuca, de Jacarépaguá, de Campo Grande e de Inhaúma estejam inteirados de todas as particularidades do serviço da apanha ?

Por toda a parte, em todos os bairros, a canzoada está alarmada : é um tremer de focinhos, é um abanar de orelhas, é um sacudir de caudas, é uma angustia sem nome !

Ride-vos á vontade ! Mas estou convencido que os cachorros têm uma vida social organizada, os seus clubs, as suas cooperativas, a sua policia, os seus *secretas*. Estou firmemente persuadido que, no mesmo dia em que se iniciou a perseguição, a pavorosa noticia, passando de focinho a focinho, chegou ao conhecimento de toda a cainçalha !

Quem sabe se os cachorros não têm os seus «jornaes-falados», os seus redactores-chefes, os seus *reporters*, os seus noticiaristas ?

Entre os homens a possibilidade de transmissão do pensamento á distancia é um facto que já ninguém nega. A telegraphia psychica existe. Contam historiadores serios que, no mesmo dia em que Cesar invadiu as Gallias, pelo extremo sul, os gaulezes que habitavam, no extremo norte, a Armóricia e a ilha de Seyne, tiveram noticia da invasão.

É Lesseps conta que, em março de 1833, no sul da Tunisia, o emir de Gabés conheceu o conteúdo de uma carta escrita pelo emir de Sfax, no mesmo dia em que essa carta foi escrita, — sendo preciso notar que entre Gabés e Sfax havia sete dias de viagem. . .

Por que é que os cães, que têm muito mais faro do que nós, não hão de possuir a sua telegraphia psychica ?

Ride-vos á vontade ! Mas, com tudo isto, nesta

celeridade com que todos os perros, rafeiros, galgos, molossos, mastins, dógues e sabujos do Rio de Janeiro souberam da calamidade que os ameaçava; nesta rapidez com que a noticia medonha correu todos os acampamentos caninos; nesta promptidão com que os cães de guarda e cães fraldiqueiros se puzeram a pannos, diante do perigo,— em tudo isto ha um mysterio...

Só Deus sabe que inflammados e terriveis artigos de fundo têm os cães escripto nos seus jornaes, contra a Prefeitura!

Só Deus sabe que ardentes discursos, em escalados *indignation-meetings*, têm sido pronunciados pelos grandes oradores da raça, por aquelles que nasceram com o perigoso e incendiario dom da facilidade da palavra!

Só Deus sabe que conluios, que confabulações, que complicados planos de defesa ou vingança, que cabalas, que machinações estarão tramando os mastins perseguidos, pela calada da noite, nos morros em que se refugiaram, com a alma cheia de espanto e as caudas sacudidas de medo!

Mysterios... Quasi tudo é ainda mysterio na vida humana: — que outros mysterios, mais escuros e indecifráveis, deve haver na vida canina!

(1907)

O SPORT

Uma vez, como eu tivesse escrito algumas linhas sobre a projectada criação de um parque de tiro-aos-pombos no Rio de Janeiro, comecei a receber uma grande quantidade de cartas, umas favoráveis e outras contrárias á criação do parque, — mas todas discutindo o caso com inflammada paixão.

• Convém dizer desde já que a noticia não tinha fundamento. Não se tratava de tiro-aos-pombos, mas de tiro-aos-pratos... Não sei bem em que é que consiste esse divertimento : creio que é um desporto extravagante, em que o vencedor do torneio ganha, em vez de uma coroa de louros, o titulo de Cincinato-Quebra-Louça. Mas fiquei contente com a contestação ; pouco me interessa que os aliradores devastem todas as lojas de louça do Rio de Janeiro, comtanto que não devastem os pombaes. A mania de rebentar a tiro algumas duzias de pratos por dia é um gozo inoffensivo, — que protege a industria dos oleiros e dos louceiros ; ao passo que o tiro-aos-pombos é a pratica de um assassinio frio e covarde, um gozo perverso e malsão, indigno de homens civilizados.

O que mais me interessou, porém, por occasião d'este incidente, foi a verificação do quanto as questões de *sport* impressionam e preoccupam os homens do nosso tempo.

Não é possível escrever uma linha defendendo

ou malsinando tal ou qual *sport*, sem provocar um largo movimento de applausos ou de contestações. É licito dizer que metade da população se interessa por tal assumpto. Só no Rio de Janeiro ha quatro ou cinco revistas desportivas. Os clubs não têm conta. Todos os jornaes mantêm secções d'essa especialidade, peçadas de noticias sobre a natação, a esgrima, as corridas, a velocipedia, o automobilismo, a canoagem, o *foot-ball*, a luta romana.

E não se trata de uma mania nossa. É uma mania universal. Supponho que até nos planaltos do Thibet e entre os gelos dos polos já existem *sports* e *sportmen*. . . Parece que toda a gente contemporanea, cansada e envergonhada de ser fraca e molle, de não ter sangue nem musculos, e de viver compromettendo a sorte da especie, — procura recuperar a saúde perdida, na ancia febril de quem se sente morrer e luta desesperadamente com a morte.

Ainda ante-hontem, um jornal da tarde tratava longamente dos grandes torneios de Jogos Olympicos, que se vão realizar em Montevideo, sob a protecção e a presidencia do presidente da Republica Oriental. Creio que varios campeões brasileiros já se preparam para representar o Brazil nessa grande festa da força e da agilidade : e não seria de mais que o governo subvencionasse essa representação.

Jogos Olympicos. . .

É impossivel escrever ou ler essas duas palavras, sem evocar a idade de ouro da humanidade, no berço d'aquella Grecia divina, cuja mysteriosa e indizivel saudade arde perpetua, por um milagre psychico, na alma de todo o homem que pensa. Tal é o prestigio das cousas da Hellade antiga, que cada um de nós, fechando os olhos, vê reproduzirem-se todo o scenario, toda a gente, toda a historia, todos os costumes d'essa remotissima idade. É que cada um de nós,

artistas e poetas, sempre tem dentro da propria alma um pouco da alma da gente do Peloponeso...

Os Jogos Olympicos da velha Hellade!

O ceu azul encurvava-se, amoroso e alegre, fulgido de sol, sobre a arena que se dilatava, num immenso quadrado, cercada de porticos alvos. Fóra da área dos jogos, ficavam as piscinas de marmore. O barulho da agua corrente cantava perto. Homens de carne moça, de fortes musculos endurecidos pelo exercicio violento, — gente sobria, que se alimentava com um punhado de azeitonas, uma sardinha e um pouco de agua pura, — saíam nús do banho, dando aos beijos do sol os corpos apollineos, esfregavam-se com almofaças de pellos asperos, untavam a pelle com oleos aromaticos, e em tres saltos felinos chegavam á arena...

Sobre os degraus de pedra do amphitheatro, a multidão esperava em silencio, a cabeça descoberta, os pés em sandalias de couro, com uma simples tunica sobre o corpo. No centro, os juizes, coroados de louro e carvalho, numa attitude de deuses, deixavam cair, arrastados no pó, os largos mantos de purpura. E um arauto, perto d'elles, esperava o nome do vencedor para o annunciar, pela fanfarra da sua voz retumbante, á assembléa, ao paiz e á gloria.

Eram, primeiro, as corridas a pé, derredor do estadio. Os pés firmes batiam a terra numa cadencia triumphal. Uma nuvem de poeira dourada cobria, irizando-se ao sol, a massa humana que voava. Depois, eram as corridas de carros: as leves bigas e as pesadas quadrigas, tiradas por cavallos em pello, disparavam num estridor de patas e ferragens... Depois, a multidão agitava-se, esmagava-se, pisava-se, anciosa: e o exercicio do pentathlo começava.

Firmavam-se os athletas em pontas de pés, encurtavam o corpo aprestando-o para o salto, con-

trahiam todos os musculos ; e, de repente, como arcos dobrados que se distendem violentamente, rompiam do solo com a impetuosidade de molas de aço e arrojavam-se gloriosamente para o ar. E essa ascensão enthusiasmava a multidão : os espectadores viam alli a subida victoriosa da raça para a perfeição divina, para o seio do Olympo, para a gloria da immortalidade...

Os escravos traziam então os discos e os dardos. Biceps de bronze inchavam em braços de marmore. As garrochas finas e agudas partiam, silvando, zunindo, e cravavam-se fundo no alvo, com uma palpitação em todas as suas plumas ; e o rumor claro dos discos entrechocados cantava no ar.

E, subitamente, dois moços, grandes e bellos, mediam-se com os olhos, estirando os braços apertados em braçoes de couro, e amplexavam-se. Um silencio ancioso pairava sobre o circo : e nessa mudez completa da multidão, soava alto o resfolego dos lutadores, cujos corpos estreitamente unidos oscilavam. Os seus ossos estalavam ; o chão da arena tremia ao peso do combate de semi-deuses. E quando um delles caia, offegando sob o joelho do outro, — para o claro azul do ceu deslumbrante subia, como o bramir de uma tempestade, a aclamação da assembléa. O nome do heroe, repetido por vinte mil bocas, voava a todos os confins da Grecia ; e o vencedor dos Jogos Olympicos, empunhando um ramo de oliveira, caminhava em triumpho para a sua cidade natal...

Formosa e offuscante visão !

Como ha de ella reproduzir-se realmente, nesta triste idade moderna ? Ninguem espera que os Jogos Olympicos de Montevideo, este anno, possam com-

petir, em belleza e majestade, com os do Peloponeso, no tempo das Amphyctionias...

Na propria Grecia, em Athenas, ha dois annos, houve uma reproducção da cerimonia antiga. O ceu era o mesmo do tempo de Pericles e do tempo de Sophocles; e os architectos tinham restaurado, com uma fidelidade escrupulosa, a velha arena, onde se resuscitou a gloria do pentathlo, diante de uma assistencia de dez mil pessoas, da qual faziam parte as familias reaes da Grecia, da Inglaterra e da Italia...

Mas, ó deuses immortaes! a gente é que já não era a mesma... E fóra da arena, os *book-makers* vendiam *poules*; e, nos intervallos da funcção, os reis da Italia, da Inglaterra e da Grecia bebiam *champagne frappé* e comiam *sandwiches de foie gras*...

Oh! pouco importa! Os cyclos historicos não se reproduzem. Não ha hoje athletas que se contentem com a ração diaria de um punhado de azeitonas, uma sardinha e uma tarraçada de agua fresca. Demais, todos nós precisamos ganhar a vida... A vida, na Hellade, era a lavoura, a gymnastica, o canto e a guerra; e, hoje, a vida é uma complicação infernal! Se fossemos dedicar dez horas por dia ao exercicio physico, — seriamos demittidos dos nossos empregos e acabariamos na rua a pedir esmola!

Mas este enthusiasmo que os *sports* despertam, esta animação com que se annunciam e esperam Jogos Olympicos, esta convicção com que toda a gente contemporanea préga e pratica a religião do exercicio physico, indicam ao menos que todos temos consciencia do depauperamento da especie e do perigo que ella corre. Somos, ao menos, doentes que procuramos a salvação. Não somos suicidas.

É inevitavel, sem duvida, a extincção gradual da nossa robustez. O corpo humano, dentro de uns mil ou dois mil annos, será quasi exclusivamente

um aparelho nervoso. Os homens do anno 3000 serão uns anões enfiados e feissimos, possuidores de pernas curtas e finas como palitos e de cerebros enormes como melancias... Mas o *sport* sempre ha de retardar um pouco a irremediavel catastrophe. E o dever de quem vive é procurar por todos os meios conservar a vida.

Applaudamos, por isso, a mania do *sport*, — abstando-nos apenas dos *sports* perversos, que só se podem exercer com sacrificio da vida dos outros animaes, nossos irmãos inferiores. Se com o exercicio do *sport* queremos conservar a nossa vida individual e a vida da nossa especie, — não esqueçamos que os outros animaes e as outras especies tambem devem ter o direito de viver!

(1908)

MARTE

Marte, o planeta rubi, está na ordem do dia.

Em todos os observatorios da terra, os astrónomos não se cansam de mirar o formoso mundo ignoto, designado pelos homens da terra com o nome do guerreiro deus, cujas façanhas amorosas cobriram de ridiculo o coxo Vulcano. Um amigo dos mysterios do ceu julgou ver, durante certa noite de pertinaz contemplação, signaes luminosos na rutilante face do planeta. . . Tanto bastou para que se incendiasse a imaginação humana : todos os telescopios se voltam anciosamente para o ponto em que Marte apparece, e não ha poeta que, mirando a sua luz offuscante, não solte as redeas ao sonho.

Em vão, a gente prática opina que isso é ridiculo e inutil ; em vão, com uma ironia maliciosa, Edison faz notar que não deve querer saber o que se passa no seio de Marte quem ainda não conseguiu saber o que se passa no cimo do Himalaya ; em vão ! — os sonhadores não se resignam a abandonar o sonho, e já vai engrossando a legião dos que, com Flammarion á frente, acreditam firmemente que os marcianos estão a fazer-nos perguntas luminosas.

Emfim, não é difficil admittir que esses rubros seres do outro mundo, se é que existem, procurem conversar com os seres dos mundos irmãos ; a curiosidade não deve ser privilegio nosso, nem a bisbilhotice

pode ser uma mania exclusivamente terrestre. Mas o que é mais difficil de acreditar é que os signaes de Marte sejam feitos justamente a esta miseravel pilula que habitamos...

Ai ! irmãos ! que sempre haveis de ser uns chouricinhos de vaidade !

Lembrai-vos que Marte é um planeta fidalgo, que deve desprezar profundamente a Terra. Venus, a sua amada dos tempos do Olympo, Venus, que por amor d'elle deixou marido e filhos, — essa mesma já não deve seduzil-o muito actualmente : todas as adulações de Marte devem ser endereçadas a Neptuno, que é cincoenta vezes maior do que a Terra ; a Úrano, que erra pelo espaço escoltado por Umbriel, Ariel, Titania e Oberon ; ao monstruoso Saturno, o gigante coroadado, viajando dentro do seu immenso anel de chammas ; e a Jupiter, o Formidavel, dominador do systema solar, imperador dos planetas, gloria do firmamento e assombro dos astros !

A Terra é uma pobre pipoca que só pode fazer inveja ao pequenino Mercurio, a esse Benjamin do systema, o caçula da familia, o mais criança, o que por ultimo se libertou dos cueiros da nebulosa primitiva...

Marte é um senhor fidalgo e rico. Emquanto a Terra se contenta com uma só lua e com um anno de trezentos e sessenta e cinco dias, esse planeta, que vive agora a queimar foguetes e fogos de bengala, anda acompanhado de duas luas, Deimos e Phobos, e inventou para seu uso particular annos de seiscentos e sessenta e sete dias !

Pois ha de ser justamente á Terra que se hão de dirigir, anciosos, os marcianos ? Mal comparando, isso seria como se um de nós, precisando urgentemente de quinhentos contos de réis, fosse pedir essa

quantia a um chronista, em vez de ir pedil-a ao Sr. barão de Rothschild...

E é preciso notar que Marte, sendo mais velho do que a Terra, e devendo por isso ser mais educado e sabio, deve a esta hora estar perfeitamente informado do que se passa por aqui. Francamente : julgam os senhores que, a ser isso verdade, nutram os marcianos o absurdo desejo de ser amigos nossos ?

O mais curioso, em todas essas divagações, é que, sendo Marte o planeta que mais facilmente pode ser estudado por nós, é precisamente aquelle que menos assumpto tem fornecido á imaginação dos poetâs.

Bernardin de St. Pierre sustentava a opinião que os habitantes de Venus são todos dansarinos. Fontenelle dizia que todos os mercurianos são loucos. Para David, os saturnianos têm azas nas costas e nos braços. Para Walf, os neptunianos e os jupiteriaños são entes medonhos, que só têm olhos, — olhos na cabeça, olhos nos pés, olhos nas mãos. Emfim, só dos marcianos ainda ninguem se lembrou de descrever o corpo, a alma, a civilização.

É licito suppor que elles sejam brigadores e azevieiros, se é que o planeta herdou as qualidades do deus. Aquella civilização não deve ser propicia aos homens fracos, nem aos maridos infelizes... Conta-se que uma vez, o terrivel deus obteve uma entrevista com a sua radiante deusa, e, precavido como todo o bom capitão, ordenou que o seu ajudante de campo Alectryão ficasse montando guarda junto ao bosque escolhido para o encontro. Como não é muito divertido fazer de sentinella em casos taes, Alectryão deixou-se dominar pelo somno, e não pode impedir que o irado Vulcano surprehendesse o escandalo. Houve no Olympo um bate-barba feroz, e Marte indignado, transformou o guarda fiel em gallo... Pois, amigos, se os habitantes de Marte herdaram

de quem deu o nome ao seu planeta esses deploráveis costumes, — a educação amorosa d'aquella gente deve ser muito mais perfeita do que a nossa, de maneira que nem mesmo nisso (cousa em que, sem gabolice, somos exímios) poderemos dar-lhe lições.

Não ! não é para aqui que se volvem as almas soffregas daquelles vermelhos e orgulhosos visinhos ! Mais perfeitos do que nós, devem aspirar a uma outra ainda maior perfeição. Que quer dizer a ancia com que acompanhamos a infantil discussão dos astrónomos, senão que esperamos encontrar lá em cima, no seio ardente do grande planeta, qualquer cousa superior, que nos livre e distraia da nossa propria miseria ? esperamos que o acaso abra aos nossos vagos sonhos indefinidos a porta de ouro de uma vida nova, differente d'esta triste vida que nos come a paciencia e a alegria ; procuramos com o olhar inflammado de cubiça a patria da ventura, — a terra abençoada que nunca vimos, mas da qual imaginamos andar exilados para pagar qualquer crime hediondo ; nós queremos Marte, porque estamos nauseados da Terra... E é por isso que Marte deve querer Saturno ou Uranus, Neptuno ou Jupiter...

Abaixai esses indiscretos canudos, ó astrónomos ! cessai de levantar os narizes e as almas para o glorioso Marte, ó poetas ! Marte não cairá jámais na rematada tolice de gastar por nossa causa a sua assombrosa pyrotechnia !

Pode lá perder o seu tempo em namorar a Terra quem já tem a gloria de dormir entre os braços incomparáveis da Mãe do Amor, sobre aquelle collo deslumbrante que tem sido o desespero da esculptura de todos os tempos ? Para traz, vaidosos ! para traz, malucos ! Aquelle mel não é para os vossos beijos...

CARNAVAL

«Mascarados, sede bemvidos! — diz em *Romeu e Julieta* o velho Capuleto — já houve um tempo em que eu também me mascarava, para murmurar amáveis lisonjas ao ouvido das mulheres bonitas!» Quasi todos os velhos cariocas podem dizer o mesmo, porque no Rio de Janeiro o Carnaval já foi a grande festa da cidade, a festa que congregava no mesmo delírio todas as classes e todas as idades.

Muita gente séria, antigamente, suspirava todo o anno pela chegada d'essa epoca feliz.

É que havia logares a que não podia ir, sem grave escandalo, o burguez prudente. Theatros alegres, onde se acotovellavam francezinhas perfumadas, de olhos piscos circulados de olheiras provocantes; hoteis, cujas janellas fulguravam até a madrugada, indicando que lá dentro havia *champagne* e beijos a rodo; casas de tolerancia, cheias de mysterios de amor: todos esses paraísos ficavam vedados aos homens circumspectos, que temiam a maledicencia; um anjo temeroso, o Escandalo, com o gladio de fogo flammejando no ar, ficava postado á porta, como no eden biblico, repellindo as tentativas do mais ousado.

Mas, chegado o Carnaval, o homem serio enfro-nhava a sua seriedade num dominó, amarrava sobre a austera face uma mascara, — e adeus, terrores!

o anjo embainhava a espada, abriam-se as portas do eden e o regabofe começava.

Hoje, para que esperar o Carnaval? Uma tolerancia amavel adoçou os nossos costumes, cujo duro aço se foi convertendo pouco a pouco em molle cera. O regabofe já não se esconde, nem escolhe dia: anda por ahi, em carruagem descoberta, atravessa a rua do Ouvidor sem protesto, entra em todas as confeitarias, e viça e prospera como uma planta bem regada.

É essa a causa da decadencia do Carnaval. Não se attribua essa decadencia á falta de dinheiro. Uma fortuna acaba de ser esbanjada, em trez dias, — e esbanjada em papel picado. Numa revoada contínua, lentamente pairando no ar humido, subindo e descendo ao sabor do vento, mollemente dansando, preguiçosamente caindo sobre a lama que acolchoava as ruas, nesses trez dias de chuva e barulho, o dinheiro appareceu, e desfez-se em confetti, e perdeu-se sem conta nem medida. Em compensação, os mascarados apontavam-se a dedo, contavam-se. A mascara perdeu o seu primitivo encanto. Para cravar soffregamente os dentes na polpa do fruto prohibido, já não é preciso pôr uma mascara no rosto. O fruto saboroso ahi está, ao alcance de todas as mãos, offerecendo-se, dando-se, impondo-se, com uma impudencia que já não offende o duro olhar da Moral. Uma sociedade nova e atarefada, que não dispõe de tempo para ter escrupulos, substituiu a velha sociedade patriarchal: e, assim, a mascara perdeu o seu valor, porque perdeu a sua utilidade.

Mas nem por isso, graças a Deus, o povo deixa de se divertir, nesses trez dias de barulho. Dizem que ficar um homem amassado, molhado, pisado, immundo, resfriado, cheio de ecchymoses e de reumatismos, — pode ser tudo, menos divertimento.

Porque ? Divertimento é tudo quanto é novo, tudo quanto sae da execravel monotonia do ganha-pão e do come-a-horas-certas.

O povo diz bem, na sua pittoresca linguagem, quando um sujeito anda melancolico e bambo sem saber por que : «você precisa castigar esse corpo !» Castigar o corpo — é o melhor remedio para os males da alma ; não ha therapeutica melhor para essas enfermidades mysteriosas, para esses rheumatismos das articulações da alma.

Tu não dormes, tu vives com o cerebro cheio de diabinhos côr de cinza, tu vês em todo o amigo um inimigo, e em toda a vida uma vasta cilada e uma abominavel traição ? Pois anda trez leguas a pé, ou, se encontrares na rua um motim, mette-te nelle, e resigna-te a armazenar nas costas algumas bordoadas : verás que somno consolador, e que alegre despertar, no esplendor de uma convalescença feliz. . .

No tempo do captiveiro, havia escravos que não podiam passar muito tempo, sem uma cura de pancada : quando se lhes aggravava a saudade do castigo, davam para fazer maroteiras que o provocassem, ou iam simplesmente, com um sorriso nos labios, pedir ao feitor que lhes afugentasse do corpo o mau espirito, com a applicação de algumas lambadas generosas. Castigai o corpo, amigos, se quereis trazer tranquilla a alma !

Todos os que se rebellam contra as brutalidades do entrudo e do jogo de confetti, são os primeiros a perder a cabeça, quando caem no amago de uma d'essas batalhas carnavalescas. Tambem é verdade que, segundo o grande Turenne, capitão glorioso que tantas vezes flauteou a morte, «o soldado só perde o medo, quando se deixa embriagar pelo clamor do combate.» Ponham ahi no meio da rua do Ouvidor o mais sizudo de todos os homens sizudos, «erquem-no

de uma duzia de moças alegres que o cubram de confetti e o inundem a bisnagadas, — e, se, d'ahi a uma hora, o sizudo não tiver perdido a compostura e os oculos, e não estiver, com a sobrecasaca esfrangalhada e a cartola amolgada, empenhado com amor e delirio nas mais violentas refregas, — então duvidem do poder do Carnaval e creiam na fortaleza de animo de um conselheiro Acacio !

Contaram os jornaes um caso macabro succedido na terça-feira gorda.

Ia um defunto, a caminho da sua derradeira morada, calmamente estirado no fundo do caixão, ao trote manso da parelha que puxava o carro funebre. Mas, quando o enterro passava por uma praça em que se dava uma delirante batalha de confetti, partiu-se uma das rodas do carro, e o pobre morto ficou para alli, parado, entre as pragas do cocheiro e o delirio dos batalhadores, que, na sua allucinação, não davam conta do que se passava. Tardaram as providencias, a batalha continuou ; de maneira que quando, uma hora depois, o coche negro poudo marchar de novo para o cemiterio, nas coroas de perpetuas roxas se emmaranhavam as serpentinas, e o feretro ia coberto de uma espessa camada de confetti... Ora, bem ! imaginai agora que o homem não estivesse morto, mas simplesmente mergulhado na treva espessa de um somno cataleptico, e que despertasse naquelle momento : cuidais acaso que o redivivo permaneceria transido de horror, meditando no atroz perigo de que acabava de ser milagrosamente salvo ? nada ! o redivivo compraria um sacco de confetti, e num momento saltaria da inercia da morte para a alegria e a agitação do Carnaval.

Não ! não nos revoltemos contra a brutalidade d'esses estouvados brinquedos, que podem rasgar toda

a roupa de um homem, mas que lhe deixam illesa a reputação !

O movimento suffoca o pensamento. E o estrepito, a convulsão, o infernal delirio d'essas loucuras têm ao menos uma grande vantagem : quem nelles se empenha deixa de ouvir durante algumas horas a impertinente voz que cada um de nós tem a soar perpetuamente dentro da alma, — a voz do proprio tédio, do irremediavel enfado de viver...

CARNAVALESÇOS

São uma gente á parte, — quasi uma raça distincta das outras. Os que amam o Carnaval, como amam todas as outras festas, não são dignos do nome de carnavalescos. O carnavalesco é um homem que nasceu para o Carnaval, que vive para o Carnaval, que conta os annos de vida pelos Carnavaes que tem atravessado, e que, na hora da morte, só tem uma tristeza : a de saír da vida sem gozar os Carnavaes incontaveis, que ainda se hão de succeder no Rio de Janeiro pelos seculos sem fim.

Que se hão de succeder no Rio de Janeiro, — escrevi eu. Porque o verdadeiro, o legitimo, o authentico, o unico typo de carnavalesco real é o carnavalesco do Rio de Janeiro. A especie é nossa, unicamente nossa, essencialmente e exclusivamente carioca : só o Rio de Janeiro, com os seus Carnavaes maravilhosos, delirantes e inconfundiveis, possui o verdadeiro carnavalesco.

E não supponham que haja por ahi muitos verdadeiros carnavalescos... Quasi todos os foliões do Carnaval folgam por accidente, ou por imitação, ou por desfastio, ou por enthusiasmo passageiro : folgam dois annos, ou cinco annos, ou dez annos, — e cansam, e recolhem-se á vida séria. Mas o carnavalesco legitimo não tem cansaço nem aposentadoria ; envelhece carnavalesco, e morre carnavalesco ; morre

no seu posto, extenuado pelo Carnaval, entusiasmado pelo Carnaval, devorado pelo Carnaval. O Carnaval é para elle ao mesmo tempo uma paixão absorvente e arruinadora, um vicio indomavel, uma religião fanatica. Para elle, o Carnaval é o unico oasis fresco e perfumado, que se lhe antolha no adusto deserto da vida !

Esse é o verdadeiro carnavalesco. Trabalha todo o anno, pena e súa doze mezes a fio, privando-se de tudo, alimentando-se mal, vestindo-se mal, accumulando somiticamente, anciosamente, allucinadamente, vintem a vintem, os contos de réis que ha de gastar no Carnaval. São doze mezes de sacrificio, de renuncia, de desprendimento : o carnavalesco pensa apenas no Carnaval. Não era maior do que a sua a constancia de Jacob, pastor apaixonado, servindo o velho Labão, pai da formosa Rachel... O carnavalesco, para conquistar o Carnaval, pena toda a vida,

*«Dizendo : mais penára, se não fôra
Para tão grande amor tão curta a vida !...»*

Acontece, ás vezes, que o carnavalesco já não é um rapazola, sem familia e sem deveres sociaes : — é um homem maduro, negociante matriculado, tendo proprio casal e nelle assistindo, tendo mulher e filhos, tendo apolices e commenda. Pouco importa ! é um carnavalesco... Na vida d'esse homem, de vida regrada e equilibrada, o Carnaval é um hiato, é uma syncope, é a annullação completa da sua consciencia de homem e de chefe de familia, é a suspensão absoluta de toda a sua gravidade de negociante e de commendador.

A familia conhece e perdooa a sua paixão : e, no sabbado de Carnaval, eil-o que se despede dos seus, e parte para o delirio, com os olhos accesos em febre,

e o coração rufando um zé-pereira precipitado, — como os antigos paladinos da Cruz partiam para Jerusalém a defender o Santo Sepulcro, ou como os heroes da sciencia partem para o polo a devassar o mysterio das neves eternas. Parte, — e a familia não o vê durante os trez dias fataes ; e, na quarta-feira de cinzas, o carnavalesco volta ao seu lar e ao seu negocio, moido, pisado, contundido, — e muitas vezes com a cara quebrada, — mas sem remorso, sem arrependimento, com o orgulho que dá a consciencia da missão bem cumprida...

Evoco a recordação, neste momento, de alguns carnavalescos authenticos, que tenho conhecido, — e dois, sobre todos, avultam na minha memoria, claramente lembrados.

Um d'elles era um negociante rico, cuja opinião pesava na praça, e cuja firma valia ouro nos bancos. Não tinha vicios : não fumava, não jogava, não bebia, não frequentava cantinas nem chafaricas suspeitas. Era carnavalesco...

Haviam-no feito presidente de uma sociedade de carnavalescos, — e era elle quem pagava a baderna, quem sustentava a gloria do pavilhão do club. E sómente duas vantagens e regalias exigia, em troca das muitas duzias de contos de réis que lhe custava cada anno a sua paixão : a honra de carregar o estandarte social, e o privilegio de dar as *idéas* para os carros de critica no grande prestito da terça-feira.

Quando o conheci, já elle tinha vinte annos de carnavalesco e de fornecedor de *idéas*. E, como eu o cumprimentasse pela fecundidade da sua imaginação, disse-me, apertando a cabeça entre as mãos : « Realmente, eu não sei como esta cabeça ainda pode ter idéas ! Imagine o senhor : vinte Carnavaes !... » E parecia-me realmente acabrunhado e succumbido

ao peso da sua missão ; e eu inclinei-me diante d'elle, saudando-o, como se tivesse diante de mim um Darwin, um Comte, um Spencer, um d'esses criadores de doutrinas e systemas, que atravessam a vida semeando idéas pela immensa extensão do campo moral...

Mas era de vel-o, na terça-feira de Carnaval, no alto do grande carro do estandarte, sobre uma montanha de papelão dourado, empunhando o pavilhão do Club, entre quatro meretrizes que lhe formavam a guarda de honra, — e atravessando a cidade, numa apothese, ao clamor triumphal das fanfarras, sob a abobada chammejante dos arcos de gaz, ao clarão vermelho dos fogos-de-bengala ! A sua face, nedia e escanhoadá, de honrado commerciante, — resplandecia allí como a de um Deus ! Assim devia Baccho partir para a conquista das Indias ! assim deviam os triumphadores romanos entrar em Roma, depois da victoria, precedidos pelos senadores, pelos lictores e pelos buccinadores, entre os despojos da guerra e as riquezas do saque ! Aquella noite só pagava ao carnavalesco todos os seus sacrificios de dinheiro e todos os seus esbanjamentos de idéas... Hoje, esse carnavalesco é morto ; morreu sempre rico, sempre respeitado, sempre honrado, — e sempre carnavalesco. Quanto á causa da morte, não tenho informações seguras : não sei se foi apoplexia proveniente do orgulho de uma d'aquellas noites de triumpho, ou se foi anemia cerebral, proveniente de immoderada criação de idéas...

O outro, cuja figura tenho agora presente ao espirito, era um carnavalesco pobre, — dos que economizam o dinheiro durante todo o anno para gastal-o no Carnaval. Era um guarda-livros. Não lhe escrevo o nome, — nem a alcunha, mais conhecida ainda do que o nome. Era famoso ! fantasiava-se, e

mascarava-se no sabbado, e só tirava a fantasia e a mascara na quarta-feira, para dar entrada num hospital de Ordem Terceira, onde se refazia durante um mez dos estragos dos quatro dias de loucura. Com a continuidade do exercicio carnavalesco, já a sua face adquirira esgares grotescos de mascara, e a sua voz descera a tons afflautados de disfarce de dominó.

A tuberculose acabou por lhe tomar conta do corpo, depois de um dos seus desvairados Carnavaes. Mas ainda o carnavalesco viveu dois ou trez annos, tisiço, — sem abandonar o Carnaval. E nos Carnavaes d'esses dois ou trez annos, — lembro-me bem! — era um spectaculo macabro encontral-o pelas ruas, burlescamente vestido de chita ou de metim, com os ossos do corpo descarnado dansando dentro das pantalonas amplas e da blusa larga, tendo por mascara a sua propria cara escaveirada, em que os olhos ardiãr com o brilho da febre hectica, — e dizendo cousas engraçadas entre dois accessos de losse convulsa. Era um pesadelo!

Alguem, que o conheceu até a morte, contou-me que esta se deu, — ironia da sorte? ou bondade do destino? — num domingo de Carnaval, á hora em que mais atroadora e barbara era pelas ruas a alegria carnavalesca...

Não creio que a morte lhe tenha apparecido com a sua tragica e terrivel majestade habitual. Supponho que, no seu delirio ultimo, ella lhe appareceu como uma Morte de Carnaval, — d'essas que encontramos por ahi, entre os velhos de cabeça enorme e os diabinhos de cauda vermelha, nos *cordões* que, inconscientemente, reproduzem as cerimoniaes comicas e pavorosas da Idade Média.

Assim deve ella ter apparecido, a Morte, ao carnavalesco moribundo, — como uma velha amiga de folia e de pandega. E o carnavalesco arrojou-se

aos seus braços com alegria, e foi valsando com ella, cabriolando com ella, cancanecendo com ella, até com ella cair no grande abysmo negro...

Cousas de carnavalescos ! Não lhes dizia eu que os verdadeiros carnavalescos são uma raça á parte, uma gente que se não parece com as outras gentes, e que nasce carnavalesca para viver carnavalesca e morrer carnavalesca ?

(1901)

NA CHINA

Pena é que o classico typo do chim vendedor de peixe tenha desaparecido do Rio de Janeiro. Não ha quem se não lembre d'esses pobres mercadores ambulantes, de cara amarella e chupada, de raros fios de barba no queixo, e de «olhos cortados á feição de amendoa», — tropegos e magros, carregando as immundas cestas em forma de balança, e grunhindo : «*pé... camalô... camalô... pé...*»

Parece que morreram todos, — de abuso de opio, de febre amarella, de nostalgia. É pena. Se ainda vivessem, sobre elles convergiriam agora todas as attentões, — agora que só se fala de China e chinezes.

O formigueiro acordou : e toda a Europa e todo o mundo vêm, com espanto e colera, a agitação d'aquella innumeravel multidão de rabichos, sacudidos de furia assassina, propagando, em toda a immensa extensão do Imperio Celeste, contra os estrangeiros odiados, o saque, o incendio, a tortura e o exterminio.

Lentamente, com uma pertinacia e uma cautela, que só o mais entranhado odio pode ter, os boxers prepararam a sublevação, armazenando dinheiro e raiva, abastecendo-se de polvora e sêde de sangue, accumulando e concentrando o seu furor.

O vasto tablado, em que a diplomacia européa se banqueteara e bailava, parecia de uma solidez a

toda prova: mas o boxer-cupim estava pacientemente e vorazmente roendo o madeiramento das traves, e o tablado acaba de desabar em sangue e pó.

Já toda a gente se havia habituado a aceitar a China como uma immensa porção de terra, muito porca e muito molle, habitada por uma vermina incontavel, ainda mais molle e mais porca do que a terra, e cheia de muitos kiosques, de muitos mandarins, de muito peculato, de muita preguiça, de muita peste e de muita maroteira. E que velha, que velha e que cacochyma, essa abominavel porção da terra! um historiador diz, textualmente, que os *tempos modernos* da China começaram *dois mil duzentos e cincoenta annos antes de Christo!*

Quem podia lá imaginar que essa podridão, essa velhice, esse mofo, essa ruínia valetudinaria tivessem uma alma, e musculos, e nervos, e patriotismo? E eis que de repente a podridão rebenta em flores de sangue, e a velhice rejuvenesce, e o mofo se muda em seiva, e o patriotismo acorda, como uma cratera, debaixo do gelo morto da ancianidade!

Cousa feia, deve ser aquella!... o chim, quando pacato, já é feio como uma necessidade: — quando furioso, deve ser uma criatura de pesadelo, uma especie de succubo infernal, uma apparição de sabbath. Santo Deus! o chim já é tão amarello quando está calmo! imagine-se o que deve ser um chim, quando está amarello... de raiva!

Ha pouco tempo, todo o mundo ficou pasmado, quando soube que a China tivera um movimento de revolta contra o Japão: mas, logo depois, começaram os telegrammas a contar que os soldados chinezes, quando iam entrar em combate, matavam-se por medo da morte... E a victoria do Japão foi tão facil, tão rapidamente os exercitos do Mikado

dizimaram, massacraram e varreram da face da terra a escoria dos filhos do Ceu, — que o universo se convenceu que a China não passava de um vasto cemiterio povoado de lemures sem carnes, de pobres avantesmas condemnadas a viver sem viver.

Mas não ! cada lemur surge com um punhal, cada avantesma se levanta do seio da treva secular, pedindo sangue e rilhando os dentes. A China, mais ou menos civilizada, segundo o nosso modo singular de comprehender a civilização, tinha inventado, para se defender das invasões dos Tartaros selvagens, a grande muralha de pedra ; hoje, para se defender dos europeus civilizados, a China inventa uma outra muralha de chammas, de horrores, de depredações, de inclemencias, de espantos. Quem foi que galvanizou o cadaver ? quem foi que remexeu o seio do pantano ? quem foi que tocou a rebate no cemiterio ?

Se são verdadeiras as noticias que vêm da Europa, nunca houve na terra tão hedionda tragedia, tão espantosa revolução, tão dilatada carnificina. Um telegramma affirma que o principe fulano mandou degolar quatro mil chins, que se oppunham á chacinha dos estrangeiros. Quatro mil ! as ruas sujas de Pekim tiveram um basto banho de sangue. . . Outros telegrammas contam que, por onde passa o tropel dos Attilas amarells, não fica pedra sobre pedra de casa, nem cabeça sobre tronco humano.

E as noticias do exterminio dos ministros, no dia 6 de julho, são particularmente medonhas : homens e mulheres, diplomatas da mais alta distincção, damas da mais requintada elegancia, — mettidos em vastos caldeirões, cosinhados a fogo lento, entre os uivos da plebe desençabrestada, com os olhos fuzilantes de rancor e as bocas raivando em maldições. . . A cousa é tão allucinante, tão macabramente cruel, que custa a merecer credito. Mas haverá

impossiveis na China ? haverá crueldade de que não sejam capazes as gentes que inventaram a tortura do empalamento e o supplicio do *ling-chi*, que consiste em cortar aos bocadinhos o corpo da victima, conservando-lhe a vida o mais tempo possivel ?

Admittindo mesmo que sejam exageradas as noticias, admittindo que ainda estejam vivos em Pekim os embaixadores das orgulhosas e insaciaveis potencias da Europa, — que terriveis quartos de hora devem os relogios estar marcando para os que habitam as legações assediadas !

Ah ! não é só de rosas a vida diplomatica ! Depois de um jantar delicado, servido em baixela de ouro e prata, depois de um namoro suave entre duas voltas de valsa e duas sonatas de Beethoven, — quem sabe lá o que pode vir ? as bastonadas, o laço de corda no pescoço, a caldeira fumegante na praça publica . . .

Não ha aqui mocinho, estudante de direito, que, na sua *republica* do Braz ou do Caxangá, em S. Paulo ou no Recife, não sonhe dedicar-se um dia á diplomacia, depois de conquistado o diploma de bacharel, o *Abre-te, Sezamo!* de todas as carreiras. É o sonho querido, o sonho mais doce dos brazileiros filhos de familias ricas. Á imaginação fogosa dos rapazes, Talleyrands em germen, a vida diplomatica apparece como um fresco valle povoado de encantos : o dinheiro farto, as honras, os amores variados e faceis, a existencia recheada de pequeninos e saborosos regalos, o trato das cortes fidalgas, as victorias do amor proprio, as conquistas da malicia elegante e da astucia bem educada . . .

Ai ! amigos ! nem só de rosas é feita a vida diplomatica !

Se são verdadeiras as noticias, que horror ! pensar a gente que aquelle ministro de Giers e aquella serena

e elegante madama de Giers, que ha trez annos, em Petropolis, no seu palacete de verão, á margem do Piabanha, eram o encanto da boa sociedade, — foram cosinhados a fogo lento, em Pekim, ao largo reverberar do incendio nas cupolas dos kiosques, e ao ullular da populaça bebeda de odio patinhando numa lama vermelha !

Diabos levem a diplomacia !

(1897)

O BURRO

O burro ? Que ninguem se espante. O burro está na ordem do dia. O burro é o principal assumpto. O burro já figura no *Diario Official* !

Quem ha, por ahi, que leia o *Diario Official* ? Quasi ninguem. Pois é pena. Quem fizesse ante-hontem o sacrificio de folhear as vinte e quatro paginas d'esse massudo repositório de decretos, — teria diante dos olhos os estatutos de uma companhia de seguros sobre a vida dos burros.

Dos burros, senhores ! ninguem leu mal : dos burros !

O' burro ! ó doce e paciente animal, que já o meigo Anacreonte celebrava em versos de ouro, e que já todos os velhos gregos, na Arcadia, prezavam ! só te faltava esta calamidade. . . Porque a idade moderna, ó burro suave, tem esquecido os teus meritos ingratamente, e ingratamente offendido o teu nome. . .

Antigamente, não ! Jacob, quando quiz aplacar a colera de Esaú, offereceu-lhe um burro, symbolo da paz, da concordia e da reconciliação. Quando Samsão quiz exterminar os idolatras, não se serviu de uma queixada de cavallo, senão de uma queixada de burro. Qual foi o animal que reprochou a Balaão os seus peccados ? foi uma burra. Qual foi o

animal que supportou o doce peso de Jesus, no dia de Ramos, quando o Salvador entrou as portas de Jerusalem? foi um burro... Que animal montava o deus Baccho, quando se partiu a conquistar as Indias? — um burro!

Isso para sómente falar da idade biblica e da idade mythologica... Mas, ó quasi-divino animal! o ultimo homem que te tratou com carinho foi aquelle faceiro, aquelle fidalgo, aquelle encantador amigo de todos os animaes, — que se chamou Buffon.

Esse, sentou-se um dia diante de uma bella folha de papel, ageitou em torno dos pulsos os seus bellos punhos de finas rendas, talhou a sua mais linda penna de pato, — e, com um sorriso de bondade na face repousada, começou a traçar o teu retrato: «Humilde e paciente, supporta com coragem os castigos, alimenta-se sobriamente de hervas... Quando tem sêde, só bebe agua limpida, em fontes e riachos que já conhece; não se espoja, como o cavallo, rebolcando-se na lama; até chega a ter medo de molhar os pés, e cuidadosamente evita as poças d'agua... Ama com furor e defende a prole até a morte... E' alegre, brincão e leve na mocidade: só fica teimoso e mau, quando o soffrimento lhe mostra, depois de muitas provações, que os homens são realmente maus...»

Ah! depois d'essa bella ode de Buffon, que é que tens tido, dos homens, ó paciente e humilde trabalhador? chicotadas, murros, jejuns, desprezo, abominação e maldições... Onde se vai o tempo em que eras cantado pela musa de Anacreonte?

Os viajantes medrosos, temendo a altivez do cavallo e a sua independencia, é sobre o teu dorso que viajam; e, como todos os covardes são maus, as tuas pobres virilhas sangram, esporeadas de minuto em minuto, e o teu pobre pescoço perde o pello,

á força de receber chibatadas... Depois, mettem-te entre os varaes de uma carroça, e matam-te a pancada... E ninguem tem pena de ti, quando comido de lazeira, e carregado de annos, de orelha murcha e focinho cheirando o chão, ficas abandonado no caminho ; e ninguem te dá um pouco de capim fresco... ninguem te mitiga a sêde de moribundo... e as crianças atiram-te pedras... E, ó cumulo da maldade ! os homens, quando querem dizer que um homem tem o cerebro tapado como um muro de enxovia, — chamam-lhe... burro !

Agora, já te não falta calamidade nenhuma : já ha uma companhia que te segure a vida e a saúde, em proveito... de quem te possuir. O carroceiro, agora, já nem terá medo de multiplicar sobre o teu pobre lombo as tagantadas : — saberá que, se morreres, uma companhia lhe pagará a tua vida em dinheiro.

Ah ! desgraçado ! até agora, quando morrias, estourado, o teu dono derramava lagrimas sobre o teu cadaver ... Não eram as lagrimas da compaixão : eram as lagrimas do interesse lesado. Mas sempre eram lagrimas. Agora nem isso. Burro morto, burro posto. E assim como ha quem ponha fogo ás casas, para haver o dinheiro das companhias de seguro, haverá quem mate burros, — porque haverá burros que mais valham mortos que vivos...

O burro no seguro ! — não é verdadeiramente fim-de-seculo ?

(1896)

OS BOERS

Um dia, um pobre lavrador, sob a fulguração causticante do sol, ia impellindo a sua charrúa pela terra selvagem do sul da Africa. Era um descendente d'essa forte raça hollandeza, que, em luta constante com o mar, foi a criadora da sua terra, conquistando-a palmo a palmo á voracidade das aguas. Ia impellindo o arado, e levava ás costas a espingarda embalada, para se defender dos zulús ferozes que rodavam perto... De repente, alguma cousa rebrihhou no chão, com um magico esplendor. Seria um raio de sol, brincando nas arestas de um calhau ?

Era ouro ! D'ahi a mezes, toda a Europa tinha os olhos voltados para esse novo El-Dorado, e em poucos annos Johannesburgo, a *golden city*, surgia da terra, cheia da agitação e do borborinho de cem mil habitantes.

Ora, neste momento, as vastas minas do Transvaal não echoam o estrupido das carretas, nem o choque das picaretas ferindo a rocha, nem o estampido das bombas de dynamite. O ouro dorme em paz no seio da terra fecunda. Todos aquelles espadaúdos *boers*, de mãos enormes maltratadas pelo trabalho, de largas barbas em leque, louras como o metal que se extrahe das minas, — deixaram por terra as picaretas e as alavancas, empunharam as carabinas,

todos apercebidos para a guerra, todos dispostos a defender com a ultima gota de sangue a patria que o seu esforço criou.

Gente sabia e rude, educada na estreita severidade da meditação continua da Biblia, — a gente *boer* pensa que a liberdade vale mais que todo o ouro do universo, e destruirá todas as suas minas antes de as deixar cair nas mãos avidas da Inglaterra.

Não é realmente bello ver aquelle pequeno povo, de pé, sereno e intrepido, affrontando a força da mais poderosa nação da terra? Tambem, não é de crer haja actualmente no planeta quem se não apaixone pelo conflicto do Transvaal. A questão Dreyfus sumiu-se, apagou-se da memoria de todo o mundo: agora, quando se abrem os jornaes, o que se procura com anciedade é saber se a Inglaterra leva por diante o capricho da sua ambição, ou se, mais prudente, resolve respeitar o direito sagrado de um povo, que já soube um dia castigar com rara severidade a aventura de Jameson e Cecil Rhodes.

Ah! a fome do ouro! Em que arriscados passos não se mette a gente, por amor do lindo metal, que a Natureza previdente armazenou no seio da terra, disfarçando-o em amalgamas varios, como para esconder da nossa cubiça essa origem perenne de horrores e de sangueiras!

Por amor d'elle, a alma se endurece, o coração fica seco como um areal, afiam-se as unhas á rapina, aguçam-se os dentes á traição, e o espirito, excitado pelas tentações, inventa requintes de crueldade, cria prodigios de astucia

Ainda ha poucos dias, no Prata, a policia descobriu as machinações de um syndicato de nova especie. O syndicato segurava, em qualquer companhia, por uma alta somma, a vida de qualquer ho-

mem robusto, moço, possuidor de uma saude de ferro. Quem é moço e forte tem appetites. Quando viam o seguro regularizado, os prodigiosos malfeteiros abriam ao rapaz, de par em par, a porta do vicio, — aquella *lata porta quæ ducit ad perditionem*, como diz a Biblia. Mettiam-lhe nas algibeiras um punhado de moedas de ouro, introduziam-n'o em todas as rodas sem escrupulos ; bem depressa, o jogo, o alcool e o amor minavam o organismo da victima. E quando a Magra chegava, e entre os braços descarnados suffocava a presa, o syndicato recebia o seguro e ia procurar novos appetites e novas miserias que se deixassem explorar... E' macabro !

Mas, emfim, os crimes que a fome do ouro faz commetter por este ou aquelle individuo, são commettidos ás occultas, e são reprovados, e verberados, e castigados pela sociedade. Os crimes, que a sociedade não reprova nem castiga, são aquelles que ella propria commette, embrulhada nessa capa de salteador que se chama o *interesse da civilização*, e posta por traz d'esse escudo que a gente vagamente conhece pelo nome de *razão de Estado*.

Aggredir um homem para lhe tomar o fruto das suas economias, é uma acção negra que leva a gente ao calabouço e ao patibulo. Mas aggredir um povo para lhe arrebatat a fortuna, a liberdade e a honra, é uma acção gloriosa e bella, que se pratica com uma desfaçatez sem par.

Que se ha de fazer, se a vida é isso mesmo ? Ah ! tu és um povo brioso, mas fraco ? eu, que tenho canhões e soldados, fuzilo-te, esquartejo-te, como-te, e celebro a minha façanha com festas publicas, e agradeço ao Senhor Deus dos exercitos a força que me deu !

E lembrar-se a gente que os delegados á Conferencia da Paz ainda não tiveram tempo para curar

as dyspepsias que adquiriram durante as sessões d'esse congresso humanitario !

Em maio, a rainha da Hollanda pedia a benção do Papa ; o Papa, estendendo na direcção da Hollanda a sua tremula mão transparente, pediu a protecção de Deus e de toda a côrte celeste para aquelles apóstolos do bem ; e abriu-se o Congresso. Por longos mezes, os delegados comeram, amaram, beberam, admiraram Rembrandt, cabecearam de somno no salão das conferencias, pronunciaram discursos que ninguem ouviu, — enquanto os povos, nutrindo uma esperança fallaz, acreditavam que o Espirito Santo estivesse pairando sobre a grave assembléa, inspirando as deliberações em que se devia firmar a tranquillidade do mundo.

Pois, sim ! O Congresso da Paz, como todos os congressos, perdeu a saúde, o tempo, a paciencia e o latim. E mal haviam os congressistas começado a concertar os estomagos arrebatados pelos banquetes internacionaes, — a meiga, a doce, a generosa Inglaterra mostrou logo ter aproveitado as lições pacificas, querendo impôr ao povo livre do Transvaal a sua soberana vontade.

Por Deus ! todo o mundo sabe que a guerra é inevitavel, e que existirá enquanto existir a besta humana com as suas ambições e a sua crueldade. Mas para que mascarar essa crueldade espontanea, natural, irremediavel, fingindo uma bondade que não existe, e fazendo alarde de uma civilização que é a mais descarada mentira ? O negro selvagem da Africa, quando encontra um negro de tribu inimiga, atraca-se com elle, e procura matal-o para comel-o. Mas faz isso naturalmente, e não vive a clamar aos quatro ventos do universo que existe uma cousa chamada Justiça, e não comparece a Congressos de

Paz, e não tem poetas que exaltem as virtudes da sua raça, e não se condecora com o título pomposo de civilizado !

E... o melhor é não ir adiante ! A gente o que deve fazer, é pôr as barbas de molho, e ir tomando cautela, que é o caldo de galinha das sociedades doentes...

(1900)

O RELOGIO DA CATHEDRAL

Como acabam as cousas ! O relógio da Cathedral lá está regulando, como qualquer relógio vulgar, no ramerrão quotidiano, no seu uniforme e estúpido officio de contar os passos do Tempo. Como acabam as cousas ! . . .

Não lhe valia a pena ter permanecido, por dez annos e meio, no nobre emperramento de um sebastianismo ferrenho, para assim, de chofre, sem pudor e sem disfarce, adherir ao regimen negregado !

Não venhais dizer-nos, ó almas scepticas, que o relógio da Cathedral esteve tanto tempo parado pela razão unica e simples de não haver quem lhe desse corda. Não ! a voz do povo, que é a mesma voz de Deus, não se engana : quando ella affirma uma cousa, podeis estar certos que essa cousa é a expressão fiel da mais limpida e inalteravel verdade.

O relógio da Cathedral era dedicado á monarchia. Que fez elle, durante toda a sua vida, senão gryphar com o seu tic-tac sereno todas as phases da existencia imperial ? Pois não era elle quem marcava a hora solenne do baptismo dos imperiaes pimpolhos, a hora alegre dos *Te-Deum laudamus* nos dias de gala, a hora triste das exequias que se celebravam de quando em quando pela alma de qualquer archiduque mais ou menos aparentado com as

excelsas casas dos Braganças e dos Bourbons ? Pois não era elle quem definia e regulava as relações de cordial estima, que, como de justiça, existiam entre D. Pedro, imperador do Brazil, e Deus, imperador dos mundos ?

Quando Sua Majestade, depois de um espectáculo fatigante ou de uma sessão do Instituto Historico, pernoitava no Paço da Cidade, alli, a poucos metros da Cathedral, era a voz esperta d'aquelle relógio que, de quarto em quarto de hora, lhe ia adoçar as insomnias, dedicadas ás cogitações enfadonhas da politica ou aos serenos labores da metrificacão. E, ouvindo a voz sagrada do regulador catholico, Sua Majestade pensava : «Bom amigo ! quantos quartos de hora marcarás ainda da minha existencia ? Quantas vezes tenho ouvido a tua voz, bom amigo ! Menino e moço, quando andava agarrado ás saias das aias, ou quando a primeira barba loura me pungia o queixo alvo, já eu te via e ouvia, regulador fiel da minha fé ! viram-te e ouviram-te os meus filhos e os meus netos; e Deus, que te poz ahi como o chronometro da minha Casa, ha de permittir naturalmente que, como estás marcando os quartos de hora da minha velhice, marques tambem os da velhice dos meus tetranetos, aferrados ao throno perpetuo, com a mesma segurança com que te aferras a essa parede branca ! »

Ai ! a parede branca da Cathedral ficou, e o throno ruiu . . .

Do alto d'essa parede sagrada o relógio fiel viu, cá em baixo, como um mar agitado, o motim republicano. Que era aquillo ? A que iam aquellas tropas ? a que iam aquelles magotes de demagogos dando vivas a Deodoro ? e por que motivo, num simples carro de praça, sem postilhões agaloados e sem escol-

ta ruidosa, passava tão triste o velho imperador, com os olhos marejados de lagrimas ?

E, quando o regulador comprehendeu o que se passava, uma grande dor lhe torturou as entranhas dentadas do machinismo.

Então, era possível aquillo ? então, nunca mais veria elle as cerimoniaes religiosas da Côrte ; as vastas seges douradas atroando os ares com o fragor das suas rodas altas ; os veadores e os camaristas rutilantes de ouro e prata ; as soberbas damas de honor dando aos beijos do sol a pelle encarquilhada dos collos nós ; e a imperatriz pequenina e velhinha, com um sorriso bom na face descorada ; e o alto porte do imperador, já vergado e bambo como um tronco de arvore carcomido pelos annos ;— e o bispo, de mitra e baculo, implorando as bençãos do ceu para todos os rebentos d'aquella estirpe sagrada ; e o povo lá fóra, de boca aberta, pasmando para todo aquelle luxo barato de Côrte burgueza ? ! Então, era possível aquillo ?

E o odio e a indignação ferveram dentro da sua alma de aço . . .

E uma noite, por horas mortas, o velho relógio ouviu um tropel de batalhões. Cordões negros de soldados se estenderam, cercando o Paço, deixando livre o caminho do caes. De minuto em minuto, uma voz de commando soava na treva mysteriosa da tragica noite. Uma lancha silvou, no mar. No ceu impassivel, o impassivel Cruzeiro do Sul não mostrava indignação contra o que via . . . Abafado, ouviu-se o rodar de um coche. O portão do Paço rangeu nos ferrugentos quicios, abriu-se, fechou-se logo com um estrondo de tampa de tumulo. Uma corneta guinchou. A epopéa imperial acabara. O *Alagoas* bufava, com as caldeiras accesas . . . E, comprehendendo tudo, o relógio da Cathedral sentiu que alguma cousa se

quebrava em seu seio. Todas as complicadas molas da sua machina se atropelaram, desandaram, gemeram, num estertor de agonia. E os ponteiros ficaram, por dez annos e meio, paralyzados, agarrados áquella hora sombria...

Dez annos e meio!... Porque esqueceste num só minuto de adhesismo fraco, todos esses cento e vinte seis mezes de intransigencia politica, ó desmoralizado relógio da Cathedral?!

Quanta cousa, nesses dez annos e meio! Parado, no seu feroz embezerramento, viu o regulador tanta mudança, tanta transformação! Viu a multidão cá em baixo borborejar na loucura do ensilhamento; ouviu as conversas dos deputados que passavam chalrando para a Camara; viu Deodoro cair, viu Floriano subir; viu, no mar, a sarabanda dos couraçados em briga; ouviu o sibillo das balas de fuzis, e o ronco dos schrapnells assassinos; viu passar, uma bella manhã, Marcelino, escondendo cautelosamente a garrucha; — quanta cousa, nestes dez annos e meio! E elle parado, e elle teimoso, e elle amuado, e elle feroz, esmoendo em silencio o seu despeito...

Mas não ha despeitos eternos. Quando o velho relógio soube que o Sr. arcebispo ia reabrir ao culto a Cathedral abandonada, estremeceu de espanto: «Como? pois a glorificação do Senhor, naquella santa casa da crença dos Braganças, não era incompativel com a Republica, com um governo de jacobinos sanguisedentos? Como? pois o Sr. arcebispo não temia que, durante a celebração do officio divino, uma onda de Marats maltrapilhos, de Robespierres famelicos invadissem o templo, profanando os vasos consagrados, conspurcando as custodias, chacinando os fieis?! Como? pois era possivel que aquelle tecto não desabasse, sob uma punhada colerica de Deus?!»

E, cada vez mais espantado, o relógio viu abrir-se a porta da Cathedral... Santa Maria! quantas fardas!... então, toda aquella gente de guerra era catholica? então, aquelles mesmos homens duros, que, na tragica noite, haviam empurrado para o mar a familia representante de Deus na terra, tinham a coragem de vir rezar aos pés d'esse mesmo Deus injuriado?!... Santo Christo! e lá vinha todo o cabido, paramentado e grave! e lá vinha o Sr. arcebispo, com a sua meiga face inundada de uma onda ineffavel de alegria, debaixo da fulguração do pallio ondulante! e lá vinham (oh espanto!) segurando as varas de prata do pallio, os generaes, os marechaes, os almirantes!

Mas o que mais espantou o embezerrado regulador não foi ainda isso...

O que mais o espantou foi ver que alli estavam os representantes do presidente da Republica, e, no meio d'elles, quem o diria? o general Cunha, o representante de um Bragança, o plenipotenciario do sobrinho do Exilado, o embaixador de uma Majestade Fidelissima!

E, então, vendo que não lucrava mais nada com o seu embezerramento, o embezerrado desaperrou as molas, e recomeçou a trabalhar...

(1901)

CONTRA A ELECTRICIDADE

Certo amigo meu odeia e amaldiçoa a electricidade: abomina-a, como assassina da poesia, como distribuidora de uma luz excessiva e escandalosa, que já nos não deixa gozar a melancolia das penumbras, em que medra tão bem a delicada flor do sonho.

Foi ante-hontem, sexta-feira, que elle se desmanchou, depois de um calmo jantar, em invectivas contra a luz electrica.

Sexta-feira agoniada, em que muita gente, forçada a sair á noite, teve de resuscitar o uso d'aquellas lanternas de que se serviam os cariocas de 1820, quando, caso raro, tinham de atravessar a cidade depois do toque de recolher.

Jantáramos juntos, quatro amigos, num amplo terraço deslumbradoramente illuminado por festões de lampadas electricas. Tendo começado a jantar ao cair da noite, não sabíamos que a cidade lá fóra estava ás escuras, amortalhada na treva espessa. Descemos, saímos: e doeu-nos nos olhos a escuridão, pondo-nos na alma um vago susto.

Seria uma revolução?

Raros lampiões estavam ainda accesos: um pequenino ponto luminoso, tremulo e vago, piscando, de espaço a espaço, nas ruas lugubres, cheias do es-

pantado vozeio da multidão invisível. O ceu, coberto de nuvens negras, pesava sobre a cidade. Trevas em cima, trevas em baixo; e cada rua era um tunnel, onde os passos dos transeuntes soavam funereamente.

Sómente a Avenida Central, região encantada, onde impera a Fada Electricidade, conservava o seu habitual esplendor: e a faiscação das suas altas lampadas, e a ornamentação fulgurante dos cinematographos, que a bordam de um lado e de outro, contrastavam impressionadoramente com o negror do resto da cidade.

Toda a multidão affluia para a grande via esplendida. A multidão tem medo da treva... Os cafés transbordavam gente; e, á porta de cada cinematographo, uma longa cauda de povo se formava, assaltando a bilheteria. Toda aquella turba queria ficar fóra de casa: a casa, sem gaz, é um tumulto.

Nós quatro, conversando, commentavamos o caso.

Não era a mashorca, felizmente. Havia, apenas, uma parede dos operarios da companhia do gaz. Parede pacifica e platonica, que bem depressa acabaria, como as outras, continuando os pobres trabalhadores a contentar-se com promessas, e prestando o Estado o auxilio da sua força ao Capital, com essa solidariedade que une todos os tyrannos numa inquebrantavel alliança offensiva e defensiva...

Dos quatro, que passeavamos, um era um velho carioca, já cincoentão, e tão amigo da sua cidade que nunca daqui saiu, — nem para ir a Mendes ou á Barra do Pirahy.

E enquanto os outros, com entusiasmo, entoavamos um coro de louvores á fada electricidade, elle caminhava, resmungando cousas incompreensíveis.

Louvavamos a grande fada, que suspendia so-

bre as nossas cabeças aquelles globos fulgurantes, e estendia ao longo dos predios aquelles pendões de luminarias brancas, amarellas, verdes, vermelhas, formando letras e disticos, agglomerando-se em estrellas e crescentes, dando á Avenida um aspecto de zona de milagre, dotada de uma vegetação fantastica de flores e frutos de fogo.

Mas, levados pelo acaso do passeio, enveredámos por uma das ruas transversaes, e de novo a noite nos cobriu, nos rodeou, nos embrulhou no seu manto sinistro. E foi então que o nosso companheiro cincoentão falou, combatendo o nosso entusiasmo :

— A electricidade ! Se vocês soubessem que allivio é para mim um passeio como este, por uma rua trevosa ! Já estou cansado de tanta luz . . . Ainda sou do tempo dos lampiões de azeite. A cidade era pobre, pauperrima. E, como pobre, e honesta, não tinha luxos. Todos jantavam, em casa, ás quatro da tarde. Depois, um pequeno passeio, uma partida de gamão e uma discussão politica nas boticas, uma ou outra novena, uma ou outra visita, e, de longe em longe, um fogo de artificio. Jesus ! actualmente, o fogo de artificio é quotidiano e perpetuo ! Esta orgia de luz embebeda-me, allucina-me, cega-me ! Abençoada seja esta parede, que nos vem dar um pouco de repouso aos olhos e ás almas ! Continuemos a passear por aqui, por estas calmas ruas que ainda os postes da Light não invadiram . . . Tenho a impressão de estar revivendo o tempo antigo. Antigamente, todo o Rio era assim . . .

Um de nós bocejou :

— Não sei que poesia se pode achar na treva . . .

O cincoentão inflammou-se :

— Quer você saber qual é o grande crime da electricidade no Rio ? Matou a poesia do luar ! Os nossos luares, neste ceu incomparavel, sempre fo-

ram famosos. No inverno carioca, uma noite de lua cheia, no ceu escampo, em que desfallecem e morrem todas as estrellas offuscadas, é uma maravilha sem par, cuja contemplação dá poesia e imaginação a todas as criaturas, — até aos mueres das carroças do lixo e aos cachorros vagabundos. O luar do Rio ! foi por causa d'elle que esta cidade teve tantos poetas, no tempo em que ainda havia poetas. Agora, ha... chronistas e burocratas, como este que aqui vai connosco, e que é adorador da electricidade. Quem faz caso do luar, hoje ? Nem o podemos ver ; nem levantamos os olhos para o ceu ; as avenidas e as lampadas electricas captivam toda a nossa attenção ; vivemos a olhar o asphalto ignobil que calcamos aos pés. E ninguem mais vê o luar, quando elle cascadeia em rios de prata pelo pendor das montanhas, e mergulha gladios rutilantes na face arrufada do mar, e chora chuveiros de perolas entre os ramos das arvores. A Electricidade matou o luar !

Tinhamos chegado ao velho largo do Paço. O jardim, Osorio, o chafariz historico, tudo dormia, sob a capa das trevas. Mas, de repente, rasgou-se uma larga brecha na muralha das nuvens que forravam o ceu ; e um luar admiravel, limpido, de uma brancura e de uma maciez de arminho, suavemente se espalhou sobre a dormente amplidão dos canteiros, dos relvados, das calçadas de cimento. Os oitys animaram-se, bracejaram, vestidos de prata viva. Osorio agitou-se sobre o cavallo de bronze, nessa existencia ficticia que a fantasmagoria do luar dá sempre ás cousas inanimadas. O mar, ao longe, resplandeceu, retalhado por uma larga faixa fulgida e trememente. Ficámos os quatro extaticos, suspensos, gozando o espectaculo magnifico. E o cincoentão exclamou, abrindo os braços, com um ar de beatitude na face :

— Abençoada seja a parede dos gazistas, que nos permite ver em toda a sua majestade divina, sem o contraste odioso e concorrência indigna da luz artificial, a tua luz incomparável, ó Diana formosa, caçadora de estrellas, mãe de todas os sonhos, consoladora dos tristes !

Todos nós dissemos :

— Amen !

Cerrou-se de novo o veu das nuvens. Dura tão pouco o que é bello !...

Retrocedemos, e enfiámos os passos pela rua da Assembléa, escuríssima ; longe, irradiava o clarão da Avenida. E o nosso amigo, cerrando o punho, bradou, naquella mesma voz tonitruosa com que o padre Julio Maria amaldiçôa o peccado e os peccadores :

— Maldita sejas, fada perversa, inimiga do luar, Satania abominavel, filha de Belzebú !

(1905)

ERASMO

.....
Imagem que, hontem, estava eu, quieto, entre folhagens amigas, docemente pensando cousas doces, quando recebi uma visita inesperada.

Era manhã. Um pombo, arrepiando as azas, faceirando-se, alongando e esticando o pescoço, andava perto de mim, á roda da companheira, dizendo-lhe segredos. Os cravos e as rosas pompeavam ao sol, voavam borboletas, desmanchavam-se os jasmineiros em aromas. Uma gloriosa manhã de outono, d'este maravilhoso outono carioca, que tem o esplendor da mais bella primavera. Um scenario de idyllio...

Disseram-me que uma pessoa desconhecida queria conversar commigo sobre assumpto grave, de excepcional gravidade.

Entrou essa pessoa, e sentou-se.

Era um homem corpulento, velho, dono de uma face cheia de bondade, com pés de gallinha á roda das palpebras gordas, e um meio sorriso meigo, desabotoado na polpa carnuda dos labios. Trajava á moderna, com decência e apuro. Mas notei que parecia estar mal dentro da roupa. Não estava á vontade. Depois, havia na sua physionomia um não sei que ar perturbador e estranho, qualquer coisa mui-

to velha, muito passada, que falava de seculos mortos e de gerações sumidas...

Por um d'esses presentimentos que se não explicam, comprehendí que alguma cousa terrível se ia passar. Bateu-me o coração presago dentro do peito. Mas o homem, tendo pousado sobre o banco de pedra a sua cartola reluzente, perguntou-me :

— O Sr. lêu hoje os jornaes ?

Vexado, declarei que não. E balbuciei que, por causas varias, por preguiça, por egoismo, por amor da paz, havia muito tempo que não lia jornal nenhum.

Elle sorriu, desabotoou a sobrecasaca, tirou da algibeira uma folha, desdobrou-a, apontou um artigo, e disse :

— Leia !

Li. Era um artigo de Z. Intitulava-se *Apanhados*, e tratava de loucos, de assistencia a alienados, de cousas todas relacionadas com a loucura. Li, e fiquei sabendo que o governo do Estado do Rio, não tendo onde aboletar os loucos fluminenses, fez com o governo da União um contracto, segundo o qual ficam os alienados, mediante um certo pagamento diario, alojados na Casa Triste da praia da Saudade. Fiquei mais sabendo que cada louco fluminense pagava até agora 1\$150 por dia, e que o governo da União declarára não poder mais alimentar e abrigar malucos por tão baixo preço, e passára a exigir a diaria de 1\$217.

Acabei de ler, dobrei a folha, restitui-a ao cavalheiro, e fiquei á espera.

— Meu caro amigo, — disse elle — acho que isto é uma tristeza e um horror ! Mil duzentos e dezete réis por dia ! Como ha de um louco, internado no Hospicio, viver com tão pouco dinheiro ?... Quando, em 1506, eu me doutorei em theologia...

— Mas, então, o senhor em 1506 já era vivo ? !
E elle sorrindo :

— Já. Eu nasci em 1467, em Rotterdam. Eu sou o Erasmo !

— Hein ?

— Eu sou o Erasmo, o autor do *Elogio da Loucura*. Não se espante, não supponha que está sonhando, não se assuste, não grite por soccorro ! Bem vê que lhe não faço mal... Ouça-me. Quando me formei em theologia, ainda antes de escrever o *Elogio da Loucura*, já a sorte dos loucos me interessava singularmente. Depois, viajei muito, corri muito mundo, fui padre, fui professor, servi Jacques IV, Carlos V, Fernando da Hungria, Segismundo da Polonia, Francisco I, Henrique VIII, o papa Clemente, vi muita cousa, estudei muito, vivi muito, — e, quanto mais vivia, mais me interessava pela sorte dos loucos...

Emquanto o homem assim falava, eu estava, como bem devem comprehender, achatado de assombro...

Em torno de nós, o sol flammejava no céu e nas arvores, as flores abriam-se em perfume, os pombos arrulhavam, — mas eu só tinha sentidos para aquillo que ouvia. Como ? pois era possível ? Erasmo ? o grande Erasmo ? um homem morto ha quatro seculos ? !

O grande Erasmo continuou :

— Senhor ! sempre acreditei que os loucos viariam, em certo e determinado tempo, a prestar grandes serviços á humanidade. E eis aqui que chegou esse tempo. O mundo inteiro está perdido. Guerras, injustiças, motins, fome e desordens. Ora, emquanto, cá por fóra, os homens são se desmandam e arrepelam, que fazem os loucos ? Os loucos, dentro dos manicomios, preparam a salvação do mundo, á

espera da hora em que lhes seja confiado o governo das nações. Não ria, senhor, não ria ! Lombroso já provou que todos os grandes homens são mais ou menos malucos. Dante era louco, e escreveu a *Divina Comedia* ; Napoleão era louco, e avassalou o mundo ! Diga-me uma cousa : o Sr. é patriota ?

— Oh ! como não ? ! — exclamei eu, espalmando a mão sobre o peito, como para ardentemente afirmar o meu patriotismo.

— Pois, então, tenha paciencia ! vá para as folhas amparar a causa dos hospedes do Hospicio, porque naquella congregação de cerebros avariados é que está a salvação da sua patria !

Descansou um pouco, e proseguiu :

— O proprio Pangloss, se vivesse hoje, seria incapaz de achar que tudo vai bem no Brazil. Ha uma porção de annos que tudo isto vai á matroca. Ninguem sabe o que quer, como ninguem sabe o que não quer. Ora, toda esta atrapalhação é obra de quem ? E' obra dos homens de juizo ! Em breve, o Brazil, cansado de experimentar o governo dos homens sãos, terá de recorrer ao governo dos loucos. E, nesse dia, que direito terá o Brazil de exigir talento e actividade da parte de homens alimentados á razão de dez tostões por cabeça diariamente ? Não pode ser, senhor ! isto não pode continuar assim ! é preciso que o Estado arranje dinheiro, e alimente com fartura e luxo aquelle viveiro de politicos, aquella *pepinière* de estadistas e salvadores da patria !

E aqui, o grande Erasmo levantou-se, entusiasmado, estendeu o braço, e clamou : — Vá para as folhas, senhor, vá para as folhas !

E saiu, gravemente abotoado na sua sobre-casaca...

HOMENS E BICHOS

Se o tempo fosse meu, e eu d'elle pudesse dispor livremente, esta chronica seria escrita em São Paulo, onde o chronista estaria a esta hora visitando a «Exposição de Animaes», que lá se inaugurou ante-hontem. Mas quem é senhor do tempo? Elle é que é senhor de todos nós e de toda a nossa vida. Quanta cousa agradável e util se deixa de fazer por falta de tempo! por falta de tempo, ha muita gente que morre velha... sem nunca ter vivido.

Lamento não poder ir a São Paulo. Uma Exposição de Animaes é um dos espectaculos mais divertidos e uteis que ao homem é dado apreciar nesta curta e aborrecida existencia. O homem só pode verdadeiramente comprehender quanto deve aos animaes, quando assim os vê reunidos, muitos e variados, de diversas familias e generos, numa Exposição ou num Jardim Zoologico.

Não se comprehende uma grande cidade sem um d'esses viveiros, onde, entre arvores e aguas, vivem e se reproduzem, tratados, alimentados e admirados por nós, os nossos companheiros de residencia na terra.

Um Jardim Zoologico, — se me pode ser permittida esta comparação um pouco amphigúrica, — é uma escola de humanidade. Porque um viveiro

de bichos, com a sua ordem, com a sua paz, com a sua vida calma, sem ambições e sem brigas, é como um espelho magico, em que os homens, organizados em sociedade, podem contemplar e admirar o que poderia ser a sua propria vida, se todos elles tivessem tanto juizo e tanta philosophia como os bois, como os macacos, como as aves, como todos os bichos. O que todos os habitantes de um Jardim Zoologico ambicionam e pedem é pouco : a razão a hora certa, agua fresca, calor de sol, sombra de arvoredos, e socego ; nesse socego, assim que têm o estomago cheio, ficam felizes, — uns meditando e conjecturando, como os bois, que são pensadores ; outros cantando, como os passaros, que são poetas ; outros dormindo, como os porcos, que são epicuristas ; outros saltando e careteando, como os macacos, que são palhaços : e todos gozando a vida ao seu modo, amando quando sentem necessidade de amar, — e nunca se enfurecendo e brigando por causa de emprego, ou de dinheiro, ou de gloria.

O que se inaugurou ante-hontem, em S. Paulo, não foi um Jardim Zoologico : foi uma *Exposição de animaes*, — dos animaes que são mais uteis ao homem, e mais auxilio e dinheiro lhe dão. Essa exposição é uma prova do esforço com que aquelle poderoso Estado está procurando restaurar e desenvolver a sua riqueza pastoril, que a riqueza agricola até agora tinha quasi inteiramente eliminado. Idéa admiravel, idéa fecunda ! Os primeiros homens, que habitaram a terra, foram pastores. Justamente por isso, eram melhores e mais felizes do que nós. A companhia dos animaes melhora e felicita o homem.

Seja como fôr, como seria bom que eu fosse senhor do tempo ! iria a São Paulo, e, a todos aquelles animaes reunidos perguntaria : « Porque não ensi-

nam vocês aos homens o segredo d'essa philosophia? Vocês nascem, vivem, trabalham, cumprem com resignação e paciencia a sua missão na terra, e, quando chega a hora da morte, morrem, sem barulho, ou sob o peso da canga, ou no matadouro, ou de velhice, — mas nunca de desgosto provocado pelas ambições e pelas brigas. E nós, homens, que somos mais intelligentes, mais ricos, mais poderosos, mais felizes do que vocês, não fazemos outra cousa senão brigar, desde o nascimento até a morte: em meninos, brigamos por causa de brinquedos e de comida; em moços, brigamos por causa de mulheres; em maduros, brigamos por causa de dinheiro e de posição; e em velhos, ainda brigamos muitas vezes por causa de todas essas cousas juntas... Porque não nos ensinam vocês essa consoladora e sabia philosophia? !...»

Provavelmente, nenhum dos animaes me daria resposta. Mas o estar alli a olhal-os, a contemplal-os, a admirar a sua serena indifferença, já seria para mim um grande consolo, — tão atrapalhada e inquieta anda a minha pobre alma no meio de tantas brigas. Justos ceus! todos brigam actualmente nesta terra! brigam por causa do café, da conversão, da alfandega, do governo actual, do futuro governo, — por causa do interesse, por causa da politica, por causa do amor, por causa da vaidade! E estou vendo que, d'aqui a pouco, desato a brigar tambem, como homem que sou... para não parecer animal inferior.

E, enquanto nós brigamos uns com os outros, por causa de todas essas cousas, — os argentinos brigam connosco, por causa da sua vaidade ferida...

Dizem os telegrammas que esses visinhos querem agora ter uma Santa, — uma Santa sua, legitimamente sua, que, com especial e patriotico fervor, possa advogar junto de Deus os interesses nacionaes.

A piedosa criatura chamou-se em vida Soror

Maria da Paz, e, se os telegrammas não mentem, já se encetaram com as autoridades ecclesiasticas as necessarias negociações para que essa illustre e virtuosa argentina seja elevada á dignidade dos altares...

Vê-se bem (e já varios jornaes registraram o facto) que isso é uma *desforra*: «Ah! — exclamam os nossos visinhos — vocês têm um Cardeal? pois nós vamos ter uma Santa!»

Justos ceus! a que pavorosas despezas a vontade de brigar é capaz de arrastar os homens e os paes!

Porque ter um Santo ou uma Santa é um luxo caro, carissimo. Uma Santa ou um Santo custam a uma nação os olhos da cara... Nem todos sabem quanto dinheiro é preciso gastar para obter tão alta honra. Em primeiro logar, o processo da canonização dura dezenas e dezenas de annos; o Santo, antes de ser verdadeiramente Santo, tem de passar por diversos estagios: fica sendo, no primeiro grau, *veneravel*; depois, passa a ser *beato*; depois, adquire o nome de *bemaventurado*; — e tudo isso custa um dinheirão, porque o foro ecclesiastico ainda é mais careiro do que o foro civil, e o *Advogado de Deus* e o *Advogado do Diabo*, que funcionam no processo de canonização, apresentam contas de *custas* que só os archimillionarios podem saldar.

Emfim, como a Republica Argentina é muito rica, — é o caso de dizer que mais vale um gosto do que quatro vintens...

O Brazil, ha 278 annos, pretendeu tambem ter um Santo. Foi, de facto, em 1628, que o papa Urbano VIII mandou iniciar o processo para a beatificação do nosso grande José de Anchieta, esse evangelizador poeta, a quem o padre Jorge Cardoso, no seu *Agiologio Lusitano* chama: «Thaumaturgo da Igreja

militante, trombeta do Evangelho, prodigio da Graça, portento da Natureza, luz da Gentilidade, sol da America, gloria da Companhia etc., não menos de Tenerife (sua patria), ilha principal de Canarias... »

Esse processo de beatificação, iniciado ha duzentos e setenta e oito annos, ainda não foi concluido. Porque ? Não, de certo, porque, no correr dos debates, o *Advogado do Diabo* tenha vencido o *Advogado de Deus*, provando a indignidade do illustre catechista, — mas unicamente porque não houve até agora quem quizesse arcar com as custas do processo. Achámos o luxo muito caro, e contentámo-nos com arranjar um Cardeal, — de graça.

A Argentina, porém, quer ter mais do que isso. Tudo é pretexto para briga, quando ha vontade de brigar. E' a segunda prova que ella nos quer dar, em pouco tempo, da sua orgulhosa superioridade : mandámos construir meia duzia de navios guarda-costas, e ella encommendou logo, ou vae encommendar, cinco mil couraçados, dez mil cruzadores, e vinte mil torpedeiras ; arranjámos um Cardeal, e ella vae arranjar uma Santa !

E agora o vereis : naturalmente, não quereremos ficar atraz, e arranjaremos dois Santos ; ella arranjará mais dez ; nós arranjaremos mais cem ; ella arranjará mais duzentos : e, em breve, por causa da nossa briga, o Supremo Architecto do Universo terá de fazer obras no Ceu, alargando-o, para que elle possa conter todos esses novos Bemaventurados, filhos da nossa emulação !

Oh ! que felizes, que felizes são os bichos, que não precisam de Cardeaes, nem de Santos, nem de esquadras, nem de caixas de conversão, nem de dinheiro, nem de honras !

Mestre Machado de Assis diz, num soneto, que o sol, enfarado da sua soberania de astro, inveja a vida dos insectos :

«Por que não nasci eu um simples vagalume? !»

Eu, como homem, tambem tenho ás vezes esse desejo : ser bicho, grande ou pequeno, quadrupede ou alado, — para não brigar com os outros, e para que os outros não briguem commigo.

(1906)

OS BOMBEIROS

Festeja-se hoje, no Rio de Janeiro, o jubileu do Corpo de Bombeiros. Cincoenta annos de heroismo, cincoenta annos de dedicação. Cincoenta annos de luta implacavel e gloriosa, contra um inimigo insidioso e feroz, cincoenta annos de abnegado sacrificio e de trabalho arriscado, em pról da cidade...

Os antigos kabalistas acreditavam na existencia de imponderaveis genios invisiveis, filhos das chammas, vivendo nas entranhas igneas da terra, — e reinando soberanamente sobre as regiões do fogo. Chamavam-se «salamandras» esses gnomo flammi-vomos... O povo, que é credulo, mas só acredita bem naquillo que vê, sentiu a necessidade de corporificar essa abstracção dos kabalistas, — e deu o nome e os attributos da «salamandra» a um pobre reptil batrachio, timido, feio, fraco, cego, surdo, inoffensivo, que nunca viveu dentro do fogo, que nunca a ninguem fez mal, mas que, apesar d'isso, ficou, por muito tempo, gozando de uma pessima e calumniosa reputação. Hoje, não ha mais quem dê credito a essa fabula: mas...

Mas as salamandras existem. Não são gnomo invisiveis, nem repteis pequeninos e repugnantes: são homens, homens bravos e fortes, que vivem no fogo, entre as chammas assassinas, — não para

actival-as e aproveitall-as contra os outros homens, mas para subjugal-as e anniquilal-as. Salamandras bemfazejas, que não tendes medo do fogo, e viveis dentro d'elle— a zombar do seu poder e annullar a sua furia, — salamandras, que tendes hoje o vosso dia de gloria e de festa, é bem justo que toda a população carioca se congregue, neste dia, para vos festejar !

Na praça da Republica, dentro de um immenso quartel, do centro de um vasto pateo, sobe para o ceu uma altissima torre. Lá em cima, cercado de trevas e silencio, sósinho no seio augusto da noite, dominando a cidade que dorme, sob a paz estrellada do firmamento, — attento, alerta, aguçando o olhar, que fura a escuridão, vela um homem...

A cidade dorme. Fatigada da labuta diaria, esfalfada pelas suas ambições, extenuada pelas suas lutas, abatida pelo excesso de sua vibração diurna, estafada pela febre das suas paixões, a cidade caiu no seu lethargo de todas as noites. Calaram-se as ultimas vozes da multidão, cessaram os ultimos estos do trabalho e do prazer, recolheram-se os ultimos noctivagos, fecharam-se como tumulos todas as casas.

Do alto da sua altissima torre, sósinho na altura calada, o vigilante escruta com o olhar attento a metropole que dorme. O seu olhar varre o horizonte. . . Correndo as ruas, apinhando-se nas praças, galgando os outeiros, precipitando-se pelas ladeiras, em reticencias de ouro fulgido, piscam vagamente na sombra os candieiros da iluminação publica. Mas a sua claridade incerta não espanca as sombras nocturnas. Em torno d'elles, abaixo d'elles, acima d'elles, o olhar do vigilante vê apenas a treva, a treva espessa e informe, a treva mysteriosa, em que parece reboar,

num surdo lamento, o abafado offego do milhão de criaturas, que dentro d'ella repousam, mergulhadas no somno irmão e visinho da morte...

Que busca, nas trevas, esse olhar ancioso, a leste e a oeste, ao norte e ao sul, sondando o mysterio da noite cerrada ?

Esse olhar vigia o acaso e a maldade : é o olhar previdente e arguto, abnegado e perspicaz, incansavel e generoso, que vela pela segurança, pela propriedade, pela fortuna, pela vida de todos nós. É o olhar que espia o incendio, é o olhar, que, ás ciladas do fogo, oppõe a previsão do soccorro.

Vigia o acaso e a maldade... Com esses dois inimigos, como poderíamos dormir tranquillos, se não fosse a perpetua vigilancia d'aquelles olhos attentos? O acaso é um inimigo terrivel, com a sua irresponsabilidade e a sua inconsciencia. Uma fagulha caída de qualquer chaminé, ou a explosão de um candieiro de petroleo, ou o fogo mal extinto da lareira que desperta ao sopro do vento, — podem incendiar uma casa e um quarteirão. Mas a maldade humana ainda é mais terrivel do que o acaso : o incendio é, ás vezes, muitas vezes, o salvador da «quebra» : e que lhe importa ao incendiario a vida dos incautos ? que lhe importa a ruina da gente desprevenida que o cerca ? — uma lata de kerosene e um estopim de polvora custam tão pouco ! ...

Mas, do alto da sua torre, o vigilante espia o inimigo.

E notai : o seu olhar fixou-se agora num certo ponto da cidade que dorme aos seus pés ; elle está vendo, com a agudeza da sua vista educada, alguma cousa que o nosso olhar inexperto não poderá lobrigar. Não é um clarão : é um sub-clarão indistincto e vago, um rubor indeciso, um tenue diluculo que mal aponta na treva... Um alto grito soa na solidão da noite ;

retinem campainhas ; gritam clarins... Como por milagre, num minuto, num segundo, num instante, o quartel acorda, e vive ; — é o nada que desperta e vibra, ao mando de um *fiat* omnipotente. Ardem fachos, espancando a noite ; vozes de commando, rapidas e claras, cruzam na azafama geral ; chia nas bombas o vapor ; de si mesmos, docil e intelligentemente, collocam-se os muares entre os varaes dos carros ; de cada canto surge uma figura humana, a que o clarão dos porta-luzes fumegantes dá um aspecto fantastico... E a phalange salvadora, num estrepito de rodas, num patear de cavallo, num campainhar frenetico, abala para o logar do desastre... E, então, começa a tragedia épica e sublime, — a epopeia da coragem e do sacrificio !

Quem ha, por ahi, que já não tenha, ao menos, uma vez, tremido de susto e vibrado de commoção e enthusiasmo, ao ver o trabalho, ao admirar a coragem d'esses bravos bombeiros, entre as chammas ?

Coragem estupenda, — cem vezes mais admiravel do que a dos soldados que affrontam a morte nos campos de batalha. Nos campos de batalha ha as promoções : tal soldado, ao cabo de uma campanha, troca a blusa grosseira de guerreiro humilde pela farda agaloada de capitão, e até pela farda bordada de general. Mas, neste campo de batalha contra o fogo, o heroismo é obscuro, a gloria é anonyma, a recompensa é nulla.

Assombrosa luta ! um homem, fraco, pequenino, humilde, contra o fogo que tudo pode !

Uma espessa atmospherá negra e impenetravel rodeia a casa incendiada... De repente, um grosso jacto de agua espanca e rasga a muralha de fumo ; e, então, vêm-se lá em cima as salamandras heroicas, mourejando entre as labaredas, lambidas e enoveladas por ellas, numa peleja sobrehumana !

Espectaculo que, uma vez contemplado, nunca mais é esquecido... É a luta dos pygmeus contra o briareu de mil braços accessos. Este heroe, rodando no ar a machadinha com que golpeia uma viga carbonizada, resplandece como Vulcano, dentro de uma chuva de áscuas vivas; aquelle debate-se, como Laocoonte, entre as roscas de serpentes igneas; aquell'outro, insensivel ás chammas que lhe remordem a face e as mãos, balança-se, pendurado a uma escada de corda, carregando um invalido, ou uma mulher, ou uma criança, que a sua bravura arrancou das garras de uma horrenda morte; — são as salamandras humanas, os genios do fogo, não filhos d'elle, mas seus inimigos e seus dominadores!

Infelizmente...

Infelizmente, é bem verdade que não ha salamandras a quem o fogo respeite! Tambem estas, muitas vezes, são devoradas por elle... Não ha incendio, de que não saiam mortos ou feridos alguns d'estes valorosos rapazes, que têm hoje o seu dia de festa e de gloria. Este sai da refrega com a face em carne viva, aquelle com a perna esmagada pelo desmoronamento do telhado, aquelle com a cabeça rachada pela queda de um caibro incendiado...

Vós todos, que dormis tranquillos, sem medo do incendio, — porque sabeis que ha quem esteja velando por vós, e quem corra a arriscar cem vezes a propria vida para salvar a vossa, — vós todos deveis concorrer hoje ao Parque da Republica! O dinheiro que derdes servirá para abastecer a caixa de beneficencia d'esses heroes, que, na sua luta contra as chammas, não conquistam galões nem propinas.

Eu, por mim, — se ainda fosse poeta, — dedicar-lhes-ia hoje uma ode, para lhes mostrar quanto os amo...

A TUBERCULOSE

Que fez o Quarto Congresso de Medicina e Cirurgia ? fez uma cousa, talvez uma cousa só ; mas essa vai tornal-o credor de todos os nossos applausos e de todas as nossas benções : chamou a attenção do governo e do povo para a *Liga contra a tuberculose*.

Não queirais que a fria pá de cal da indifferença caia sobre essa nobre e generosa idéa ! dai-lhe a força bastante, para que caida em terra forte, ella germine, cresça, floresça e frutifique, abrindo sobre a miseria das victimas da Voraz uma tenda verde de esperanza e salvação !

Uma das mais bellas paginas do grande poeta das *Orientaes*, é aquella apaixonada pagina povoada de fantasmas :

*«Hélas ! que j'en ai vu mourir de jeunes filles !
C'est le destin. Il faut une proie au trépas.
Il faut que l'herbe tombe au tranchant des faucilles,
Il faut que dans le bal les folâtres quadrilles
Foulent des roses sous leurs pas...»*

Qual de nós, já tendo chegado á idade madura, não poderá dizer o mesmo, com a mesma inconsolavel melancolia ? O Rio de Janeiro é «a cidade em que se morre cedo...»

Todos nós nós apavorávamos quando, ao entrar o verão, entrava com elle a febre amarella, a ceifadora cruel ; todos nós estremeçemos de espanto e de horror, quando se assignala perto a presença do cholera ; todos nós encommendamos a alma a Deus, quando uma peste como a bubonica, vinda de longes Asias, põe o pé no litoral do Brazil. E ninguem pensa nisto : a nossa inimiga maior, a nossa inimiga implacavel vive connosco, hospede importuna e inexoravel, — a perfida, a voraz, a Tisica. . . Ardiam no ceu carioca os raios duros dos sóes de estio ; adoce os nossos ares o inverno suave ; amarelleça o outono as galhadas das acacias urbanas ; meiga, carregue a primavera de flores os rosaes de outubro ; — no estio como no inverno, no outono como na primavera, não des-cansa a tuberculose, a gulosa comedora de pulmões.

Aquella mocinha, que alli vai, cheirosa como uma manhã de setembro, para o theatro ou para o baile,

*«entreaberto bolão, entrefechada rosa,
um pouco de menina e um pouco de mulher,»*

aquella primavera de carne, aquella alvorada de espirito,— vai encontrar, no abrir e fechar da porta do seu camarote no Lyrico, ou no delirio da sua primeira valsa, a emboscada da traidora.

Aquella mãe, robusta e moça, que alli está, dando á boquinha côr de rosa do filho o seio generoso, não imagina que a voraz a espia, pela fresta da porta, namorando-lhe o collo branco e formoso, em que, sanguessuga adorada, a criança haure a vida e o amor.

Aquelle mancebo que além vedes, estudante cheio de vida e esperanças, folheando os seus dictionarios, erguendo os olhos de quando em quando

dos livros para os deixar perdidos num dos sonhos verdes da sua puberdade, — começará d'aquí a pouco a tossir, e a ter febre, e a escarrar a vida com o sangue dos bronchios...

Aquella saltitante e lepida rapariga, que passa, pobrememente vestida, carregando as suas costuras, costureira humilde e bonita, tem tambem á sua espera a perfida, escondida no complicado machinismo da Singer.

Alli, naquelle internato, á hora do estudo ou á hora do recreio, a faminta passeia, entre os grupos dos meninos incautos, deixando o olhar guloso passar voluptuosamente por aquella messe abundante de victimas.

E é ella quem espera o operario ao cabo da labuta; ella, quem espreita o trabalho do homem de letras; ella, quem corre os hospitaes, arrebanhando os organismos mais fracos, para lograr as outras molestias; ella, quem entra, pé ante pé, nos quartéis, como uma ladra, e, debaixo das fardas abotoadas, vai roendo o peito dos soldados...

E todas as idades lhe servem; e todas as carnes são agradaveis ao seu paladar, carnes tenras de crianças, como carnes resequidas de valetudinarios; e, como o cupim insaciavel que tanto come as madeiras baratas como os fidalgos cernes de luxo, a tuberculose chupa a vida dos pobres e a vida dos ricos, mina a existencia dos banqueiros e a existencia dos pés-no-chão.

Faz medo e arrepia a alma, — o pensar nas revelações que ácerca da tuberculose foram feitas no Congresso de Medicina. Não é verdade que chegou o momento de nos unirmos todos, numa cruzada santa, contra a Infame, que nos arranca os filhos dos braços; que leva para o grande nada as nossas irmãs, frias e mirradas sob a alvura das capellas

virginaes ; que vai aos collegios e ás academias dar cabo das sementeiras de servidores da patria ; que deserta tanto berço, e cobre de luto tanto leito nupcial, e suffoca, com o seu beijo envenenado, tanta voz destinada a clamar alto pelo bello e pelo bem ? !

O VICIO LITERARIO

Um jornal assignalou hontem uma feição nova do Rio: «O aspecto dos pontos urbanos em que se vendem jornaes. Feição nova, não propriamente pelos pontos, que são antigos, mas pelo *stock* exposto, que é agora mais volumoso. Com effeito, o Rio conta hoje nada menos de doze diarios, sendo oito da manhã, trez da tarde e um da noite. Assim, a exposição dos vendedores é mais vasta e as pilhas de folhas mais altas. E ha ainda os semanarios, que orçam por numero equivalente, alguns jornaes dos Estados e alguns supplementos illustrados de jornaes estrangeiros.»

Seria esta uma novidade consoladora, se não soubessemos, como affirma o proprio jornal, que o numero dos leitores dos jornaes diarios, no Rio, fica muito áquem de cem mil...

O forasteiro, que por aqui passasse, observando as nossas cousas pela rama, ficaria realmente admirando a nossa cultura: porque deveria ser intensamente culta uma cidade que sustenta oito jornaes diarios. Mas, se dissessemos a esse forasteiro que os analfabetos, na população d'esta cidade, estão na proporção de dois para um, — o homem escancararia os olhos, não podendo comprehender a simultaneidade e a coincidência d'essa prosperidade da imprensa com a falta de instrução popular.

Para fazer cessar o seu pasmo, e restituir-lhe o equilibrio cerebral, seria preciso que lhe explicassemos longamente muitas cousas, — entre as quaes esta, que é de explicação difficil: a prosperidade da imprensa é apenas apparente, e constitue sómente um dos symptomas de certo vicio, que é muito nosso, — o vicio literario.

Não é sem razão que se diz que «o mundo é mal feito». Muito mal feito! O homem é fraco, as virtudes são poucas, os vicios são muitos, o caminho que leva á felicidade é um só e escarpado, e as estradas que levam á ruina são varias e lisas...

Ha mais vicios do que virtudes, — e cada dia se inventam vicios novos. E, se é verdade que foi Deus quem fez aquellas e o Diabo quem inventou e inventa estes, — é força confessar que o genio do mal tem muito mais imaginação e muito mais fertilidade criadora do que o genio do bem...

Mas, de todos os vicios velhos e novos da sociedade brazileira, estou em dizer que o mais espalhado e pernicioso é o literario.

Só quem vive rabiscando chronicas e noticias para os jornaes é que pode saber como é espantosamente numerosa a producção literaria no Brazil. Não ha dia em que não cheguem a cada escriptorio de jornal trez ou quatro volumes de versos e novellas. Vêm do extremo norte, do extremo sul, dos sertões do centro, de todos os pontos do vasto paiz. Já houve uma semana, em que recebi (não ha nisto o menor exagero!) dezoito livros de poezias!

«Publicar um livro!» — é o sonho de todos os adolescentes, e até de todos os homens maduros, nesta harmoniosa terra em que todos os sabiás são poetas e todos os homens são sabiás.

E todos esses livros são editados pelos proprios

autores ! E, quando se pensa no resultado pratico e benefico, que para a industria, o commercio, a lavoura, as sciencias, as artes, e a instrucção do povo, se tiraria de uma outra e melhor applicação do tempo, do dinheiro, do esforço intellectual, da energia moral, da paciencia, da esperança que se gastam inutilmente com a concepção, a composição e a impressão de todos esses folhetos lyricos, — não se pode deixar de sentir certo rancor contra os velhos poetas e os velhos criticos, que, affirmando ser a nossa raça a mais lyrica de toda a terra, injectaram em nós este terrivel e avassalador veneno da mania literaria !

Verdadeira mania, verdadeira doença... Comprehender-se-ia bem a nossa superprodução litteraria, se neste paiz houvesse leitores. Mas não ha. As edições dos livros e folhetos que se publicam não saem das typographias : o autor manda brochar cem ou duzentos exemplares, que dá aos amigos ; e o resto da tiragem é dado em pasto ás traças vorazes, quando não é vendido a peso, para embrulhar manteiga...

Mas o mal não seria grande, se essa mania apenas se manifestasse por meio da publicação continua e torrencial de folhetos de versos e contos...

O que ha de terrivel neste vicio é que fazemos litteratura em tudo, e a proposito de tudo, em todas as idades, em todas as classes, em todas as profissões. É um horror ! Ha litteratura nas mensagens presidenciaes, nos relatorios dos ministros, nos artigos de fundo, nos noticiarios, nos annuncios, nos compendios de mathematica, nos tratados de anatomia, nos códices de pharmacia, nas theses de doutoramento, nas balas-de-estalo, nos annaes do parlamento, nas revistas scientificas, nos manuaes de escripturação mercantil, nas taboas de logarithmos, e até nos quadros estatisticos !

Ainda ha poucos dias, tendo necessidade de verificar alguns apontamentos sobre a meteorologia do Rio de Janeiro, consultei um livro de demographia, escrito por um «homem pratico», por um «homem-de-ciencia», — d'esses que têm a vida regulada como o movimento de um chronometro, e declaram sempre desprezar a poesia, preferindo passar um anno no hospicio entre malucos a passar uma hora num café entre poetas.

Pois aqui tendes a phrase que encontrei no livro d'esse homem ; aqui a tendes, sem a alteração de uma virgula nem de uma letra : «A cidade é sempre *suavemente acariciada* pelas brisas ; de manhã, e á noite, ha os *zephyros chamados terraes* ; e, quando, á tarde, elles deixam de *amenisar a temperatura*, apparecem *as auras consoladoras do mar...*»

Os zephyros chamados terraes ! as auras consoladoras do mar !

Fechei o livro, — e fui procurar informações meteorologicas... nas *Lyras* de Dirceu.

O facto de existirem tantos jornaes em uma cidade em que quasi ninguem lê jornaes, — é uma das consequencias d'esse vicio literario.

Ainda no collegio, fundamos jornaesinhos manuscriptos, em que ensaiamos o primeiro vôo. Não ha lyceus, nem escolas, nem faculdades superiores, nem clubs literarios, que não tenham os seus jornaes. Agora, até as tavernas e os armazens de secos e molhados têm jornaes : *O Pharol do Barateiro*, *A Alalaia dos Freguezes*, *O Bom Mercado*, *A Estrella do Bom Toucinho*, *O Arauto da Carne Seca...*

Quem é capaz de dizer quantos jornalistas ha no Rio de Janeiro ? O jornalismo é a bahia salvadora em que vêm ancorar os naufragos de todas as outras profissões. Todo o homem, que não pode aqui intitular-se outra cousa, logo se lembra de intitular-se

jornalista. As confeitarias, os botequins, os theatros, os clubs de dança, as casas de jogo, todas as casas e todas as ruas da cidade estão cheias de jornalistas!

Mas, enfim, quem lê todos esses jornaes? Lemol-os nós, que os fazemos, — assim como tambem os livros de versos são lidos pelos autores. É um caso de... Não! não posso escrever a comparação que o caso me suggere!

E, enquanto isso, — nada se faz para criar um publico. O analfabetismo progride, engrossado pelas levas de immigrants que nos chegam da Europa. De onde vêm os povoadores que attrahe a Directoria do Povoamento? não vêm da França, nem da Suissa, nem da Inglaterra, nem da Allemanha do Norte, nem da península escandinava, onde não ha homem adulto ou adolescente, que não saiba ler e escrever: — vêm das penínsulas meridionaes da Europa, e da Polonia, e da Armenia, onde ha aldeias inteiras que nunca viram uma carta de *abc*...

Como se o numero dos analfabetos nacionaes não fosse consideravel! Ainda hontem, ao jantar, como falassemos d'estas cousas que sempre me preoccupam, disse-me um amigo: «Quer você horrorizar-se? pois, ouça isto! Ha algum tempo, estive, em Minas, em uma pequena povoação chamada *Os Teixeira*, a 14 leguas de Bello Horizonte, no municipio de Itaúna, perto do rio Paráopeba. Essa aldeia tinha 237 habitantes, — e d'esses 237 habitantes apenas dois sabiam ler! »

Não tratamos de criar um publico, — nem de criar um povo livre. Estamos criando um povo de escravos.

E fundamos jornaes, e publicamos livros de versos e de novellas, e de dia em dia nos dedicamos com maior ardor ao vicio literario...

E este vicio é mais enganador e mais allucinador do que o do opio, porque até nos dá esta illusão de delirio vesânico : a existencia de uma literatura nacional em um paiz que não sabe ler !

(1905)

A GRAPHOLOGIA

Graças vos sejam dadas, Senhor da terra e dos ceus ! Já sabemos por quem vamos ser governados ; e já o caminho social, que temos de percorrer nestes quatro annos, se nos antoja liso e claro, não como uma rua esburacada e cheia de cotovellos insidiosos, mas como uma linda avenida recta e asphaltada.

Graças vos sejam dadas, Senhor ! sómente vos pediamos os nomes dos auxiliares do novo governo ; mas, com a vossa infinita bondade, fostes além do nosso pedido, — e destes-nos tambem a indole, o character, o temperamento, o retrato moral completo do cidadão que nos vai governar.

Foi por intermedio do *Jornal do Commercio* que nos favorecestes com tão preciosa dadiva . . . O *Jornal*, inspirado por vós, recorreu ao Sr. Crépieux-Jamin, e, uma d'estas manhãs, ao acordar, ficámos sabendo que o Sr. Affonso Penna tem taes e taes qualidades, e que, de acordo com essas qualidades, ha de governar de tal modo, queira ou não queira, porque a graphologia não mente e ninguem pode deixar de ser coherente com o talhe da sua propria letra, e com o seu modo de traçar a barra do *l*, e de arredondar as cedilhas, e de recurvar o *til*, e de enfundar a barriga do *b* e do *g* . . .

Uf ! respiremos ! já sabemos o que vai ser de nós !

Antigamente, naquelles tempos bemitos e felizes, em que havia na terra genios poderosos e fadas argutas, em que os astros falavam aos adivinhos, e em que toda a superficie do planeta se povoava de milagres e de assombros, — o nascimento de um principe punha em actividade exercitos de profissionaes do Mysterio.

Eram, primeiramente, as fadas, que logo surgiam á beira do berço do recém-nado, saídas não se sabia de onde, espiando-lhe a face innocente com os seus olhos verdes, e deixando cair sobre elle as suas predições boas ou más, em chuvas de benções ou de agouros.

Depois, convocados pelo rei opulento, vindos dos mais afastados pontos da terra, com a mira nos premios que lhes daria a munificencia real, invadiam a cõrte os astrologos, os magos, os prophetas, os feiticeiros mais celebres.

Os astrologos, do alto da torre mais alta do castello, velavam dias e noites, mirando os astros que luziam como letras de ouro no livro aberto do ceu ; e, estudando esse alphabeto luminoso, juntando as estrellas em syllabas e as constellações em palavras, traduzindo os longos periodos scintillantes das nebulosas, liam nesse almagesto divino a sorte do infante. Ao mesmo tempo, os magos combinavam os traçados syntheticos do *pentacto*, os aeromantes examinavam a forma e o movimento das nuvens, os aelectromantes estudavam o cantar dos gallos, os hydromantes saudavam com o olhar attento o seio limpido das aguas, os geomantes inquiriam a entranha secreta da terra, os pyromantes analysavam o fogo, — e não havia, em torno do castello, uma só cousa que não fosse vista, cheirada, apalpada, gostada, escutada. Ao cabo de longas semanas de vigilia e estudo, estava prompto o horoscopo milagroso : e

ainda o principesinho não tomára o gosto do primeiro mingau, e já o rei sabia que o seu querido pimpolho ia ser isto ou aquillo, — guerreiro ou santo, imperador ou papa, heroe ou poltrão, feliz ou desgraçado.

Nesses tempos, e para esse fim, só não era empregado um processo : a graphologia. A graphologia, sciencia moderna, ainda não nascera. Parece que o primeiro graphologo foi um certo Camillo Baldo, bolonhez, que no seculo XVII publicou um livro sobre as relações da escrita com o character. Nos tempos dos astrologos, dos magos e dos pyromantes, — ainda os Crépieux-Jamin e as madamas de Salberg dormiam somno do nada nesse mysterioso seio das eras, de onde saem successivamente, ao mando de um poder incomprehensivel, os homens e os acontecimentos. Tambem, nesse tempo, a graphologia, se já existisse, não seria de grande utilidade : pouca gente, então, sabia escrever ; os reis eram analphabetos, eram analphabetos os conquistadores e os santos, e apenas alguns monges se dedicavam ao estudo da sciencia do alphabeto, — que era uma das mais occultas de todas as sciencias occultas...

A graphologia é um processo de hoje, um processo adequado a esta era de civilização. Cada era, cada processo. Já não acreditamos que todas as criaturas nascidas cá em baixo tenham a sua sina gravada lá em cima no rutilante expositor das estrellas ; não podemos admittir que uma certa conjunção de astros, verificada hoje, possa d'aqui a cincoenta annos governar a vida do homem que nasceu sob a sua influencia ; — mas acreditamos e admittimos que a alma e o corpo, num mesmo individuo, se relacionam de tal modo, que o character d'esse individuo pode ser revelado por alguns dos seus caracteres physicos ou por alguns dos vestigios que ficam da sua acção e do seu trabalho.

A escrita (dizem os graphologos, — e já o grande Goethe tinha essa mesma opinião) de algum modo faz parte da physionomia do individuo: e Lavater considerava a graphologia como uma secção da physiognomia. O Sr. Crépieux-Jamin é mestre, e mestre consagrado, nessa difficil sciencia. Por isso, devemos aceitar o seu veredicto: a letra do Sr. Affonso Penna é um reflexo das suas qualidades e dos seus defeitos, e pelo estudo do Sr. Crépieux-Jamin ficamos sabendo realmente quem é e o que vale o homem a quem entregámos, por um periodo de quatro annos, a direcção das cousas da nossa terra.

O retratado deve estar satisfeito com o retrato. E todos nós tambem. Escolho, ao acaso, alguns dos qualificativos applicados pelo graphologo ao novo presidente do Brazil: intelligente, activo, habil, sincero, perseverante, leal, energico, affectuoso, despido de vaidade, etc. . .

Todas essas qualidades reunidas fazem de um homem um presidente ideal!

Se os astrologos, os adivinhos e os magos de outr'ora, chamados a dizer sobre a indole futura e o futuro temperamento de algum principe recém-nado, lhe vaticinassem todas essas virtudes, — a cõrte certamente rejubilaria, e o rei cumularia de favores e de honras os prophetas.

Nós, com muito maior razão, devemos estar contentes com o que nos communica o Sr. Crépieux-Jamin. Não se trata agora, como antigamente, de um principe, nascido principe, e tendo forçosamente de reinar, bem ou mal; trata-se, sim, de um governante, já homem, já maduro, escolhido por nós; não se trata tambem de saber que virtudes *lerá* esse governante; trata-se, sim, de saber que virtudes *elle tem*, — virtudes que elle nunca mais perderá, porque já formam parte integrante do seu sangue e da

sua alma. Assim, o que a revelação do Sr. Crépieux-Jamin quer dizer é que nós acertámos, que nós tivemos «dedo», e que a nossa escolha foi ajuizada e prudente. E ahí está como, de um só golpe, o graphologo fez jus a duas gratidões, lisonjeando ao mesmo tempo o governante e os governados...

Agora, o que me parece é que a consulta ao Sr. Crépieux-Jamin deveria ter sido feita antes da eleição. Porque, emfim, o resultado do exame da letra do Sr. Affonso Penna foi satisfatorio; mas imaginemos que o Sr. Crépeux-Jamin, com a probidade professional e a imparcialidade sacerdotal que o caracterizam, nos tivesse mandado dizer o contrario, — isto é: «a escolha foi pessima; esse estadista tem mais defeitos do que qualidades; vocês estão perdidos com tal presidente...» Em que tremenda situação ficaríamos nós, já tendo elegido o presidente e não podendo deselegel-o!

Bom é que isto nos sirva de lição... Para outra vez, d'aqui a quatro annos, quando nos apparecerem candidatos á presidencia da Republica, nós teremos a precaução de pedir-lhes que nos apresentem os seus manifestos em autographo, e sem assignatura; instituiremos uma junta consultiva de graphologos, de que façam parte os mais abalisados Crépieux-Jamin e as mais afamadas madamas de Salberg do mundo; ao exame d'esses luminares da graphologia submittaremos os autographos; — e de antemão ficaremos sabendo quaes os candidatos que pelo seu bom senso, pela sua energia, e pela sua intelligencia podem fazer a felicidade da patria, e quaes os que, pela sua preguiça, ou pela sua intolerancia, ou pela sua insensatez, nos podem arrastar ao krack, á guerra, ou á revolução....

ALMAS PENADAS

Outro fantasma ?... é verdade : outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobishomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impellir ao amor do sobrenatural : o aspecto melancolico da cidade, estas ruas estreitas, estas casas baixas, e, sobretudo, este residuo de carolice e de *bigolismo* que a educação portugueza nos deixou na alma.

Agora, já se não adormecem as crianças com historias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda ha menos de cincoenta annos, este era um povo de beatos, de papa-santos e jacobeus. Que os homens maduros, que lerem estas linhas, se recordem das lendas ouvidas quando meninos...

Hoje, era a complicada historia de um lobishomem, «filho nascido depois de uma serie de sete filhas, que todas as terças e sextas-feiras saía, pela calada da noite, a correr o fado, visitando sete adros, sete villas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até que uma alma caridosa dizia sete vezes *Ave-Maria*, e elle rebentava dando um grande estouro...» Amanhã, era o caso de uma pobre alma penada, condemnada a viver no gonzo de uma porta ; depois, o estranho successo de uma casa cujas janellas se abriam e fechavam por si

mesmas, ou cujos corredores se enchiam de repente do retinir de correntes invisíveis. Emfim, todo um mundo de tolices e de fantasias.

Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco d'essa primitiva credulidade. Inventar um fantasma, é ainda um magnifico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda d'esse terror, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos apparece é o de Catumby. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro, — como um fantasma de grande e louvavel modestia. E tão esbatido passava o seu vulto na treva, tão subtilmente deslisava ao longo das casas adormecidas, — que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciencia dizer se era duende macho ou duende femea. Alguns juraram ter visto sobre o peito branco do trasgo espessos rolos de veneraveis barbas; outros falavam de pallidas feições de mulher moça; outros affirmavam ter percebido, entre as dobras de um capuz alvo, as rugas e o nariz adunco de uma face de mulher velha. O fantasma não falava, — naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Tambem, ninguem lhe falava, — não por experiencia, mas por medo. Porque, emfim, pode um homem ter nascido num seculo de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Franceza, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo, — e, apezar d'isso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a deshoras, uma avantesma...

Assim, um profundo mysterio cercava a existencia do lobishomem de Catumby, — quando começaram de apparecer vestigios assignalados de sua

passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hostias consagradas da igreja de Catumby, ou que os empregados do cemiterio de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circumspecto pai de familia, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da propria alma. Nada d'isso. Os phenomenos eram outros. D'esta casa sumiram-se as arandelas, d'aquella outra as gallinhas, d'aquella outra as joias... E a policia, finalmente, adquiriu a convicção que o lobishomem, para perpetua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava accumulando novos peccados sobre os peccados antigos, e dando-se á pratica de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as folhas que a policia, competentemente munida de bentinhos e de revólvers, de amuletos e de sabres, assaltou ante-hontem o reducto do fantasma.

Um jornal, dando conta da diligencia, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra, — um velho pardieiro que fica no tope de uma ladeira ingreme, — alguns objectos singulares que pareciam instrumentos «pertencentes a gatunos». E accrescentou: «alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas accesas que os sitiante empunhavam».

Esta nota de morcegos deve ser um *chic* romantico do noticiariista. No fundo da alma de todo o *reporter* ha sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem ha morcegos. Esses feios chiropteros, esses medonhos ratos alados, companheiros classicos do terror nocturno, já não apparecem pelo bairro civilizado de Catumby. Os animaes,

que esvoaçavam espavoridos, eram sem duvida os frangões roubados aos quintaes das casas...

Ai dos fantasmas! e mal dos lobishomens! o seu tempo pasou. Hoje, quando apparecem, dispostos a visitar «sete adros, sete outeiros e sete partidas do mundo» arriscam-se, — tarefa muito menos bella! — a visitar... sete estações policiaes...

(1902)

FÓRA DA VIDA...

Perco-me muitas vezes, por dever profissional, visitando escolas, no alto d'estes morros que entumescem de espaço a espaço a topographia do Rio de Janeiro, — Conceição, Pinto, Livramento, confusos dédalos de ladeiras íngremes, em que se acastellam e equilibram a custo casinhas tristes, de fachadas roídas e janellas tortas, cujo conjunto dá a impressão de um asylo de velhas desamparadas e invalidas, encostando-se e aquecendo-se umas ás outras.

É uma cidade á parte...

O Rio já é uma agglomeração de varias cidades, que pouco a pouco se vão distinguindo, cada uma adquirindo uma physionomia particular, e uma certa autonomia de vida material e espirital. O bairro de Copacabana, por exemplo, um bairro nascido hontem, já tem a sua população fixa, o seu commercio, os seus passeios, os seus clubs, — e até o seu jornal, *O Copacabana*, uma folha diaria cujos redactores escrevem gravemente «os interesses de Copacabana», como escreveriam «os interesses de Roma, ou de Berlim, ou de Nova York»...

Mas de todas essas cidades, que formam a federação das urbes cariocas, a mais original é a que se alastra pelos morros da zona occidental, e onde vive a nossa gente mais pobre, denso formi-

gueiro humano, onde habitualmente se recruta o pessoal barulhento das bernardas, de motins contra a vacinação obrigatoria, contra o augmento do preço das passagens dos bondes, contra a fixação do peso maximo das carroças.

É essa a mais original das nossas sub-cidades. A mais original e a mais triste. Algumas ladeiras d'esses morros não conheceram nunca, por contacto, ou sequer de vista, uma vassoura municipal. Em muitas d'ellas, apodrecem lentamente ao sol, durante semanas e semanas, sob nuvens de moscas, cadaveres de gallinhas e de gatos. E as faces humanas que por lá se encontram têm quasi todas esse ar de asiatica indifferença que vem do largo habito da miseria e do desanimo.

Indifferença por tudo, pelo prazer e pelo soffrimento, pela vida e pela morte...

Ha nesses morros muita gente que nada sabe do que se passa cá em baixo, e cujo espirito só tem como horizonte vital o espaço limitado por duas ou tres ladeiras tortuosas e sujas.

Ha poucos dias, no morro da Conceição, lá no alto, encontrei uma velha mulher, lavadeira, que não vem ao centro da cidade ha trinta e trez annos! Trinta e trez annos, — toda uma existencia!

Foi alli morar, em 1874 e alli tem vivido, sem curiosidade, sem desejos, sem aspirações, ganhando o minguado pão, vendo todos os dias as mesmas pessoas, dormindo todas as noites o mesmo somno, sem comprehender a significação do barulho que estronda na planicie, — conflictos, festas, tragedias, apotheoses, revoluções, lutos, glorias, desgraças... Fizemos cá em baixo a Abolição e a Republica, criámos e destruimos governos, passámos por periodos de vacas gordas e por periodos de vacas magras, mergulhámos de cabeça para baixo no sorve-

douro do «Ensilhamento», andámos beirando o despenhadeiro da bancarrota, rasgámos em avenidas o velho seio urbano, trabalhámos, penámos, gosámos, delirámos, soffremos, — vivemos. E, tão perto materialmente de nós, no seu morro, essa criatura está ha trinta e trez annos tão moralmente afastada de nós, tão separada de facto da nossa vida, como se, recuada no espaço e no tempo, estivesse vivendo no seculo atrazado, e no fundo da China ou da Australia....

Não sei se é desgraça ou felicidade, isso. Talvez seja felicidade : vibrar é soffrer ; quando não é soffrer, é fazer soffrer ; e essas criaturas apagadas e tristes, apathicas e inexpressivas, que vivem fóra da vida, se não têm a gloria de ter praticado algum bem, podem ao menos ter o consolo de não ter praticado mal nenhum, consciente ou inconscientemente...

(1908)

A HISTORIA DE UM ANNO

(1907)

O anno está morto. Não está enterrado, mas está morto. A vida apparente, que ainda o anima, é apenas um clarão indeciso, como esses vagos tons de rosa e ouro que ficam sorrindo no ceu e no cume das montanhas depois do desaparecimento do sol.

O pobre 1907 já deu tudo quanto podia dar. S. Sylvestre já está á espera d'elle, á beira do grande abysmo... Está morto, e bem morto : já nem pode, ao menos, aproveitar-se, para o seu testamento, da lei da liberdade de testar. E, ainda que d'essa lei se podesse aproveitar 1907, que importancia daria o joven 1908 ás ultimas vontades do defunto ? Anno defunto não tem vontades. E anno que nasce não aceita imposições.

Já poderíamos, portanto, fazer o elogio funebre, e a historia de 1907. Tomal-o-iamos no berço, infante amimado e adulado, vel-o-iamos ensaiar os primeiros passos, assistiríamos á explosão luminosa da sua puberdade, acompanhariamos a sua virilidade operosa, e sustental-o-iamos, titubeante, na velhice ; e, ao cabo, diríamos : « não foi um anno muito bom, nem um anno muito mau ; teve taes virtudes e teve taes vicios ; poderia ter sido melhor, mas tambem poderia ter sido peor... » E com esse responso banal e apressado, nos despediríamos do cadaver, para

abrir os braços a 1908, que ahi vem, pimpão e peralta, cheio de promessas e de sorrisos. Pimpão e peralta, como nenhum outro, com um ar marcial, já fardado e armado, trazendo na fita do chapéu o numero com que foi contemplado no sorteio militar.

Mas para que pudessemos escrever, ainda que succinta e rapidamente, a historia de 1907, seria preciso que tivéssemos aqui á mão todos os documentos da sua vida civil, desde a certidão de baptismo. E esses documentos estão de tal modo espalhados, e está fazendo tanto calor, que o trabalho da documentação seria esfalfante e mortal.

Se a vida de um homem, de um só homem, já é tão complexa e complicada, a ponto de obrigar Voltaire a escrever que «é mais difficil fazer uma biographia do que fazer um bom poema», — que dizer da vida de um anno, em que se agitaram e misturaram as complicações das vidas de tantos homens ?

Se houvesse leis e regulamentos a que se pudessem sujeitar os chronistas, gente radicalmente fantasista e insubordinada, — todos elles seriam obrigados, no fim de cada anno, a reler todas as suas chronicas, e a resumil-as numa pagina synthetica, escrevendo assim, para uso e edificação da posteridade, a historia de cada periodo de doze mezes ; no fim de um decennio, as dez chronicas, resumidas annualmente, seriam ainda apertadas e espremidas em uma só chronica ; ao cabo de cada seculo, um historiador trituraria no almofariz da sua critica os elementos das dez historias decennaes, — e estariam assim escritos, sem grande trabalho, os fastos da Civilização...

Mas que chronista se atreveria a reler todas as suas cincoenta e duas chronicas de cada anno ?

A muitas decepções e a muitos desgostos se arrisca quem desenterra opiniões mortas...

Tive um amigo que, no primeiro dia de certo anno, espantado e alarmado pela flagrante irregularidade bohemia da sua vida, resolveu tomar juizo. E, tendo ouvido dizer que não pode haver juizo onde não ha methodo nem experiencia, deliberou esse desajuizado começar vida nova, mantendo, no anno que então principiava, um registro diario de todos os seus actos e pensamentos. E assim viveu, durante os doze mezes, nessa nobre preocupação de ser o historiador de si mesmo. Na primeira pagina do canhenho, escreveu as palavras com que Montaigne abriu os *Essais*: «*Mes défauts s'y liront au vif, mes imperfections et ma forme naïve...*» E, todas as manhãs, abria o livro, e nelle assentava as suas opiniões e os seus actos da vespera, o que pensara, o que fizera, o que ganhara, o que gastara, os seus amores, os seus desgostos, as suas alegrias, as suas coleras, os seus risos...

No fim do anno, na noite de S. Sylvestre, o meu amigo abriu o registro na primeira pagina, e começou a reler o que escrevera de janeiro a dezembro.

Quando acabou a leitura, nascia o primeiro sol do anno novo. E o desgraçado, livido, suando frio, com horror de si mesmo, atirou o livro ao fogo, e jurou que nunca mais repetiria a experiencia! Porque a exhumação era horrenda! As tolices, as contradicções, as injustiças, as vaidades accumulavam-se naquellas paginas, compactamente, avassaladoramente, como as camadas da tiririca em um campo abandonado... As opiniões, que em tal dia elle registrara em tal pagina como opiniões de um alto bom senso, agora lhe pareciam opiniões de jumento. O que, então, se lhe apresentara como um acto de

caridade, agora avultava como um acto de revoltante egoismo. E o exhumador do passado reconhecia que adorara o que deveria ter queimado e queimara o que deveria ter adorado ; que mil vezes confundira a verdade com a mentira, e mil vezes fizera justamente o contrario do que pretendia fazer ; que, com a sua ancia de ser sincero, só conseguira enganar-se a si mesmo ; que negara apoio á innocencia perseguida, e levantara até ás nuvens a insolencia criminosa ; que, para não perder uma phrase engraçada, envenenara muitas vezes a existencia dos seus melhores amigos ; que ferira os corações que mais o amavam, e bajulara o orgulho dos espiritos que mais o desprezavam ; que, emfim, vivera um anno inutil, e que mais lhe valera ter morrido logo no primeiro dia d'esse anno...

Tal foi o resultado da experiencia d'esse homem, que desejou reconstruir todo um anno da sua propria existencia.

E qual seria, ó chronistas meus irmãos ! o resultado da nossa experiencia, se quizessemos exumar e rever, neste fim de anno, o que pensámos e o que escrevemos durante todas as semanas de 1907 ? Cada um de nós ficaria tão revoltado contra si mesmo, que quebraria a penna, e iria procurar outro officio...

Nenhum de nós pode ver com os mesmos olhos, hoje e amanhã, o mesmo facto.

A contradicção é uma condição essencial da vida. Porque a falta de contradicção seria uma estagnação das forças mentaes... Ó meu cerebro de hoje não é o meu cerebro de hontem. Tudo se muda, dentro e fóra do homem. D'ahi, a diversidade das nossas opiniões, que, sobre o mesmo assumpto, variam de dia em dia. A Natureza, — a propria Natureza, á qual os poetas dão o qualificativo de *impassivel*, — tem quatro estações por anno ; — que

muito é que cada um de nós tenha quatro criterios por semana ?

Não ! se houvesse uma lei, que nos obrigasse ao resumo annual de todas as nossas chronicas, nós preferiríamos a morte ao cumprimento d'essa lei. O que lá vai, lá vai.

Não escrevamos a historia do anno, — e não escrevamos a nossa propria historia.

Morra 1907 sem biographia, — e vamos á consoada do Natal !

A CIVILIZAÇÃO

Na Avenida. Cinco horas da tarde...

— Boa tarde!

— Boa tarde? pessima tarde, é o que devemos dizer! Ceu ennevoado, solo humido, um vento gelado que retalha as carnes, bronchites, gripes, rheumatismos. E estamos no Rio de Janeiro, na terra classica do calor! Tambem, tenho visto tantas novidades, nestes ultimos annos, que já nada me espanta. Quando pensei que ainda teria de recorrer aqui, no meu esaldado Rio de Janeiro, ás flanelas grossas com que na Europa costumo desafiar a inclemencia do inverno? Creio que ainda hei de ver a Avenida coberta de neve, e desfolhadas todas as arvores do Passeio Publico, e convertida em duro gelo a agua dos lagos do Parque da Republica. Tempo virá talvez, em que o carioca, em vez de fugir no verão para Petropolis ou para Friburgo, trate de fugir no inverno para o Amazonas ou para a costa da Africa!

— Dizem que as condições de vida de todo o planeta estão atravessando uma crise mysteriosa. Caiu neve em Pariz nos fins de junho... De que dependerá a crise? Da proximidade de Marte? de uma deslocação do eixo da Terra? da passagem do cometa?

— Talvez dependa de tudo isso, e talvez não

dependa de nada d'isso. Toda a Criação sempre foi e sempre ha de ser governada pelo Absurdo. No dia em que todas as cousas fossem explicaveis, no dia em que a Logica presidisse a vida do mundo physico e do mundo moral, a humanidade morreria de tedio. Nós vivemos para não saber, para indagar, para duvidar, para ancisar. Desgraçados serão os que souberem: estancada nelles a fonte da curiosidade e da duvida, a sua existencia passará a ser insipida e desesperada. Felizmente, supponho que nunca ha de chegar essa éra da completa sabedoria. A Terra e a humanidade continuarão a envelhecer, pelos seculos dos seculos, em pleno dominio do contraste, do absurdo e do inesperado.

— Mas a Civilização caminha...

— Já se dizia o mesmo no tempo de Horacio e de Augusto, no tempo de Pericles e Platão. Está claro que a Civilização caminha. Mas ninguem sabe se caminha para diante, ou para trás, ou nem para diante nem para trás, rodando sempre em torno do mesmo ponto. Tudo é illusão! Mal comparando, ou bem comparando, a vida humana é como uma d'essas plataformas giratorias, que se inauguraram, creio eu, na Exposição de Chicago ou de São Luiz. A plataforma caminha num sentido, os que estão sobre ella caminham em sentido contrario, e, afinal, tudo caminha e tudo fica no mesmo lugar. Tudo é illusão!

— Bravo! nunca pensei que o frio fosse capaz de dar-lhe essas idéas... Parece-me que estou aqui, em plena Avenida Central, conversando com o velho sceptico Timocles de Cós, embrulhado num sobretudo castanho.

— Não é o frio que me dá taes idéas, amigo! é a experiencia, é a observação das cousas da vida. Acho que, parecendo ter mudado muito nestes ultimos seculos, realmente a Vida não mudou. A Civilização

é uma chalaça ! Os aspectos variam, mas a essência é sempre a mesma. Olhe ! alli adiante, foi inaugurado hontem um cinematographo aperfeiçoado, que dá aos olhos da gente uma impressão real da vida, luz, cor, movimento . . . Imagine que, por milagre, resuscitasse hoje um homem do tempo antigo, — esse mesmo Timocles de Cós, a que você se referiu ha pouco. Esse homem, vendo os prodigios d'este seculo, sabendo da invenção do telegrapho, e do telephone, e do radium, e indo alli admirar aquelle cinematographo, — deixaria talvez, a principio, por alguns momentos, de ser um sceptico, e acreditaria no progresso da humanidade. Mas, se, depois de contemplar tudo isto, começasse a contemplar a situação moral dos homens, o sorriso da duvida reappareceria nos seus labios ; e elle, continuando a dizer que tudo é illusão, reentraria com prazer no dominio da morte. Porque, emfim, que era o que havia no tempo em que elle viveu, ha tantos seculos ? havia ricos e pobres, felizes e infelizes, intelligentes e estupidos ; e, no ponto de vista politico, havia povos cultos e povos barbaros, os cultos atacando, os barbaros resistindo, — e toda essa luta girando em torno d'este movel : as exigencias do estomago. Mudou porventura a situação ? não é justamente isso o que ainda se vê no mundo ?

— Já adivinho que quer falar do caso de Marrocos . . .

— Adivinhou. Que me diz do caso de Marrocos ? Na Haya, as nações estão tratando da paz . . . É o conclave do amor e da concordia ; de repente, abafando o suave murmurio das phrases de affecto, ha um estrondo sinistro ; é o echo do bombardeio de Casa Blanca. Bonito, hein ?

— Mas, que remedio ? a Civilização precisa caminhar !

— Sem duvida. Mas não esqueça que quem diz Civilização diz commercio, e quem diz commercio diz estomago. Se a França, a Inglaterra, a Allemanha e a Hespanha não tivessem fome, os marroquinos ficariam em paz ; acredita você que, se não houvesse na Africa terras ferteis, e florestas ricas, e minas abundantes, os europeus se dedicariam abnegadamente a «civilizar» os africanos ?

— Mas não confunda, por amor de Deus, estas guerras de hoje, aconselhadas por uma dolorosa necessidade, com as guerras de outr'ora, que eram apenas explosões bestiaes do instincto sanguinario !

— Como ? Mas, meu caro amigo, pode você acreditar que os romanos tenham sido guerreiros por amor da guerra e conquistadores por amor da conquista ? Os romanos eram, antes de tudo, lavradores : conquistavam a terra para cultivar-a e para d'ella tirar o pão. Não era o instincto sanguinario que os impellia : era a fome. Não se illuda ! sempre ha de haver povos cultos e povos barbaros ; e sempre os cultos, sendo os mais espertos e os mais fortes, hão de bombardear, esganar e espoliar os barbaros ; e, como os barbaros sempre se hão de defender, a luta será eterna !

— Mas os barbaros hão de desaparecer ; e, então, a luta cessará.

— Hão de desaparecer ? isso é opinião de civilizado. Veja que o planeta ainda está cheio de barbaros. Considere o que se está passando agora mesmo no Brazil. Veja esta Avenida, este movimento, este esplendor, estes palacios, estes automoveis. Estamos em plena civilização material. E tambem em plena civilização moral : o Brazil está fazendo uma bella figura na Haya, passou por aqui o Turot, vem por ahi o Doumer, temos Academia de Letras, temos conferencias literarias, temos progresso... Entre-

tanto, alli adiante, em S. Paulo, na Lagoa dos Patos, poucos kilometros além de Baurú, uma turma de engenheiros e de operarios foi ha poucos dias trucidada por uma tribu de indios Coroados. O Brazil ainda está cheio de indios selvagens e ferozes. E quantos barbaros ainda ha na Africa, na Asia, em toda a America ?

— Ha muitos. Mas, incontestavelmente, o seu numero diminue. A Civilização caminha !

— Caminha. Bom proveito lhe faça ! Tambem diz a lenda que o Judeu Errante ainda está caminhando . . . Por mais que ella caminhe, sempre ha de encontrar selvagens no caminho. O movimento civilizador nunca será homogeneo e isocrono. Imagine-mos que d'aqui a dois ou tres seculos já todos os homens saibam ler, e tenham moral, e creiam em Deus, como nós . . . Mas, nesse tempo, o que hoje nos parece civilização será barbaria. Haverá homens muito mais cultos do que nós ; esses serão então os civilizados ; e os que, d'esse tempo, tiverem a cultura que temos hoje, parecerão aos outros tão barbaros, quanto nos parecem hoje barbaros os Coroados e os Zulús . . . E sempre haverá fome, descontentamento furia e sangueira ! A Civilização é uma illusão. Tudo é sonho ! Creio que só não é sonho este endiabrado rheumatismo que me está triturando os tornozelos . . . Tudo mais é illusão !

— Mas, então, não vale a pena viver . . .

— Como não vale a pena viver ? ! Que necessidade tem você de comprehender a vida para gozal-a ? Venha d'ahi ! venha jantar commigo. Continuaremos a discutir o caso de Marrocos, jantando. Comendo, é que a gente pode comprehender bem as guerras aconselhadas pelas exigencias do estomago. Venha d'ahi ! Tenho hoje umas admiraveis perdizes recheiadas

de tuberas. Abrirei, para lhe demonstrar que vale a pena viver, duas garrafas do meu velho Burgonha.

— Burgonha ? tuberas ? perdizes ? mas veja que tudo isso faz um mal terrivel aos rheumaticos !

— Quem lh'o disse ? Os medicos ? Os medicos não sabem o que dizem. Tudo é illusão ! Vamos ás perdizes . . .

(1908)

UM AVARENTO

Um dos assumptos palpitantes da vida carioca é actualmente a historia do negociante de gallinhas na praça do Mercado. Esse homem, morrendo, deixou uma grande fortuna, — perto de mil contos de réis ; e trez medicos, que o ajudaram a morrer, querem agora cobrar aos herdeiros os seus honorarios, cuja importancia avaliam em cento e trinta contos.

Ha quem ache exagerado o preço de tão simples serviço ; mas ha tambem quem o considere insignificante, attendendo a que é muito mais difficil ajudar um millionario a morrer do que salvar a vida de um pobretão. . .

Não discuto esse aspecto do assumpto. Cada um dá ao seu trabalho e ao seu officio o valor que mais lhe convém. Assim como um vendedor de gallinhas impõe ao comprador o preço das suas aves, tambem um medico pode impor a um doente, ou aos herdeiros d'elle, o preço da sua assistencia.

O que me interessa no caso não é a morte do negociante de aves : é a sua vida. Juntar mil contos de réis mercando aves e ovos parece-me um d'esses milagres que nem Harpagon seria capaz de realizar.

Imagino o que foi a existencia d'esse homem : uma existencia de machina de contar dinheiro, uma vida totalmente occupada e lentamente devorada pela paixão absorvente da cubiça e da avareza.

E vejo-o na sua acanhada, escura, humida, infecta loja do Mercado, atulhada de jacás, resoante do cacarejo das gallinhas e do pio dos frangos... Vejo-o, voluntariamente prisioneiro naquelle cubiculo, mal alimentado, mal vestido, dormindo sobre uma taboa, limitando todo o horizonte da sua vida material e moral ao espaço comprehendido entre aquellas quatro paredes cheias de gaiolas... Vejo-o vivendo assim dez annos, vinte annos, trinta annos, sem um desejo de gozar, de viajar, de amar, de brilhar... Em torno d'aquella pequena loja, a vida humana tumultuava; os dias passavam, passavam os mezes e os annos; havia motins, festas, revoluções, alaridos de triumpho, gemidos de angustia, clamores de revolta... E, insensivel a tudo, mettido dentro de si mesmo, absorvido pelo seu ideal de avarento, o infeliz vivia alli ganhando dinheiro, contando dinheiro, guardando dinheiro, adorando dinheiro... As unicas commoções e sensações fortes da sua vida consistiam provavelmente nisto: ver adoecer e morrer uma gallinha, ou descobrir no cesto dos ovos um ovo choco. Quem sabe si não foi um d'esses desgostos que lhe causou a doença?

Causou-lhe o desgosto a doença; e causou-lhe a morte a presença dos medicos. Ao ver os trez esculapios, o avarento naturalmente pensou logo no que teria de pagar-lhes pelo tratamento e pela cura; e ficou tão desesperado, que morreu. E mais depressa morreria fulminado pelo espanto, pela colera, pela dor moral, se podesse prever que aquella triplice visita medica ia custar cento e trinta contos.

Se ha outra vida além d'esta, e se nessa outra vida as almas conservam as suas paixões da existencia terrena, a alma do mercador de gallinhas deve estar a esta hora fazendo um calculo apavorante: «Cento e trinta contos! o preço de quarenta mil

gallinhas, o custo de sessenta e cinco mil frangos, o valor de um milhão e trezentos mil ovos !...»

E a pobre alma suspirará :

— Ai ! Senhor Deus ! porque me não destes na vida o dom de adivinhar ? !

E o Senhor, sorrindo, perguntará :

— Para que, alma penada ?

E a alma :

— Ai ! Senhor Deus ! Se eu na vida tivesse o dom de adivinhar, teria levantado o preço das gallinhas, dos frangos e dos ovos, para mais facilmente poder fazer face ás despesas da minha morte !...

(1908)

TYPOS DA RUA

Desappareceu o ultimo dos nossos velhos «typos da rua». Já lá se foram o «Vinte e Nove», o «Tangerina», o «Pai da Criança», o «Caxuxa», sem falar dos velhissimos, como o «Castro Urso», o «Natureza» e o «Obá», que os mancebos de hoje já não conheceram. Dos mais recentes, o unico sobrevivente era o «Grito de Sogra», bufarinheiro de bonecos e dices, que tambem já está a esta hora, no outro mundo, a fazer companhia aos seus companheiros de celebridade barata.

Vi o «Grito de Sogra», pela ultima vez, na Avenida, ao sol da tarde, muito velho, muito sujo, muito murcho, vendendo balões de borracha. Mas já não os apregoava : já não tinha voz. E os balões de borracha estavam tambem velhos e murchos como elle... Creio que foi essa a unica vez que o pobre homem appareceu na Avenida : ficou tonto e apavorado com aquella amplidão, com aquelle barulho, com aquella luz, — e, sentindo-se um anachronismo, desappareceu para sempre. D'aqui a pouco, apparecerão outros : não ha cidade que possa viver sem os seus «typos da rua», sem as suas celebridades grotescas... ou sérias.

Não riamos da celebridade dos «typos da rua» ! É uma celebridade de motejo e assuada, mas, essen-

cialmente, vale tanto quanto as outras de entusiasmo e applauso. Todas nascem de um capricho, e todas morrem por outro capricho do acaso. A moda não regula e governa apenas a largura das calças dos homens e a forma do penteado das senhoras : regula e governa tudo.

Ha famas que ennobrecem e famas que aviltam. Mas, como quem dá a fama é a multidão ignorante e inconsciente, tão pouco vale a fama, que provoca a inveja, como a fama, que provoca o riso. Felizes os que aceitam a notoriedade sómente como um accidente inevitavel na vida, e não fazem d'ella toda a sua preocupação e todo o seu cuidado. Mas quaes são e onde estão esses felizes ? Nós todos damos o pão da boca e a tranquillidade do coração por uma hora de popularidade...

Typo da rua ou magnate do pensamento, da palavra ou da acção, — o homem celebre nunca se deveria orgulhar muito com essa gloria, conferida pela tolice da multidão, que tanto prestigia os vendedores de balões de borracha como os servidores da idéa e do bello.

E, afinal, as celebridades grotescas, se duram pouco, não duram muito menos do que as outras. Celebridades politicas, literarias, artisticas passam, tambem, dissipam-se, extinguem-se. D'aqui a um mez, já ninguem se lembrará do «Grito de Sogra»: d'aqui a cem annos, já ninguem se lembrará de nós, — ó meus companheiros de fugaz nomeada, ó poetas, ó politicos, ó artistas, ó agitadores de idéas ! Umhas celebridades morrem em trinta dias, outras morrem em um seculo : que vale essa differença, diante da eternidade do tempo, que não teve principio e não terá fim ?

Carlyle escreveu, no prefacio d'*Os Heróes*, que «a Historia é a biographia dos grandes homens».

Mas um grande homem, um verdadeiro «grande homem» só apparece na terra de seculo em seculo. E, ás vezes, o intervallo é muito maior: entre Sophocles e Dante foi de dezeseis seculos...

Não riamos da celebridade dos «typos da rua»!
É uma celebridade como qualquer outra...

(1909)

NO JARDIM BOTANICO

Tive saudade de uma velha amiga : a formosa palmeira real de D. João VI. E tive saudade do velho Jardim Botânico, em que pompeia aquella rainha, gloriosa ancian sempre moça, mãe dos milhares de palmeiras que verdejam e sorriem no Rio de Janeiro.

Fui encontrá-la, no recanto do parque em que vive desde 1809, com o sopé do caule protegido por um gradil de ferro, mais bella e joven do que nunca. Levantei os olhos. Pelo espique acima, viçam os lichens, as úsneas, os epidendros de verde desmaiado, — multidão de seres fracos que se agarram á pelle rugosa do colosso, vivendo á farta da seiva generosa que nella circula. Lá em cima, a trinta e cinco metros do solo, balança-se a copa rutilante, como o cocar de um cacique monstruoso, movendo brandamente na luz os seus grandes leques abertos.

As plantas, que se agacham aos pés da rainha, timidamente, se prostram como um bando de escravas. E a palmeira real, altissima e soberba, domina todo o Horto. Devem ter ciumes, devem invejar-a os coqueiros indigenas, as mangueiras de coma alastrada, as gameleiras cobertas de barbas-de-velho, as soqueiras de bambús que gemem com o vento, os gigantescos eucalyptos, e a velha jaqueira a cuja

sombra, como reza a tradição, costumava repousar Frei Leandro do Sacramento, organizador e primeiro director do Horto Fluminense.

Mas, com certeza, quem mais deve odiar a palmeira de D. João VI é uma certa arvore, que está logo á esquerda do portão principal do jardim: segundo Barbosa Rodrigues, essa planta é o unico representante, hoje existente, da floresta virgem que cobria outrora a região. É um itó, uma reliquia de outras éras, um companheiro remanescente da raça livre e selvagem que desapareceu. Á noite, quando o vento o sacode, quem sabe se o barulho das suas folhagens não é o dizer de uma queixa? Talvez o velho itó esteja dizendo: «Porque aqui me deixaram abandonado e feio, a mim, filho da selva primitiva, que dei agazalho e sombra aos tamoyos, que tantas vezes escutei o rumor da poracé barbara, que tantas vezes fui testemunha das batalhas, das festas e dos sacrificios das tribus, — porque aqui me deixaram para assistir, humilhado, ao triumpho irritante d'essa pedante estrangeira, vinda da Ilha de França? Sósinho, de toda a minha raça, aqui vejo a forasteira desmanchar-se em filhos: todos os annos, abre-se a sua longa espatha, carregada de sementes; e eu, desherdado e infecundo, sem belleza e sem descendencia, vejo de junto d'este portão estender-se diante de mim, a perder de vista, a immensa alameda das filhas da perfida usurpadora...»

Mas a palmeira real, se ouve e comprehende essa queixa, deve sorrir com desdem. É ella a rainha! para ella, o primeiro beijo do sol, quando todos os canteiros e todas as moitas, em baixo, ainda estão cheias de sombras; para ella, o primeiro raio de prata da lua; para ella, a primeira caricia das azas dos passaros, que a madrugada acorda; quando

anoitece, quando a treva pesa sobre a face dos lagos, ainda o seu cocar está lá em cima recebendo o adeus da luz derradeira; e é ella, alta noite, no silencio e no recolhimento da Natureza, quem mais de perto fita o formigamento esplendido da Via Lactea...

Foi D. João VI quem a plantou com as suas mãos reaes, em 1809. A planta bemfadada ficou sendo, desde logo, a menina-dos-olhos do administrador Serpa Brandão. O extremado carinho agravou-se em avareza. Quando a rara planta floresceu e frutificou, o administrador, zeloso do thesouro, colheu e queimou as sementes da magnifica oleracea; e, por annos adiante, perseverou na aturada precaução, impedindo que a formosa palmeira se vulgarizasse em muitos exemplares. Haverá alma em palmeiras? Se ha, imagino que esta deveria indignar-se contra a sovynice de Serpa Brandão, contra aquelle crime que a condemnava a uma infecundidade egoista... Mas os escravos do Jardim Botanico tinham fome, não tinham dinheiro, e não eram incorruptiveis; e cedo viram que aquellas sementes lhes dariam uma pequena fortuna. Assim começou o furto, assim começou a escalada nocturna, ás occultas, em quanto o astuto Serpa dormia o somno da innocencia. Os escravos subiam pelo espique, colhiam os frutos, e iam vendel-os. É de crer que a palmeira, agradecida, amorosamente balançando os leques verdes sobre os propagadores da sua suprema belleza, abençoasse o furto...

Grande palmeira de D. João VI, é espantoso que, nesta terra de tantos poetas, ainda ninguem celebrasse a tua gloria centenaria!

ARCHER

Falleceu o commendador Archer, que foi o plantador da floresta da Tijuca. Muitas, muitissimas, das arvores admiraveis que coroam aquella serra, são filhas d'esse homem cujo corpo está hoje sepultado no cemiterio da Ordem do Carmo.

É pena que, em vez de confiar os seus restos mortaes a um cemiterio, não se lhe tenha cavado um tumulo mais digno, no recesso da sua floresta amada, á sombra das grandes arvores plantadas por suas mãos. Uma pedra tosca assignalaria a ultima residencia d'esse amigo da Natureza; e, sobre as letras do seu nome, esculpidas na ara, choveriam, como uma muda e commovida homenagem, as flores que a primavera abrisse nas velhas ramadas, e as folhas amarellas que o outono lhes arrancasse.

Quem nos pode provar que não existam realmente essas divindades florestaes, que os gregos e os romanos adoravam, Dryadas e Hamadryadas, Faunos e Sylvanos, Satyros e Egipans? A terra está cheia de muitas vidas mysteriosas que o nosso olhar não percebe e o nosso espirito não comprehende...

E, se não existem esses numes da floresta, é pena que os homens não continuem illudidos, acreditando na sua existencia. A crença nas divindades

dos bosques e das montanhas impediu durante muitos seculos a devastação das matas : os homens, quando feriam um tronco, feriam-n'o com o braço tremulo e o olhar amedrontado, perguntando a si mesmos se o machado, ao golpear o cerne, não estaria maguando o corpo de uma nympha infeliz...

Faunos e Egipans, Sylvanos e Faunos, Dryadas e Hamadryadas, se existem, ficariam contentes, se porventura o corpo d'esse morto de hontem fosse repousar na terra abençoada da Tijuca, num tumulo modesto, rustico, entre o aroma das plantas e o canto dos passaros, em vez de ir descansar num cemiterio vulgar, sob um feio e banal mausoleu de marmore. E, para embalar o somno do bom amigo das arvores, as nymphas invisiveis dançariam perpetuamente em torno da sua sepultura florida, e o velho deus Pan tiraria da sua velha flauta os sons mais puros e suaves...

AS CARTOMANTES

Os jornaes publicaram, ha dias, uma longa lista de nomes de homens e de mulheres, — principalmente de mulheres, — que se dedicam ao estudo e á pratica da chiromancia, da cartomancia, do somnambulismo, e não sei se tambem da lampadomancia, da alectromancia, da hydromancia, e de outras das innumeraveis sub-sciencias em que se divide a grande sciencia da *mantica*, a cujos sacerdotes Severiano de Rezende dá o nome, admiravelmente bem achado, de «Charlatas do Além».

Parece que a policia, depois de organizar o catalogo estatistico d'essa gente, vai perseguil-a sem piedade, devassando-lhe os antros propheticos, varejando-lhe as cavernas sybillinas, vascolejando-lhe as cryptas mysteriosas, oppondo ao Tarot o Codigo e á tripode de Delphos o banco dos reus.

Dir-se-á, sem maior exame, encarando a cousa pela rama, que a policia se vai assim empenhar num simples e facil trabalho de saneamento moral, perseguindo algumas duzias de exploradores da credulidade publica, com o mesmo direito com que persegue os passadores do «conto do vigario» ou de notas falsas.

Não ha tal. O que a policia vai fazer é pôr a sua mão imprudente numa tradição multiseccular,

numa eterna e indestructivel mentira, criada pelo medo ou pela curiosidade dos primeiros homens, e sustentada pela irremediavel tolice de todos os outros que lhes succederam e lhes hão de succeder no gozo e no soffrimento dos bens e dos males da vida. Querer destruir uma mentira, que ha de viver perpetuamente, e combater uma tolice, contra a qual nunca se ha de achar remedio, — é a preocupação mais vã de quantas podemos ter neste mundo vão. É desde já podemos lamentar que a policia vá perder nesse trabalho ingrato e inutil um tempo preciosissimo, que poderia ser benefica e providencialmente aproveitado em outras emprezas muito mais faceis e urgentes.

A superstição é velha e eterna como a intelligencia.

Que fez a intelligencia, assim que desabrochou, como uma flor luminosa, no primeiro cerebro humano? Quiz saber o que era ella propria, e o que era a humanidade, e o que era a terra, e o que era o universo. E endereçou então a tudo essa grande pergunta anciosa e dolorosa, que ainda não teve resposta...

Naturalmente, a primeira interrogação foi dirigida ao ceu distante e profundo, onde os astros esplendem, na sua eterna viagem, cegando-nos com o seu brilho e intrigando-nos com o seu segredo inatingivel; nasceu assim a astrologia. Depois, a pergunta foi dirigida pelo homem a si mesmo, aos seus pensamentos, aos mysterios da sua vida physiologica: aos sonhos, ás linhas da mão, á configuração da face, á faculdade da visão, á loucura, á epilepsia, ao somnambulismo. Depois, o eterno curioso interrogou os accidentes physicos do meio que o cercava: o fogo, a luz, o ar, o curso dos rios, a inquietação do oceano, as correrias das nuvens pelo ceu. Passou depois a investigar todo o reino animal: e foi assim

que se fundou a classe dos aruspices que procuravam ler o futuro nas entranhas dos animaes, no vôo dos passaros, no rastejar dos repteis, no canto dos gallos, nos circulos que as aves de rapina traçam no ceu, no grunhir dos bácoros ; depois, chegou a vez do reino vegetal, do reino mineral : examinavam-se a forma e a direcção dos ramos, o barulho dos galhos sacudidos pelo vento, a fórma e a estrutura das folhas e das flores, o peso e o brilho das pedras preciosas, o fulgor e a dureza dos metaes ; fundou-se uma sciencia, a *aleuromancia*, sobre o estudo da farinha ! o ambar foi adorado como uma divindade ! e milhões e milhões de cerebros arderam e estouraram no trabalho vão de criar a pedra philosophal !

Tudo foi inutil ; mas a intelligencia não desesperou. Não ha seculo que não veja nascer uma nova religião ; e as superstições, suas filhas, nascem todos os dias, — e ás vezes nascem por si mesmas, espontaneamente, por um processo de auto-criação ; ha atheus, atheus convencidos, inimigos e negadores de todas as religiões, e, entretanto, profundamente supersticiosos: não creem em Jeovah, nem em Brahma, nem em Jupiter, nem em Isis, — mas creem na fatalidade da concurrencia de treze convivas á mesa, ou na influencia do mau-olhado dos *jellatores*, ou na ascendencia nefasta dos sapatos que se deixam no chão com a sola para cima.

Ha quem pense que, com o progredir da civilização, diminue o numero dos supersticiosos. Completa illusão. Nunca houve tantos supersticiosos e tantas superstições como agora. A civilização causa o naufragio e a bancarrota das religiões, mas não aplaca esta sêde de saber e esta ancia de comprehender que ainda não foram satisfeitas. Morrem e succedem-se as religiões, mas não se altera o instincto

religioso ; reformam-se as superstições, mas a Superstição é eterna.

Todos nós costumamos rir das crendices... É um riso exterior e postiço, com que mascaramos o nosso medo. É de crer que, para não perder o seu ganha-pão, os delegados de policia, obedecendo ás ordens do chefe, varejem as casas das cartomantes ; muitos d'elles, porém, cumprirão esse dever com um certo terror. É até o chefe... quem sabe que superstições terá o chefe ? a investidura de tão alto cargo não destroe dentro da alma de um homem as estratificações de preconceitos que seculos e seculos de humanidade e de fraqueza têm deposto nas almas de todos os homens.

Eu, por mim, confesso que não creio na sciencia das cartomantes. Mas...

Foi ha muitos annos, — ha vinte e dois ou vinte e trez annos, se me não engano. Fui consultar Madama X., cartomante famosa, que tinha a sua tripode assentada num sobradinho da rua de São José. Não sei porque lá fui : provavelmente para rir d'ella... Subi uma escada ingreme, andei por um corredor escuro, bati a uma porta, entrei em uma saleta quasi sem luz. E, occupando uma vastissima poltrona, vi a prophetiza ; quarentona gorda e vermelha, de mãos papudas e collo enorme estalando o corpete. Recebeu-me com um sorriso captivante, e indagou logo o que alli me levava : — tinha perdido alguma cousa ? ia casar ? queria conhecer o autor de alguma carta anonyma ?... Expliquei que não : queria conhecer o meu futuro, queria espiar por uma fresta d'essa janella sempre fechada que deita para o porvir. Ella examinou, primeiro, as linhas da minha mão esquerda, palpou-me longamente as phalanges, — e, tomando o baralho, misturou as cartas, remexeu-as, estendeu-as em leque sobre a mesa, —

e, antes de falar do meu futuro, começou a falar do meu passado.

Não posso aqui reproduzir tudo quanto me disse. Vinte e dois annos de vida varrem da memoria da gente cousas tão serias, que pareciam eternas!... como não hão de varrer futilidades e tolices? Lembra-me só que a anafada senhora me disse tantas cousas falsas e absurdas, que desatei a rir perdidamente.

Ella, apopletica, indignou-se. Labaredas de colera crepitaram nos seus olhos, entre as palpebras gordas. Mas conteve-se, antegozando a vingança: e, fixando os olhos nos meus, principiou a falar do meu futuro. Já eu não ria... O futuro!... todo o terror, toda a curiosidade, todo o soffrimento da ignorancia dos meus brutissimos avós do periodo mioceno despertavam na minha alma: e foi com um frio agudo na medulla que eu ouvi a prophecia tremenda. Combinando as revelações do Tarot com uma certa interrupção da linha da vida na palma da minha mão, disse-me a sacerdotiza da rua de S. José: «O senhor ha de morrer de morte violenta: desastre, assassinato ou suicidio!»

Paguei á cartomante, sorrindo, — com o sorriso exterior dos fortes, — e saí. Mas, ao descer a escada, vim pisando cautelosamente os degraus com medo de alguma queda. No largo da Carioca, esperei que passasse um bond que ainda vinha longe. Approximou-se um cão: encolhi-me. Vi um andaime: afastei-me... E assim vivi alguns mezes, sempre sorrindo da prophecia, e sempre pensando nella. Já lá se vão vinte e dois ou vinte e trez annos! ainda não me assassinaram, nunca me vi a braços com um desastre serio, e nunca pensei (como espero que nunca hei de pensar) no suicidio. Mas, ás vezes, — como agora — penso na face gorda da adivinha, nas suas mãos

papudas, nos seus olhinhos colericos, e sinto de novo na medulla aquelle calefrio sinistro.

Por Apollo ! para que vai a policia perseguir as cartomantes ? Para dar cabo da cartomancia ? Seria preciso, primeiro, dar cabo da tolice humana, — e o raio capaz de fulminar essa tara hereditaria e perpetua não ha de ser forjado na rua do Lavradio !

É bom notar que a cartomancia é uma das mais velhas superstições, porque é filha legitima e directa da astrologia. Essas madamas que deitam cartas são successoras d'aquelles sacerdotes da Chaldéa que vaticinaram a Alexandre a conquista da Asia. O Tarot, com as suas 78 cartas, é uma astrologia simplificada : a cartomante acredita ler nas cartas, como o astrologo acreditava ler nos astros.

É possivel que a policia esteja segura de matar uma imbecilidade e uma especulação que ha quarenta seculos se mantêm ?

O «conto do vigario» nasceu hontem, e a policia ainda não conseguiu extingui-lo. O «jogo do bicho» é um vicio infante, e a policia ainda nada pode contra elle. Porque ? porque não é difficil prender e castigar o passador do conto do vigario e o banqueiro do jogo do bicho; mas é impossivel exterminar a raça dos tolos; e, enquanto houver tolos que queiram ser enganados, elles proprios inventarão quem os engane.

Não perca a policia o seu tempo, que é contado, e aproveite-o em cousas uteis. Porque, sem ter deitado as cartas, e sem acreditar muito na cartomancia, já sei qual será o resultado da perseguição : em vez de cincoenta ou sessenta cartomantes, teremos cinco ou seis mil, — e até as auctoridades policiaes comprarão baralhos de Tarot, e começarão a estudar a sciencia perseguida....

A POLITICA

Abriu-se o Senado, abriu-se a Camara dos Deputados, abriu-se o Conselho Municipal. É a febre politica que volta, providencialmente, para dar assumpto aos jornalistas e distracção ao povo.

Já no dia 2 encontrei na rua um velho conhecido, em cuja face notei um desusado rebrilhar de alegria. Parecia ter a cabeça dentro de uma aureola fulgida. Dei-lhe parabens pelo seu aspecto ridente, e indaguei : «Que é isso ? tirou a sorte grande ? vai casar ? deu-lhe o Papa um condado ? prometteram-lhe uma cadeira na Academia ?» Elle sorriu, e disse : «Pois não sabe que se abrem as Camaras ? já tenho em que empregar as minhas tardes...»

É que esse homem pertence a essa especie de gente que vive mergulhada em tédio e tristeza durante os poucos mezes em que não pode ouvir os discursos do Senado e da Camara. É uma gente á parte : faz politica por amor da politica ; e gosta d'ella, não pelo que ella lhe possa dar de proveito ou de gloria, mas platonicamente, desinteressadamente. Não ha quem não conheça, na Camara e no Senado, esses infalliveis espectadores das sessões.

Não perdem um dia de frequencia. As suas tardes todas se passam na penumbra suave do salão immenso em que deputados ou senadores discutem

com calma ou com zanga. O presidente, quando se encaminha para o estrado, já vê lá em cima, perto do tecto, aquellas physionomias familiares, que são sempre as mesmas. Não parecem criaturas vivas : parecem moveis pertencentes á casa ; dir-se-ia que passam alli a noite, e que, todas as manhãs, os serventes os espanam e arejam, recollocando-os nos mesmos logares, como partes integrantes da decoração da sala . . . Ao meio dia, já estão a postos, na galeria publica ; contam, um a um, os legisladores que entram ; assistem á chamada, ouvem a leitura do expediente, conhecem todos os deputados e senadores, sabem quaes são os novos e quaes são os reeleitos. Alguns, durante a sessão, dormem alli, na galeria, a sua sesta ; outros mastigam biscoitos ; outros conversam em voz baixa ; outros leem livros ou jornaes ; outros, poetas, rabiscam versos . . . E ficam alli até o ultimo momento. É um habito, uma mania, um vicio.

O conhecido que encontrei no dia 2 é um devoto da Camara. Tem, creio eu, alguns predios ou algumas apolices : vive das suas rendas, é celibatario, perdeu o habito do trabalho, e dedicou a sua vida a acompanhar os trabalhos parlamentares, como quem executa um dever, como quem cumpre um fadario.

Pouco antes do meio-dia, se está conversando com alguem, interrompe a conversa, e diz : «até logo ! são horas . . . não posso faltar á sessão l». Quem o não conhece, fica naturalmente pensando que é um deputado, um deputado pé-de-boi, d'esses poucos que não perdem sessão e ganham honradissimamente o subsidio, respondendo todos os dias á chamada. Mas, não : é um simples fiel da galeria. Frequenta a Camara ha trinta annos : é a chronica viva do Parlamento ; diz de cór, sem titubear, e na ordem chronologica, todos os ministerios monarchicos de 1875 a 1889 ;

e sabe na ponta da lingua tudo quanto alli tem havido de 1889 até hoje. Nunca pediu favores a deputados, nunca requereu concessões, nunca foi candidato a qualquer emprego publico. Vai á Camara por devoção. A Camara é o seu jardim, o seu theatro, o seu unico divertimento. E nunca foi ao Senado! — porque o que ha de mais interessante na vida singularissima d'estes frequentadores de galeria é que os clientes da Camara nunca vão ao Senado, e os do Senado nunca vão á Camara. Cada uma d'essas duas igrejas tem os seus devotos. Quem reza em uma dellas não reza na outra.

Dos fieis do Senado, tambem conheci um, que era typico.

Éra militar reformado, e exercia o cargo de chefe dos guardas do jardim do campo de Sant'Anna.

Depois do almoço, atravessava o jardim, e ia occupar o seu logar na galeria do velho palacio da rua do Areal. Todos os senadores gostavam d'elle: alguns, quando iam para o Senado, ou quando de lá voltavam, entravam na casinha pittoresca, em que morava o velho tenente, entre as arvores do parque, e aceitavam uma chicara do seu saboroso café. É o velho tenente já se considerava tambem um pouco senador do Imperio; á noite, dizia, em conversa: «hoje discutimos isto, amanhã discutiremos aquillo!», e falava familiarmente de Cotegipe, de Ottoni, de Sinimbu, de Saraiva, como de camaradas do mesmo officio.

Quando em 1889 caiu o Imperio, esse homem recebeu um choque moral terrivel. Vivia com os olhos dilatados de espanto, perguntando a si mesmo porque era que o ceu, não desabava tambem sobre a terra, para que a catastrophe fosse completa; e, muitas vezes por dia, ia até o fim do parque, chegava ao portão da rua do Areal, e ficava contemplando as

portas e as janellas fechadas do casarão do Senado, com o olhar empanado pelas lagrimas: — assim, depois do peccado, devia Adão contemplar as trancadas portas do Eden...

E installou-se o Senado republicano. O velho tenente resistiu muito tempo á tentação. Mas, certo dia, não teve mão em si, e foi assistir a uma sessão.

Voltou de lá indignado! Todas as caras eram novas; já não havia, dominando as bancadas, aquellas austeras faces de outr'ora, umas raspadas, outras barbudas, mas todas revestidas da majestade da velhice. Havia alli rapazelhos de pouco mais de trinta annos! E nenhum d'aquelles novos senadores conhecia o velho frequentador! nenhum lhe fazia, lá de baixo, um d'aquelles gestos de familiar amizade, que tanto lhe alegravam o coração, quando partiam de um Saraiva ou de um Sinimbú! O pobre frequentador do Senado sentia-se alli na situação equívoca de um resuscitado entre vivos, de uma alma penada voltando da eternidade... Voltou de lá indignado, — e nunca mais pôz o pé naquelle logar maldito. E, quando alguém lhe perguntava: «então? tenente, que diz dos senadores de hoje?...», — elle resumia o seu desencantamento e o seu desdem nesta simples phrase: «fui vel-os outro dia... e sabe o que me pareceram? — jurados!...»

Pobre tenente! morreu d'ahi a algum tempo.

Mas, depois d'elle, appareceram outros freguezes da galeria do Senado. E outros hão de apparecer, no Senado e na Camara, quando houverem desapparecido os que já lá estão agora, todos os dias, gozando o seu divertimento favorito. A raça d'esses adoradores platonicos da politica é eterna.

Dizem velhos chronistas que já as sessões da nossa primeira Constituinte, em 1823, eram um espectáculo concorridissimo. Os nossos avós, avidos

de rhetorica, desertavam as suas lojas, e iam estre-
meceer de gozo, ouvindo os Andradas, Montezuma e
o padre Belchior.

É um habito velho, e inoffensivo. Uma cousa
apenas se observa: é que as senhoras, outr'ora tão
dadas tambem a frequentar as tribunas do Senado,
e principalmente da Camara, já não apparecem por lá.

Sebastianismo, — como o do velho tenente do
Campo de Sant'Anna?

Supponho que não. O motivo é naturalmente
outro. O vocabulario parlamentar tem sido enrique-
cido, nestes ultimos tempos, com a aquisição de
certas palavras crespas, que nem todos os ouvidos
podem ouvir sem espanto. Já houve alli discussões,
que empallideceram os reposteiros vermelhos e aver-
melharam o estuque branco do tecto da sala! Isso
basta e sobra para explicar a deserção das senhoras.

É pena! se, este anno, algumas d'ellas teimassem
em assistir ás sessões, — talvez a Camara, que está
cheia de gente moça e elegante, procurasse banir
do seu repertorio as discussões violentas que afeiam
a face e quebram a compostura dos contendores...

(1903)

BAUCIS E PHILEMON

Baucis e Philemon, uma velhinha e um velhinho da Phrygia, pauperrimos, tendo como unica fortuna o amor que os unia, deram uma noite hospedagem a Jupiter, que andava pela terra, disfarçado, a experimentar o coração dos homens. Não sabiam que hospedavam o maior dos deuses : mas offereceram-lhe um pouco do seu pão minguido, e um pouco da sua agua ; Jupiter agradecido, revelou-se-lhes em pleno esplendor da sua gloria olympica, e perguntou-lhes o que queriam como recompensa. « Queremos morrer juntos, na mesma hora, e ficar unidos na morte, como unidos estivemos na vida ! » E morreram juntos, como desejavam, e foram transformados num carvalho e numa tilia, cujos galhos perpetuamente se enlaçavam, á feição de braços amorosos. . .

Esta formosa lenda pagan veio ter a sua reproducção real e verdadeira numa pobre e obscura localidade do Brazil, perto de Macahé, — como nos refere esta noticia, que o *Jornal do Commercio* transcreveu de uma folha provinciana : « Foram registrados no cartorio de Carapebús, no mez de novembro ultimo, com poucos dias de differença um do outro, dois obitos deveras interessantes. São elles de Antonio Rodrigues Noya, com 122 annos de idade, e de sua esposa, Anna Maria da Conceição, com 115, que estavam casados ha nada menos de um seculo !

Effectivamente, Noya casára com Anna quando essa contava as suas 15 primaveras e elle 22, tendo reinado sempre entre ambos toda a harmonia, como affirma o filho mais moço d'esse ditoso casal, que carrega ás costas a carga regular de 65 annos ».

Cem annos de casamento, sem briga, — cousa fabulosa ! Parece que o caso não é d'aqui, nem d'esta época, mas da Phrygia, e d'aquella época maravilhosa, em que os deuses ainda tinham a coragem de andar pela terra e a curiosidade de estudar o coração humano...

Ao Philemon e á Baucis de Carapebús não houve jámais um deus que pedisse hospedagem... Não houve ? Houve, sim. Houve um, e o mais poderoso e o mais misericordioso de todos, — aquelle que resgata com as suas dadas todas as miserias da vida, e o unico que ainda é capaz de operar milagres na terra...

Foi o Amor quem um dia bateu á porta de Antonio e de Anna Maria : entrou, e ficou alli residindo com elles, entre os dois, unindo-os e igualando-os no carinho e na ternura. E deu-lhes a mesma ventura, e concedeu-lhes a mesma divina esmola que Jupiter outorgou outr'ora ao casal da Phrygia : matou-os juntos, e consentiu que fossem continuar no seio do aniquilamento aquella doce união e aquella rara harmonia que santificaram a sua existencia terrena.

E, quem sabe ? decompondo-se no fundo da terra, integrando-se na vida universal, esses dois corpos alimentarão talvez duas plantas, que se defrontem e namorem, no cemiterio de Carapebús, trocando, como beijos, o aroma das suas flores e o canto dos seus passarinhos !

BARBACENA

.....

Quem nunca se queixou da Sorte foi esse velho e illustre visconde de Barbacena, que parecia eterno, com os seus cento e tres annos desempenados e rijos, — e de uma serena alegria. Vivia, amava deliciosamente a vida, e carregava com tranquillidade a sua velhice, como aquelle velho philosopho grego, que costumava dizer : «A velhice não é cousa inteiramente boa ; mas que havemos de fazer, se a vida é uma cousa tão agradável, e se envelhecer ainda é o unico meio de viver muito ? . . . »

Para nós, brazileiros, e para o nosso orgulho patriotico, foi uma decepção a morte d'esse homem. Quando a noticia se espalhou, houve incredulidade : «Que ? morreu o Barbacena ? mas é impossivel ! . . . » E' que, realmente, elle parecia ter enganado a morte, ou ter feito com ella um pacto mysterioso. Imaginavamos até que a morte o houvesse esquecido no mundo, — como se ella fosse capaz de esquecer alguem ou alguma cousa, no seu implacavel e inexoravel mister de dar cabo de tudo e de todos. E, quando diziamos : «o nosso Barbacena . . . », era como se dissessemos : «o nosso Fontenelle, ou o nosso Mathusalém . . . » Havia, no affecto e no respeitoso carinho com que pronunciavamos o seu nome, um pouco de

vaidade patriótica. Barbacena era já, para todos nós, uma figura decorativa, uma preciosidade nacional, uma reliquia da nossa história: e era, mais ainda do que isso, um argumento vivo em favor da excellencia do nosso clima, e um protesto animado e palpitante, rebatendo as calumnias que contra este clima se inventam.

Era elle o primeiro a apresentar-se como um recurso de propaganda nacional. Quando completou 100 annos de idade, organizaram, em honra sua, uma festa encantadora. E o illustre ancião, respondendo ás saudações que lhe eram endereçadas, disse, com um bom humor captivante e uma modestia seductora: « Bem vejo, senhores, que estas homenagens não são prestadas sómente ao brasileiro, servidor do Brasil, — mas tambem, e principalmente, ao *velho*. Comprehando que vedes em mim, na minha velhice prospera, na minha ancianidade sadia, um attestado da força do Brazil. Quando me vedes passar pelas ruas, ainda firme e sósinho, sem auxilio de braço estranho, sentis a satisfação de verificar que esta terra não é productora só de jequitibás seculares, mas pode tambem criar homens capazes de competir, em idade e força, com esses gigantes da mata! . . . »

E era, realmente, um bello espectaculo o da passagem d'esse velhinho pelas ruas da cidade, — velhinho sem artificio, não procurando esconder a velhice, antes jactando-se e gabando-se d'ella, e conservando, na extrema idade, o mesmo garbo, a mesma correcção, e a mesma dignidade da juventude e da idade madura.

A velhice só é triste, quando perde a composura e a nobreza. Lembra-me isto uma pagina triste, que li ha pouco, sobre a velhice de Malborough, o celebre duque, diplomata, guerreiro, heróe inglez, cuja recordação ainda vive na famosa cançoneta:

«*Malborough s'en val-en guerre, mironlon, lonton, mironlaine...*» No fim da vida, Malborough riquíssimo, e completamente caduco, vivia numa residência luxuosa; e os seus criados, a troco de uma gratificação adicional, mostravam, aos visitantes do castello sumptuoso, o velho heróe de Hochstædt, de Ramilies, e de Malplaquet, paralytico, idiota, caído em demencia, — como lhes mostrariam um animal raro ou um objecto extravagante...

Assim, a velhice é triste. Mas não é triste, quando o velho conserva, como Barbacena conservava, a sua galhardia e o seu desempenho, e quando nenhum artificio de gamenhice vem profanar a austera majestade da vetustez.

O que a muitos anciãos priva da belleza e da graça é a faceirice da pintura. Um velho pintado é a caricatura de si mesmo. A face de um velho só é verdadeiramente bella com o seu tom de pergaminho veneravel, com as suas rugas, com a moldura dos seus cabellos de neve. Conta-se de um certo Corbinelli, poeta centenario, que, como lhe achassem, depois de uma grave molestia, a face muito abatida, respondeu: «que importa a apparencia da minha face? já é muito que eu ainda possa ter uma face nesta idade!...»

O velho Barbacena tinha a dignidade da sua velhice. A dignidade e a alegria. Vel-o, era um consolo; tratá-lo, era um prazer. E com que prazer o mostrava o Brazil aos estrangeiros!

Ha mostrar, — e mostrar. O velho Malborough era mostrado, como numa feira, pelos criados gananciosos; e quem o via saía de junto d'elle com dó e commiseração, — e até com terror, porque via no espectaculo d'aquella decrepitude uma como antecipação do seu proprio futuro. Mas o velho Barbacena era mostrado, num gesto de nobre orgulho,

pelos seus compatriotas entusiasmados ; e, quando o mostravamos, diziamos : «vede esta resistencia, vede esta bizzarria, vede esta força de corpo e esta elegancia moral num centenario que passou a vida a trabalhar ! amigos, no Brazil tambem se vive, no Brazil tambem ha força physica e força intellectual, no Brazil tambem ha jacarandás humanos, como este, de seiva prodigiosa e de raizes solidas !...»

(1901)

GRAMMATICOS

Noticiavam ha dias as secções telegraphicas dos jornaes que houvera, em Belém do Pará, entre jornalistas, um grave conflicto, provocado por questões politicas. Era um equivoco... A verdade dos factos foi hoje restabelecida pelos correspondentes. Houve realmente conflicto, e conflicto grave, entre jornalistas, mas provocado por questões... grammaticaes. Não se sabe se o ponto controverso, em que se estabeleceu a contenda e de que se originou a pancadaria, foi a collocação dos pronomes pessoaes, ou o uso do infinito impessoal dos verbos, ou o apassivamento obrigatorio das orações em que entra o reflexivo *se*. Sabe-se apenas que a pugna foi devida a uma discussão grammatical, — e isso basta para explicar a ferocidade com que os adversarios se esbordoaram; porque a grammatica, sendo apenas, segundo os lexicos, a arte que ensina a falar e escrever correctamente, é, segundo a observação de todos os dias, a arte que mais ferozes, intolerantes e asperos artistas produz...

Não sei se no resto do planeta se observa a mesma cousa. Mas aqui, no Brazil, as inimizades entre grammaticos são as mais terriveis. Não ha aqui discussão philologica que não degenerem em descompostura, se não em vias de facto. Não conheço dois

grammaticos que sejam amigos : até os que mais amigos parecem, mantêm entre si relações desconfiadas e precavidas, e vivem em pé de guerra, conservando, dentro das luvas da polidez, bem açacaladas as unhas para o ataque e a defesa.

Naturalmente, têm a mesma intolerancia os grammaticos de todos os paizes. E essa intolerancia não é apenas a mesma em todos os paizes : tem sido a mesma em todos os tempos.

Já Diogenes, ha vinte e quatro seculos, dizia que os sacerdotes da grammatica, no seu tempo, só pensavam nos erros do estylo, esquecendo os erros da alma...

Bayle, o auctor do precioso «Dictionnaire Historique et Critique», narrando uma famosa contenda grammatical, que houve em 1622, no Palatinado, escreve que «ces messieurs les philologues et grammairiens sont très faciles à se fâcher, et très difficiles à apaiser». Essa luta grammatical, que ficou celebre nos annaes da descompostura, teve como protagonistas os grammaticos Felipe Pareus e João Gruterus. Começaram os dois a discutir um verso de Plauto, irritaram-se, escaldaram-se e esvasiaram os sacos das injurias. Diz Bayle : «ils se traitaient de mulet, de verrat, de béliier, de bouc, de porc, et de stercoreus grammaticalis cellœ inquilinus...» Emquanto elles discutiam, os hespanhoes cercavam a cidade de Neustad. Todos tremiam, todos choravam. Mas, indifferentes ao perigo, Pareus e Gruterus não deixavam de insultar-se. A cidade foi tomada de assalto, saqueada, incendiada ; e, sobre as suas ruinas fumegantes, os dois commentadores de Plauto continuavam a brigar, até os invasores os separarem ás paulladas...

NAS CALDAS

Em Poços de Caldas, por uma gloriosa manhã de ouro e saphira.

No centro do largo amphitheatro de serras verdes, a villa sorri, formosa e friorenta, no esplendor do dia que nasce, abrindo ao sol o seu estendal de casas brancas. E' verdade que estamos em março, no mez dos asperos calores? não pode ser verdade!... nunca mais doce inverno ameigou a face de mais lindo pedaço da terra.

Ao lado do *Hotel da Empresa*, as thermas rumorejam, cheias da multidão jovial dos banhistas. E' a hora, entre todas amavel, em que os corpos, enferrujados pelo excesso do trabalho ou do prazer se vão entregar á acção do banho unctuoso e callido, cuja caricia voluptuosa faz lembrar a do olhar da Sulamita, segundo o ardente poeta do *Cantico dos Canticos* :

« é doce... porém não doce,
como se um oleo nos fosse
escorrendo pela pelle... »

E, enquanto o sol invade o horizonte, e chamam ao longe os carros de bois, a vasta praça que os hoteis circumdam é cruzada de instante a instante pe-

los devotos de Sulfur. Ahi vêm os arthriticos, — victimas da boa-chira, convivas assiduos dos banquetes da vida, os naufragos das tormentas do pensamento, estragados pelo abuso das delicias da existencia ou pelas torturas do labor intellectual ; ahi vêm os dyspepticos, de face pallida, e os obesos, de banhas oscillantes ; ahi vêm os chloroticos e os anemicos, que a tísica faminta vive sitiando e espreitando ; e ahi vêm aquelles que Venus seduziu e trahiou, aquelles que não desconfiaram dos sorrisos de Eros, aquelles que transpuzeram sem cautela a porta fatal de que fala o apostolo : *mulier, lata porta quæ ducit ad perditionem* . . .

Vinde, ó combalidos ! a terra, que é a fornece-dora dos males, é tambem a fornece-dora dos remedios : vinde, que a fonte de Juventa vos espera !

Esta risonha villa, esses grandes hoteis, esta alva casaria que se atropella no valle, estes formosos chalets que se derramam pelo pendor das collinas, — tudo isto é moço.

Ha trinta annos, o illustre Dr. Pedro Sanches de Lemos, o nume tutelar de Caldas, o genio bemfa-zejo da villa, o homem em cuja alma o talento e a bondade se uniram no abraço esponsalicio, veio encontrar aqui um descampado, com quatro casinhas de telha vã. Os soffredores, que vinham pedir allivio ás aguas abençoadas, traziam barracas, que arma-vam á roda dos lameiros sulfurosos, e acampavam ao Deus dará ; levantava-se um rancho para os misteres da cosinha ; faziam-se preces para que não ca-issem chuvas importunas ; e, quando o enxofre terminava a sua obra milagrosa, o romceiro, que se via curado enrolava a barraca, e, dando um ultimo olhar de gratidão e saudade á lama rejuvenescedora, lá se ia de novo a caminho das perdições do mundo.

O descobrimento das fontes thermaes não é também muito antigo. Já as Minas Geraes estavam exploradas e povoadas, quando alguns caçadores portuguezes vieram achar no meio do sertão as nascentes fumegantes. As antas esquivas corriam a desdentar-se nas barreiras da mata; os caçadores voavam atraz d'ellas; — e alguns d'elles, um dia, passaram, vendo que um dos bebedouros dos animaes do sertão era uma toalha d'agua fervente, de cuja face redomoinhante subiam linguas de fogo. O acaso, deus mysterioso, de olhos cerrados á luz, ainda é e sempre será, neste incerto mundo, o grande descobridor dos thesouros...

O documento mais antigo que o Archivo Mineiro possui sobre os Poços de Caldas, é um officio do governador da capitania, Luiz da Cunha Menezes ao ministro Mello e Castro. Esse precioso pedaço de prosa tem um raro perfume de antiguidade; é pena que não haja neste livro espaço bastante para a sua integral transcrição.

Luiz da Cunha Menezes não era um governador indifferente; inquieto e curioso, não tratava apenas de cobrar impostos e suffocar motins; estudava a terra, interessava-se por tudo, examinava tudo. E, assim que teve sciencia do achado das fontes ferventes, deu parte d'ellas ao ministro e «communicou a interessante noticia por toda a capitania e pelas demais confinantes»:

«Pellas asiduas recommendações q^e. tenho feito e faço a todos os comandantes dos Districtos d'esta Capitania (escreve elle ao ministro) sobre todos os conhecimentos fisicos e naturais q^e. me puderem adequirir, hum dos mais uteis q^e. novam^e. se tem conhecido he o de haver aparecido huas aguas tremas tam virtuosas q^e. tem curado entre varias mo-

lestias a do grande Mal da Lepra q^e. tanto persegue este Continente Americano.»

Mais adiante, o governador que, versado em «conhecimentos fisicos e naturais» não tinha a alma credula, sorri da ingenuidade das gentes supersticiosas : «Do mesmo lugar já havia hua ignorante noticia, e bem propria do povo pouco iluminado, de q^e. naquelle mesmo Citio andava O Diabo, por se ter visto apparecer por varias vezes Lanças de fogo tam fortes e tam enxofradas, q^e. havião chegado a queimar os matos de hua grande parte da sua circumferencia, e com o terrivel cheiro do dito enxofre. . . »

Não é de estranhar que o povo pouco illuminado attribuisse o nunca visto phenomeno ás artes do Rebelde. O enxofre é o elemento em que sempre se deu bem o Diabo. Já na mythologia grega, o Tartaro era uma incommensuravel e formidavel planicie de enxofre em chammas ; os cinco rios infernaes, o Estyge, o Cocyto, o Acheronte, o Lethes e o Phlegetonte rolavam ondas de enxofre aceso ; o halito das tres gue-las de Cerbero vinha saturado de enxofre em fumo ; e, quando Minos e Rhadamanto, no tribunal do Averno, julgavam as almas dos homens, a luz que os alumia-va era a livida e pavorosa luz dos archotes de enxofre.

O Christianismo conservou e manteve essa crença. Eram de enxofre as labaredas que Dante viu no inferno, «di fuoco dilatate falde», chovendo

«come di neve in alpe senza vento. . . »

E, ainda hoje, não ha padre catholico que não cite, no pulpito, para amedrontar as almas peccadoras, «as caldeiras do enxofre infernal».

Em um dos *Dramas philosophicos* de Renan,

A Agua de Juventa, — uma timorata monja, a irmã Ducelina, ouvindo falar do maravilhoso elixir de Prospero, exclama: «Cette eau ne peut venir que de l'enfer! Il n'est pas étonnant qu'elle brûle... De l'eau qui brûle! comment voulez-vous que ce soit naturel?!»

Os caçadores portuguezes, que descobriram as thermas de Minas, tinham a mesma simplicidade da irmã Ducelina. O Diabo tem costas largas... E foi por isso que uma das fontes de Caldas adquiriu o nome, que ainda hoje conserva, de fonte de Pedro Botelho.

Mas bem depressa o Diabo desapareceu da scena, e todos os milagres therapeuticos que se lhe attribuiam passaram a ser attribuidos á misericordia de Deus, e á intervenção generosa dos Santos. Deus e o Diabo... — a intelligencia humana, quando quer dar um nome ao desconhecido, oscilla entre esses dois extremos do mysterio; são dois rotulos differentes, que se alternam perpetuamente sobre a tampa da caixinha dos desejos humanos...

Não longe do estabelecimento dos banhos, sobre uma das montanhas que rodeiam a pacifica villa, ha uma capellinha, humilde e velha, onde se guardam as offertas piedosas dos curados. Até ha bem pouco tempo, o doente, que aqui chegava com as juntas perras, penosamente arrastando-se entre pragas e gemidos, — não deixava, depois de curado, de ir depositar no interior d'essa capella as muletas com que amparara, durante os dias negros do soffrimento, os passos mal seguros. Imaginai com que alegria, com que lepidez de corpo e com que leveza de alma galgariam a montanha esses redivivos, esses lazarus arrancados ás garras da dor e da morte, — elles, que, antes dos banhos remoçadores, mal podiam rastejar

na planície, aos colleios como cobras, ou aos saltos como sapos !

Actualmente, nenhuma nova muleta enriquece o santuario. A incredulidade dos tempos que correm é feroz ! quem fica bom, atira as muletas ás urtigas. . . ou passa-as adiante, por metade do custo.

Tambem, a physionomia actual da villa dos Poços de Caldas não diria bem com essas manifestações de mysticismo. O homem, com a sua audacia sacrilega, captou as aguas do Tartaro, senhoreou-se d'ellas, enclausurou-as como thesouros em reservatorios, canalizou-as para confortaveis banheiras ; e, em torno das thermas, afeiçãoou para regalo dos olhos e da alma a natureza rude. . . Como ha de florescer a superstição neste claro valle perfumado, cheio de um ar macio e leve, batido de dia pela soalheira jovial, e illuminado á noite pela claridade argentea das lampadas electricas ? O Diabo, se ainda perde o seu tempo por aqui, está homisiado nos clubs, enchendo de tentações os tapetes verdes, e ironicamente piscando os olhos maliciosos nas casas dos numeros fatidicos, do 0 ao 36. . .

Doce terra da promessa, de seio aberto aos que a vida fatiga e enferruja ! se uma superstição pode aqui medrar é a superstição da tua eterna e providencial bondade ! Que pode haver que não dê aos homens, aos pobres vermes que se arrastam soffrendo pela tua face, ó antiga e veneranda Tellus, ó farta mãe carinhosa ? ! o pão que alimenta, o ouro que abre as portas do gozo, as arvores que purificam o ar, as flores que adornam a belleza, os remedios que remoçam o corpo, — tudo sai dos teus flancos maravilhosos, de uma fecundidade incomparavel e de uma inalteravel saude !

E vai alta a manhã. . . O sol esplende no azul sem nuvens ; a casaria branca rutila e faisca ; pela janel-

la do quarto, em que se alinhava esta chronica, entra uma grande borboleta, com pedrarias acesas nas finas azas inquietas ; e o chronista cuida ouvir a voz cariciosa da terra, clamando na paz da villa formosa :

— Vinde, ó combalidos ! vinde que a fonte de Juventa vos espera !

(1901)

JUDAS

Quando esta chronica apparecer, já se terão rasgado nos templos os veus negros, já todos os sinos terão celebrado com a revoada dos seus alegres repiques a gloria da Alleluia, e já a Igreja terá esquecido a feia traição de Judas para sómente se lembrar do esplendor da resurreição de Jesus.

O pobre Judas !... Com o passar dos lustros, dos decennios e dos seculos, o horror inspirado pela memoria do discipulo traidor tem diminuido consideravelmente. E' que a humanidade cada vez se habitúa mais á idéa da traição : e tão frequentemente e com tanta abundancia encontra traidores dentro do seu seio, que já se acostumou a consideral-os como elementos necesarios...

Lembras-te, leitor amigo, da furia assassina com que ha vinte annos a garotada cahia, no sabbado de Alleluia, sobre os judas de palhas e trapos ? Antes de ser entregue á acção vingadora das chammas, o boneco symbolico soffria todas as injurias e todas as torturas ; não havia moleque que resistisse á tentação de lhe maguar com uma paulada as costas flacidas, ou de lhe cuspir um sarcasmo na face grosseiramente pintada, ou de lhe apuar o peito com um pontão de vara ; sob a saraivada dos doestos, lá ia o misero espantelho, aos trancos, pelas ruas, arrastado por uma

corda, que lhe deslocava o pescoço, com a pobre cabeça oscillando e batendo pelas quinas das calçadas.

E cada bairro tinha o seu Judas ; e, de Botafogo ao Saco do Alferes, o patife dos trinta dinheiros recebia, por toda a cidade, á mesma hora do mesmo tragico dia, o pagamento da sua hedionda traição.

Hoje, a cidade está mais civilizada, e está, por isso mesmo, mais tolerante. Dezenove seculos de castigo, infligidos ao que traiu o fundador da religião da misericórdia e do perdão, já parecem pena dura demais : e, se Judas ainda não foi perdoado de todo, já as almas começam a comprehender a sua fraqueza e a achar attenuantes para a sua falta. Além disso, quando Judas atravessava uma rua, perseguido e pisado pelos vagabundos peraltas, — muitos dos moradores d'essa rua, homens consideraveis e respeitaveis, sentiam-se no intimo d'alma offendidos, e de qualquer sorte attingidos pelo spectaculo d'esse ignominioso castigo . . . Era preciso dar cabo d'essa ignominia tradicional, para que a consciencia de muita gente séria e abastada não fosse obrigada a sentir dores em um certo dia do anno.

O pobre Judas ! . . . Como se não bastasse, para lhe ennegrecer a memoria, o facto simples e unico de ter elle traído o seu mestre, — ainda os synopticos timbraram em sobrecarregar de mais espessas camadas de tinta escura o negror d'esse facto. S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas, sem duvida para tornar mais dramatica a scena da prisão do Redemptor, dizem que o Iscariotes deu um beijo na face do traído, para assim mais claramente o designar aos centuriões que vinham aprezal-o. E ainda attribuem o crime a um movel de pura cupidez, dizendo que o misero o commetteu a troco de trinta dinheiros. Mas, Santo Deus, não é verdade que Judas era o *caixa*

dos doze, o thesoureiro dos dinheiros da companhia, quem se encarregava de comprar os viveres, de pagar as hospedagens, de distribuir as esmolas ? para que precisaria elle dos trinta dinheiros das gentes da Synagoga e de Roma ?

O que é factó é que, se não houvesse Judas, a Cruz não dominaria o mundo... Esta luz precisava d'aquella sombra ; este astro precisava d'aquella treva ; e pode-se dizer do desgraçado Iscariotes que, se elle não tivesse existido, força teria sido invental-o. As duas columnas do templo symbolico de Salomão, uma branca e redonda, outra negra e quadrada, representam nitidamente essa dualidade indispensavel e eterna, que é a propria significação da vida. A systole e a diastole do coração, o fluxo e o refluxo do mar, o dia e a noite, Abel e Caim, Jacob e Esaú, — completam-se e são inseparaveis... E porque não ha de ser perdoada a Judas a sua negra acção, se ao apostolo Pedro, pedra basica da Igreja, foi perdoada a ingratição, com que medrosamente, e por trez vezes seguidas, negou o seu divino mestre ?

Não esqueçais, ó homens severos, que os contrastes dominam e governam a vida. Nada pode perturbar o perfeito equilibrio do que o bem e o mal devem mar ter entre si. Se não soubessemos que no fundo das podres lagoas vivem sapos immundos, não achariamos belleza nas alvas nymphéas, que nadam e esplendem sobre a face d'esses mesmos depositos de limo e lodo. Nas comedias e nos dramas, que deliciam o nosso sentimentalismo, quem apreciaria a coragem e abnegação do galan, a pureza da ingenua, a honestidade do pai-nobre, — se não houvesse na peça a figura abominavel do «perfido», Basilio ou Iago, Tartufo ou Mephistopheles, machinando e praticando tramoias e enredos perversos ? E havemos de odiar para todo o sempre o desventurado actor, que é de-

signado para desempenhar esse duro papel, feito de maldade e treva ?

Não esqueçais também que o drama da vida de Jesus não foi apenas religioso : foi também um drama politico. E, na vida politica, as traições não têm o mesmo peso nem a mesma importancia das que se praticam no terreno da vida privada. Tal sujeito, que, nos actos da vida particular, é incapaz da mais leve mentira e da mais ligeira infidelidade, torna-se, assim que se mete numa lucta partidaria, capaz de todas as perfídias negras e das mais desassombradas deslealdades. Os politicos, que se julgarem limpos de toda a culpa lancem a primeira pedra ao desventurado Judas !

Em todo caso, já a esta hora não se trata de Judas. . .

Já o sol redourou a cruz em que agonizou Jesus, transformando em symbolo de gloria perpetua o symbolo da ignominia. Já Maria Salomé e as outras mulheres piedosas, indo ao tumulo do Senhor, apercebidas de oleos aromaticos, com o caridoso intento de lhe embalsamar o corpo, — acharam vazia a sepultura, e viram dois lindos archanjos que lhes annunciaram a resurreição do Mestre. Já a doce Maria de Magdala, chorosamente errando, como um espectro, por aquelles tristes logares, conseguiu, por uma graça especial concedida á sua fé e ao seu amor, ver e tocar o corpo do redivivo, e correu a communicar a grande nova a todas as gentes. Consummou-se e cumpriu-se o doce e sobrehumano mysterio.

Já não resôa, no interior dos templos, o *stabat mater* : orgãos e córos, á compita, entoam o canticco triumphal da Redempção.

O dia é de paz e de jubilo. Vamos comer o anho tenro, em familia, e deixemos esquecido, no passado remoto, o nome do pobre Judas.

CAMPOAMOR

O subtil Anatole France explica bem, em curtas linhas, o encanto singular dos poetas lyricos: «En faisant leurs confidences, ils font les nôtres, et cela nous flatte; pendant qu'ils nous content joliment les affaires de leur cœur, nous croyons entendre celles de notre propre cœur, et nous sommes ravis...»

Quem poude um dia ler as *Doloras*, sem imaginar que estava lendo a historia dos seus proprios amores, dos seus proprios delirios e sofrimentos? E Campoamor tinha sobre a immensa maioria dos poetas lyricos esta superioridade: não fazia apenas sentir, — fazia tambem pensar. Era dos poetas, que, no dizer do grande Nunes de Arce, «no cantan como el pajaro en la rama, estraños á quanto les rodea...»

Quem não sentiu a belleza d'aquellas estrophes de *Quien supiera escribir*, — a ingenua historia da aldeã que vai pedir ao padre-cura a redacção de uma carta ao noivo ausente? quem, depois da historia das trez singelas quadras de *Los dos espejos*, não se deixou ficar pensando na irreparavel miseria das cousas da vida?

Dolora, palavra criada pelo poeta, exprime (ninguem sabe bem porque) uma composição poetica, em que o sentimento deve estar casado ao fundo

philosophico. E' raro encontrar em Campoamor um verso em que a philosophia não tempere o amor : philosophia sceptica, ligeira, graciosa, — sem o amargo travor da ironia de Heine. Quando a amante o engana, o poeta não se desespera, soffre e perdôa, porque sabe que a traição não pode andar separada do amor :

«Para querer á un rico que es un necio,
Por pobre me entregaste al abandono :
Si ha sido por codicia, te desprecio...
Si ha sido por amor, — te lo perdono ! »

Quem pode dar firmeza ao coração humano, e que são os varios amores de um coração senão formas varias de um mesmo eterno e incontentado amor?

«Porque amaste en tres años á tres hombres
Te juzgas una infiel ? No, vida mia !
El amor se transforma, y no varía :
Un mismo amor puede tener mil nombres !... »

E esse eterno Protheu foi, apezar de todas as desillusões e de todos os estragos da velhice e do enfaro, o grande inspirador de toda a longa vida do poeta. Toda a paixão da raça hespanhola se encarnou na alma d'esse hespanhol, que viveu oitenta e trez annos cantando o Amor, — o amor das duquezas, como o das camponezas, o amor que mata, como o amor que soffre em silencio.

Ás vezes, o espirito de Campoamor agitava-se nas lutas politicas, perdia-se nos meandros da controversia philosophica, e era presa de uma insaciavel curiosidade que o levava, depois de velho, a estudar chimica e bacteriologia ao lado dos jovens alumnos

da Escola de Madrid ; mas, tudo isso passava e desvanecia-se : o que ficava era a preocupação perpetua do Amor.

Com que enternecido carinho e com que profunda magua acompanhariam as mulheres de Madrid ao cemiterio o corpo do seu poeta, se não estivessem actualmente tão occupadas em apedrejar os padres !

Se alguém, neste baixo mundo, pudesse livremente escolher o dia da sua morte ; e optar por esta ou por aquella forma de homenagens postumas, — Campoamor teria escolhido outra época para morrer.

Porque o extraordinario poeta das *Doloras* odiava as revoluções e os revolucionarios. Era um conservador exaltado, um pilar das instituições, um sustentaculo do throno e da igreja. Elle mesmo o disse : «el hecho revolucionario es insoportable por lo antiesteticamente con que se suele realizar».

Vê-se bem que a morte não o poderia fulminar em peor occasião. Toda a Hespanha está sacudida de um largo movimento de revolta, — um d'esses movimentos, fortes mas fugazes, violentos mas rapidos, que tão facilmente abalam aquella inquieta e explosiva gente.

Madrid, no dia em que se enterrou o poeta, estava mudada em um vasto campo de batalha. Estendia-se nas ruas asphaltadas uma espessa camada de areia para facilitar as cargas de cavallaria. Os conventos, trancados e adarvados como cidadellas, preparavam-se para resistir ao arremesso dos populares : e lá dentro casava-se o rumor das preces ao estrepito das coronhas das espingardas sobre as lajes. Gritos de raiva e de odio reboavam. Voavam pedras, zuniam balas, corria sangue. E o enterro d'aquelle amavel sceptico, d'aquelle risonho poeta,

serviu de pretexto para novos motins e novos conflictos...

Se Madrid estivesse calma, se o liberalismo, a proposito de um drama de Galdóz, não andasse a perseguir os frades com a mesma gana com que estes outr'ora perseguiam os liberaes, esse enterro seria uma affectuosa e tranquillã apothese. Mas não houve flores sobre o caixão em que iam os despojos mortaes do cantor das *Doloras*. A revolução «anties-thetica» afeava as ruas da capital da Hespanha, quando, a caminho da derradeira morada, passou o poeta...

Quem pode lá saber se o Destino é realmente cego e impassivel? Talvez tenha havido em tudo isso uma apurada malicia do sombrio deus...

Campoamor, que tão conservador se dizia, era em verdade um inquieto, um insubmisso, um sceptico, um revolucionario. Se discursava no Parlamento, se discutia politica com Castellar, se terçava armas nos atheneus de philosophia com os livres pensadores, o seu amor dos principios estabelecidos estrondava e ostentava-se orgulhoso e claro. Mas, quando sobre o papel a penna do poeta ia traçando os versos que todo o mundo conhece, toda a inquietação, todas as duvidas, todas hesitações da sua alma vinham sorrir e chorar no bico d'essa penna privilegiada, a um tempo ferina e sauve, consoladora e venenosa.

Um de seus criticos, Leopoldo Alas, não hesitou em dizer-lhe essa verdade: «Don Ramon de Campoamor es conservador por broma, por la broma más pesada de las suyas».

Não seria *broma*... Era com certeza uma illusão. Quem percorre as *Doloras* e os *Pequenos Poemas*, não pode comprehendere como neste homem conseguiam viver, de mãos dadas, uma politica tão conservadora e uma poesia tão revolucionaria.

Era esta a idéa que o poeta fazia da organização social :

«Y el amor ? y la dicha ? Los nacidos
No han de tener más fin
Que el de ser comedores e comidos
Del universo en el atroz festin !»

E do homem :

«Solo le han de afectar, á pesar mio,
Calor, hambre, interés, amor ó frio...»

E da consciencia :

«Añade á tu experiencia :

Que el hambre es quien regula la conciencia...»

Não teria sido uma ironia do destino malicioso a passagem do feretro de Campoamor pelas ondas revoltas da multidão amotinada ?

Pouco importa ! Os motins passarão, as idéas políticas se esfaltarão nas lutas estereis, e novas gerações continuarão a apoiar ou a combater os reis ou os padres. Mas as flores, que não caíram sobre o caixão em que ia deitado o grande lyrico, apparecerão, por annos sem fim, cobrindo a sua sepultura. E' que tudo passa na vida, menos o Amor :

«Y cuando el mundo al fin sea extinguido,
Y se oiga en las regiones estrelladas
Del orbe entero el ultimo crugido,
En inmenso fragor,

Dios de nuevo la nada bendiciendo,
De ella hará otros almecees y otros mundos ;
Y irá un hervor universal diciendo :
— Amor ! amor ! amor ! »

(1901)

SOBRE UM CRIME (*)

Crimes não nos têm faltado, mais ou menos crueis, mais ou menos covardes, revelando maior ou menor ferocidade. Este, porém, dóe mais do que os outros, horroriza mais do que todos, fere mais fundo a nossa piedade e levanta mais alto a nossa indignação. Porque? pela mocidade das duas victimas. Tenho para mim, com o meu entranhado e absoluto respeito da vida, que a mocidade ainda é mais sagrada do que a velhice. A velhice, quando não é um soffrimento, é uma resignação; a mocidade é sempre uma esperança, uma ambição, uma ancia, uma gloria: matar soffrimentos e resignações pode ser, ás vezes, uma obra de misericórdia inconsciente; matar esperanças e glorias é sempre um requinte de maldade, — um crime que brada aos ceus, e que os ceus fulminariam com a sua colera vingativa, se fossem capazes de ira e vingança.

Vinte e um annos, dezoito annos... Nessa idade, a vida é um latejar ancioso de seiva forte, um hymno largo de fecundidade, uma fulgida palpitacão de nebulosa em que ardem mundos... E as mãos de um assassino apertam, esmagam, suffocam tudo isso dentro da garganta de um homem!

(*) Assassinio de dois meninos, caixeiros de uma joalheria, no Rio.

E' isso que reveste de maior horror a tragedia sangrenta que infamou esta malsinada semana. Não nos horroriza tanto o movel do crime... Matar para roubar, — ainda é a mais frequente forma e o fim mais vulgar do acto de matar. Ha quem mate por orgulho : são os que matam, segundo o euphemismo consagrado, «por motivo de honra»; ha quem mate por egoismo : são os que matam, segundo outro euphemismo usual, «por amor»; mas a grande maioria é a dos que matam para roubar, para ter dinheiro, para satisfazer os seus appetites de luxo, os seus habitos de mandriice, o seu amor da ociosidade e do regabofe. Que importa o movel do crime ? o que mais nos horroriza é a crueldade com que, para roubar um punhado de joias, os bandidos sacrificaram aqui, não a vida de um velho Harpagão de existencia inutil e asquerosa, vivendo apenas para contar moedas, nem a vida de uma sordida onzeneira, egoista e feroz, como aquella hedionda velha que é assassinada pelo sombrio Raskolnikoff do *Crime e Castigo* de Dostoiewsky, — mas a vida de dois adolescentes, fortes e sãos, apenas desabrochados á grande luz triumphal da existencia e do amor.

Ha quem tenha mais pena do mais moço, Paulino, do que do outro, Carluccio...

Triste destino, o d'este Carluccio ! A principio, quando o cadaver do irmão mais moço foi encontrado na loja saqueada, — sobre Carluccio começou a pesar uma negra suspeita infamante. Onde estava elle ? fugira de certo com os outros, de quem fôra cumplice, depois de os ter ajudado a arrombar e saquear a casa, — tendo até, talvez, auxiliado o assassinio do irmão... Onde estava Caim ? estava talvez fazendo o inventario do que lhe rendera a morte de Abel... Mas, em breve, o seu cadaver appareceu, sinistramente boiando á flor das aguas, ao sol, como

a protestar contra a supposição aviltante. A sympathia, provocada por esse desmentido dado pelo mar á calúnia, não durou muito. Agora, o que se diz é que o desgraçado moço era amigo e socio de contrabandistas, e que essa amizade pouco honrosa foi que o levou á morte.

E' o que se diz, sem fundamento, sem prova, sem um só indício, — e só pelo prazer de dizer mal, — tanto é verdade que todos os homens são mais amigos de suspeitar o mal do que de suppor o bem. Porque não admittir, de preferencia, a hypothese de uma cilada de amor? Aos vinte e um annos, pensa-se mais no amor do que na riqueza: para quem tem vinte e um annos, os olhos e os labios de uma mulher bonita valem mais do que todos os thesouros da terra!

Mas, seja como fôr, os dois cadaveres alli estiveram, no necroterio, — dois cadaveres de crianças, attestando a que extremos de bestial crueldade podem chegar os homens, quando os domina a fome do dinheiro.

Morreram na mesma noite os dois irmãos, um no mar, outro em terra, victimados pelo mesmo genero de morte e ambos sacrificados pela cupidez que inspiravam as riquezas confiadas á sua guarda...

Carluccio morreu no mar.

Dizem que o mar é um grande mestre de lealdade. Será! mas longe da terra, longe das praias em que se debruçam as cidades, longe dos litoraes em que formigam as multidões humanas com o seu luxo e os seus vicios... No mar alto, na solidão infinita, entre as aguas que rugem e o ceu que esplende, o homem fica melhor: o isolamento, o silencio, a concentração de espirito, a falta de distracções adormecem a animalidade e abrem as azas do Pensamento. No seu eterno movimento, anciando para a al-

tura, fartando-se de ar puro, as aguas do alto mar têm uma saude physica e moral, que se communica ao homem, purificando-o.

Mas, perto da terra, as aguas do oceano ganham o triste contagio da nossa vida. E' uma infecção medonha de cisco e maldade. Tudo quanto as cidades segregam de torpe e asqueroso, os dejectos de sua monstruosa nutrição, o lodo das enxurradas, o lixo das ruas, os restos das cosinhas, — tudo isso fica boiando, remoinhando, indo e vindo, fugindo das praias, a ellas voltando, sitiando as ilhas com a sua ronda immunda, sujando os cascos dos navios, num eterno vai-vem, acompanhando o fluxo e o refluxo das marés, e perpetuando sobre a face do mar a sua profanadora presença. E' a infecção material.

Mas a infecção moral ainda é mais torpe.

As aguas litoraes têm a cumplicidade facil... Nellas acaba o desespero dos suicidas, nellas vão apodrecer os corpos dos assassinados. Com raras excepções, a sua discreção é completa: abrem o seio verde-escuro, em que boiam as immundicies num tapete podre, e fecham-n'o de novo sobre a sua presa. Quando o corpo do suicida ou do assassinado vem á tona, já os peixes vorazes lhe comeram os olhos, já lhe roeram os labios e o nariz, já lhe supprimiram a physionomia, já o transformaram numa innominavel e irreconhecivel espurcicia confundida no anonymato de todos os detricos que a prea-mar impelle para as praias.

Essas aguas não recebem apenas as secreções materiaes da terra: recebem tambem, como cumplices, as confidencias e os segredos da escoria viva que a terra possui, — ladrões e assassinos, arrombadores de portas e servidores da morte. Durante o dia, coalham-se essas aguas de barcos esbeltos, em que os pescadores e os catraieiros labutam alegremen-

te; á noite, porém, sob o manto das trevas, outros barcos, sinistros, andam por ellas, numa ronda mysteriosa : são as embarcações do roubo e do crime, onde os contrabandistas, os ladrões do mar, os assassinos de profissão, detrictos moraes da vida da cidade, fazem á flor das vagas concorrência aos outros detrictos de que a urbe se allivia pelas barcaças de lixo e pelos canos de esgoto.

Foi nessas aguas malditas e sujas que Carluccio morreu,—quando voltava talvez de um encontro de amor, ou quando para elle ia, ou ainda (quem sabe ?) no momento em que beijava, embevecido e extatico, alguma mulher, cúmplice dos remadores sinistros...

Paulino, o mais moço, — e que só por ser o mais moço é o mais digno de pena, — morreu em terra, no silencio e na escuridão da loja fechada, alta noite. Calcular o que deve ter sido a scena do seu assassinio, no fim d'aquelle dia de passeio e ventura, é imaginar um episodio de horripilante crueldade. O mocinho vinha cansado e feliz : fartara os olhos na contemplação das cousas bellas da vida, gozara a delicia de viver, enchera os pulmões de ar puro, admirara e cubicara as lindas mulheres encontradas ao acaso do passeio, perfumara os labios talvez com um beijo de amor, — e vinha dormir. Bateu longo tempo á porta, longo tempo, longo tempo, com impaciencia a principio, com irritação depois, depois com raiva. Impaciencia, irritação e raiva, que o approximavam da morte. Quando enfim se abriu a porta, é provavel, é certo que do peito de Paulino rompeu um suspiro de allivio : enfim ! ia dormir... Ia dormir para sempre ! Braços rijos e ferozes lhe rodearam o corpo, na treva, mãos de ferro lhe taparam a boca, suffocando-lhe o grito de surpresa e pavor ; uma tira de panno se lhe enroscou ao pescoço ; e todo aquelle viço de mocidade, todas aquellas esperanças e todos

aquelles sonhos de adolescente, toda aquella alegria e toda aquella força acabaram alli, num tragico minuto; e, ao cabo d'esse minuto, só restava de tudo uma inerte massa miseravel, estendida no chão, — enquanto os assassinos continuavam o saque interrompido...

Pobresinho! photographaram-lhe as retinas, a ver se nellas encontravam o retrato do assassino... Esperança vã! nem a retina humana pode conservar por tão longo tempo as imagens que a impressionam, — nem qualquer imagem se poderia ter gravado na retina de Paulino, na densa escuridão em que certamente foi perpetrado o crime... Naquelle momento, o infeliz nada viu, nada comprehendeu: sentiu apenas que morria, sem soccorro, sem esperança, sem luz... Se a retina humana pudesse guardar, depois da morte, as impressões recebidas nos ultimos instantes de vida, — talvez se encontrasse na retina d'aquelle adolescente, não a imagem feroz de um assassino, mas as imagens risonhas da vida da rua, de onde elle vinha, — luzes, gente alegre, prazer, movimento, delirio...

Vinte e um annos tinha um, dezoito annos tinha o outro...

Parece, porém, que, para certa gente, as criaturas dignas de compaixão não são as duas crianças assassinadas: são os seus assassinos. Já, compassivamente, os advogados de alma piedosa correm a pedir *habeas-corpus* para esses interessantes sujeitos.

Habeas-corpus, sómente? porque não estatuas tambem?

Pobre Carluccio! pobre Paulino! ha quem se esqueça de vós, da vossa mocidade innocente, da vossa vida cortada em botão, — para só pensar no que pode render um pedido de *habeas-corpus* favoravelmente despachado!...

UM CONQUISTADOR

Não me malsinem por isto os patriotas exaltados...

Por mais que procure estimular o meu patriotismo, não consigo odiar esse extraordinario Sebastião Magali, que, á frente de um electricista, de um carteiro, de um actor, de um corretor de companhia de seguros e de trez caixeiros viajantes, tentou a conquista do Brazil, começando pelo assalto de Ilheus, — essa mesma pequenina urbe de Ilheus, fundada por Francisco Ramiro em 1535, uma cidadezinha heroica e predestinada, á qual, depois da gloria de ter varias vezes resistido aos ataques dos Tupiniquins, dos Francezes e dos Hollandezes, ainda estava reservada a gloria de resistir á investida d'estes canadenses e d'estes *yankees*.

Não posso odiar Magali, nem sequer nutrir contra elle algum sentimento de rancor. Sinto por elle, ao contrario, um outro sentimento, em que ha tanto de admiração quanto de piedade.

Principalmente de piedade...

Sebastião Magali é um homem deslocado no tempo. E são sempre profundamente infelizes os homens que nascem fóra do tempo em que deveriam nascer, — ou muito cedo ou muito tarde, — vivendo como exilados numa época que lhes não convem.

Magali veio ao mundo muito tarde ; tambem elle, se fosse poeta em vez de ser conquistador de nações, teria achado o verso admiravel, em que Musset exprimiu o seu amor das cousas antigas e a sua saudade das eras de ouro em que os deuses desciam á baixeza da terra :

«Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux...»

Para brilhar e triumphar, para ter estatuas e coroas, para ser aclamado heroe e semi-deus, não teria Magali necessidade de nascer no tempo das velhas civilizações da Hellade e de Roma. Já lhe bastaria ter nascido no seculo 16 ou no seculo 17, naquellas épocas em que conquistar e depredar eram os caminhos mais seguros para a fortuna e para a gloria, — tempos de bravura louca e de crueldade fria, em que os mares arfavam ao peso dos navios dos flibusteiros, e em que os conquistadores, tão belamente celebrados por Heredia,

*Fatigués de porter leurs misères haulaines,
De Palos de Moguer, routiers et capitaines
Parlaient, ivres d'un rêve héroïque et brutal...»*

Então, para conquistar cidades e terras virgens, Magali não conseguiria apenas reunir sob a sua bandeira negra de corsario oito pobres diabos famintos e ambiciosos. Não faltariam reis que lhe fornecessem navios, homens, colubrinas, mosquetes e polvora ; os banqueiros de Genova e de Carthagená desapertariam, em proveito d'elle, os cordões das largas bolsas peçadas de ouro ; e Magali seria duque ou principe, e os seus descendentes ainda hoje conservariam, no brazão da familia, como uma insignia gloriosa, uma garra de ave de rapina, nimbada de ouro e luz.

Mas o misero Magali nasceu muito tarde. E isso explica a piedade que elle me inspira.

A minha piedade, porém, não é desdenhosa nem humilhante: ha nella uma larga dose de admiração.

Para os mais exaltados, o conquistador Sebastião é um bandido; para os menos exaltados, é um maluco.

Mas o velho Seneca disse tambem que Alexandre, o Grande, era um bandido. E que differença ha entre Alexandre e Sebastião? apenas esta: Alexandre *conquistou* a Asia, e Sebastião *tentou conquistar* Ilheus; o primeiro *teve* estatuas de ouro e templos de marmore; o segundo está mettido numa enxovia; — o que deu a gloria ao primeiro foi o triumpho; o que dá o opprobrio ao segundo é o fracasso.

Um maluco! Mas só os malucos são capazes de fazer grandes cousas no mundo! E as maluquices que dão bom resultado passam a ser demonstrações de genio; ao passo que os genios, que não vencem, passam a ser cretinos...

Em todo o caso, se Magali é maluco, é um maluco tão completo, tão inteiriço, tão apurado, tão interessante, que só pode inspirar admiração.

Este nosso Brazil, com a sua immensa costa desguarnecida, sempre foi uma tentação para todos os aventureiros. Já nem é preciso lembrar as invasões e as occupações da terra brazileira organizadas e realizadas pelos francezes e pelos hollandezes, — expedições regulares, bem planejadas, bem apercebidas de homens e de dinheiro. Lembremos apenas os ataques dos flibusteiros; Cavendish, Cook, Davis, Lancastre, João Venner, Hartmann, foram outros tantos Sebastiãoes Magalis. Cook e Davis, em 1591, ancoraram perto da ilha de S. Sebastião. Dahi saíram para a barra de Santos. Metteram-se com mais vinte homens em dois escaleres e desembarcaram. Era domingo. Os santistas estavam ouvindo missa. Os

corsarios cercaram a igreja, tomaram conta da cidade, e teriam assassinado toda a população desarmada, — se não tivessem caído numa orgia feroz, que os deixou estendidos na praia, bebedos de aguardente e orgulho...

Mas eram vinte e dois homens! e tinham alli perto os seus navios cheios de gente! e esperavam o reforço e a ajuda de Cavendish! Que vale essa proeza, comparada com a de Magali, que serenamente se apresta para a conquista, armando-se dentro de uma grande cidade policiada e guarnecida de tropas, como a Bahia, e mais serenamente ainda, em companhia dos seus oito soldados, vai de armas na mão estabelecer um governo provisório em Ilheus?

Tudo isto é maluquice, mas é maluquice sublime. Cem malucos como este reformariam todo o mundo. E este mesmo maluco, sósinho, se viesse ha alguns seculos, teria operado façanhas que ainda hoje estariam bem vivas na memoria dos homens.

Todos os grandes apóstolos e fascinadores de homens foram mais ou menos loucos...

Não podemos admittir que os oito homens, de que se rodeou Magali, — trez caixeiros viajantes, um actor, um corretor de seguros, um carteiro e um electricista, — sejam absolutamente imbecis e cretinos... Se esses homens se deixaram convencer e seduzir por Magali, acompanhando-o em tão absurda e estapafurdia aventura, é porque o seu chefe é um d'esses grandes tentadores, cuja palavra ardente abala montanhas e escraviza almas. E é bom notar que não foi apenas um exercito (um exercito muito reduzido, mas sempre um exercito) o que elle conseguiu com a sua labia: conseguiu tambem dinheiro, e não pouco, — porque, emfim, não é com pouco dinheiro que se transportam, que se equipam, que se armam, que se alimentam nove homens...

Não! não posso odiar nem desprezar Magali. Admiro-o.

Magali, com a sua bravura, com o seu desprante, com a sua confiança em si mesmo, com o seu soberano e incomparavel topete, é uma criatura excepcional, um ente raro nesta época de prudencia, de cautela, de contemporizações, de diplomacia e de precatada malicia.

Dizem que esse homem phenomenal é brasileiro.. Se é verdade, creio que, em vez de matral-o e encarceral-o, devemos chamal-o a nós, seduzil-o, aproveital-o, utilizal-o. E estou até em dizer que é esse um dever... da nossa gratidão.

Porque esse homem acaba de prestar-nos um grande serviço. A sua aventura não é tão louca como a principio parece.

Reflectamos nisto. Ha um anno que temos sciencia do plano de Magali. Todos os dias nos mandavam dizer os correspondentes telegraphicos que Magali vinha conquistar o Brazil. E Magali veio, de facto. Veiu, desembarcou, com os seus oito homens, na Bahia. Hospedaram-se todos no melhor hotel da cidade. Compraram armas e cavallos sem regatear. Esses preparativos consumiram semanas. E, afinal, os oito flibusteiros atacaram Ilheus. E, se a gente de Ilheus não fosse uma gente decidida, legitima descendente da gente que outr'ora repelliu Tupiniquins, Hollandezes e Francezes, — talvez a esta hora o exercito invasor, engrossado pelas adhesões do medo, da ingenuidade e do fanatismo, estivesse tomando conta do sertão, de conquista em conquista... Pois bem! não houve, na Bahia, policia que desconfiasse de Magali e dos seus companheiros! Quando Cook e Davis, em 1591, desembarcaram em Santos, — Santos estava ouvindo missa. Agora,

quando Magali saltou na Bahia, — a Bahia estava... politicando.

Não achas que ha em tudo isto uma lição que não deve ser perdida ? Devemos muita gratidão a Magali : é preciso que lhe demos uma pensão, e que o conservemos aqui, bem perto de nós, como um exemplo vivo de que pode fazer a temeridade de um homem e do que pode resultar da indiferença de muitos...

Conservemol-o aqui ; — e sempre que o olharmos, tenhamos bem presente ao espirito esta verdade : o que constitue o banditismo e a maluquice de um aventureiro é a sua infelicidade. Quando o aventureiro é feliz, não é bandido nem maluco : é heroe, é deus, e governa o mundo.

(1900)

AS XYPHOPAGAS (*)

Bemdito seja para todo o sempre este carinhoso, este meigo, este santo interesse com que toda a população está acompanhando o drama de bondade e de amor que se representa na Casa de Saude de São Sebastião.

Nem só as miserias da politica e do jogo, as pequeninas tricas da ambição, as intrigas sordidas do partidarismo, podem commover este povo amavel. De cada casa voa agora uma benção para junto dos leitos em que Rosalina e Maria convalescem; de cada alma de mãe sobe uma prece em prol das duas operadas; e não ha homem, por mais empedrado que tenha o coração na pratica do mal, que, ao ler de manhã nos jornaes as noticias ultimas sobre o caso, não se interesse pela sorte d'esses dois corpos frageis, condemnados ao soffrimento por um destino feroz, e provavelmente agora restituídos á vida, á saude, á alegria e ao amor.

Não saiamos d'este assumpto. Fiquemos nelle, como num oasis fresco, aberto na aridez da vida vulgar. Não é verdade que a sorte de duas criancinhas vale muito mais, infinitamente mais do que a sorte de todas as camaras e de todos os senados do mundo ?

(*) Operadas em 1901, no Rio de Janeiro.

Já é quasi certa a salvação das duas pequeninas. Nem Deus poderá consentir que se anniquile tanto trabalho de piedade e de coragem...

Porque, emfim, Deus deve amar os homens que deram remedio a um erro seu !

Ha num romance de Voltaire, *Histoire de Jenni ou L'athée et le Sage*, um certo Birton, sujeito descontente e inquieto, que acha a machina do mundo muito mal fabricada : «Qualquer homem, entendido em mecanica, poderia, se tivesse em seu poder todos os infinitos recursos de Deus, fazer obra mais acabada, mais solida, mais bella...e menos incommoda !».

Realmente, quanta cousa absurda, quanta cousa mal feita na terra ! Para que é que existem os desertos adustos da Africa ? para que servem as solidões geladas do polo ? porque é que ha erupções vulcanicas, e terremotos, e inundações, e tantos outros flagellos e tantas outras calamidades ? Decididamente, se o homem, apezar de toda a sua fraqueza, se não resolvesse, de quando em quando, a emendar e corrigir a obra divina, — a vida seria intoleravel, e o primeiro Schopenhauer, que apparecesse, seria facilmente escutado e attendido, quando aconselhasse á humanidade o remedio supremo do suicidio em massa ! que seria, por exemplo, dos myopes e dos presbytas, se o homem não houvesse inventado as lentes biconcavas e biconvexas ?

O Birton de Voltaire era um atheu. Mas, francamente, ainda acreditando inabalavelmente na existencia de Deus, ainda sendo mais crente do que Santo Agostinho e menos desconfiado do que S. Thomé, — pode qualquer um de nós affirmar que a obra divina não esteja cheia de defeitos feiissimos ?

Haverá porventura maior crueldade, injustiça maior, mais requintada perversidade do que extrahir do escuro seio mysterioso da criação duas criaturas confundidas numa só, como essas duas crianças xyphopagas que a abençoada audacia de Chapot Prevost acaba de separar ?

Nas penitenciarias, a maldade humana, quando quiz inventar para os criminosos um castigo maior do que a reclusão cellular, teve a idéa diabolica de amarrar os galés dois a dois.

Oh ! nunca poder estar só ! nunca poder ter um d'esses deliciosos momentos de absoluta solidão, de absoluta liberdade de corpo e de espirito, — um d'esses raros e divinos momentos, em que, longe de todos os olhos, apartado de todas as curiosidades, emparedado com as suas idéas no ergastulo do seu egoismo, o homem pode, desafogadamente, respirando, dizer : «eu sou eu!».

Oh ! o profundo horror, a indizível tortura da perpetuidade da vida em commum ! o desespero sem termo, a agonia sem fim de viver assim, arrastando ao pé uma grilheta humana, uma grilheta que se move, que vê, que ouve, que fala, que pensa !... não dar um passo sem sentir ao lado o passo de um outro homem ! não viver um instante, sem sentir ao lado do coração o pulsar de um outro coração ! não ter um pensamento que não seja espiado, um desejo que não seja comprehendido, uma idéa que não seja adivinhada ! e nem ao menos poder estillar dos olhos tristes uma lagrima só, que seque sobre a face, ignorada e pura, que se sume e desvaneça sem vestigio, que se apague sem ter sido profanada pela vista do odio, da indiferença ou do desdém !... Zimmermann, doce e melancolico poeta da *Solidão* ! porque privaste d'esta estrophe o teu poema ?...

Dizem as folhas que, acabada a operação, suspensa a acção do chloroformio, quando um silencio tragico reinava naquella sala em que acabava de ser affirmada a gloria da sciencia humana, a Maria-sinha, a que mais soffrera, a que mais sangue perdera, a que mais receios devia d'alli por diante inspirar, logo ao despertar, agitou fracamente uma das mãos no ar, e disse adeus á irmã...

Ha dias, um chronista, na pressa de transmittir aos leitores as suas impressões pessoaes, não soube comprehender toda a significação d'esse *adeus*... Pareceu a essa alma apressada que havia alli, naquelle gesto eloquente da pequenina, a manifestação da primeira saudade, da primeira magua da separação, do primeiro desgosto do apartamento...

Não era isso, não! Aquillo era o *adeus* alliviado e consolado, com que o galé se despede da calceta, com que o accusado se despede do banco dos réos, com que a alma da gente se despede de uma preocupação dolorosa, com que um devedor ameaçado de penhora se despede de uma divida, com que todos os que soffrem se despedem do soffrimento!

Como quererieis vós que se amassem aquellas pobres almas, condemnadas ao eterno convivio? como quererieis vós que se não repellissem aquelles dois corpos, condemnados ao eterno contacto?

Quando no corpo e na alma de uma das duas crianças rebentasse, cantando e fulgindo, a primavera do primeiro amor, — quando o egoismo inevitavel da primeira paixão desse a uma d'ellas o desejo irreprimivel de se trancar a sete chaves, dentro da torre de ouro e marfim do seu primeiro arrebatamento de moça, — como quererieis vós que se não odiassem as duas, odiando ambas a sorte fatal que as amarrara á mesma tortura?

Não ! aquillo não foi o adeus torturante da saudade : foi o adeus delicioso do libertamento !

E, quando a Mariasinha, olhando Chapot Prevost, murmurou : «Como elle é bom !», na alma e na boca da criança agradecida estava palpitando e vibrando, inconscientemente, a grande voz da natureza, — da natureza que não quer calcetas...

O CAFÉ-CANTANTE

Nestes ultimos dez annos, quantas manias temos visto desabrochar, viçar e morrer, nesta versatil e inconsequente cidade! Passageiras, precarias manias... ficam tão pouco tempo no coração da cidade, quanto no coração da mulher duram esses amores, que parecem eternos, e são, afinal, mais fracos do que a vida de uma borboleta.

A principio, tivemos a mania das corridas de cavallos. Lembram-se ?

Às quintas-feiras e aos domingos, abriam-se ao povo trez, quatro, cinco prados de corridas. Os bondes levavam gente nos bancos, nos estribos, nas plataformas, nos tejadilhos. As locomotivas da Central arrastavam comboios de dez e doze vagões atulhados de uma multidão risonha e bulhenta. E era ver o espectáculo do prado, — as archibancadas, como vastos canteiros de flores humanas, pompeando ao sol o esplendor das claras toilettes de verão, num delirio de cores, num emmaranhamento deslumbrante de fitas, de plumas, de rendas ; o recinto da pesagem, cheio da turba dos *sportmen* suados e offegantes, discutindo, rixando, berrando ; e os bolos de gente avida, junto dos *guichets*, disputando as *poules* a murro e a pontapé ; e os botequins reboantes de clamores, de tinir de copos, de estalar de rolhas ; e a

raia, em baixo, lisa, batida, inundada de luz, por onde os cavallos voavam em nuvens de poeira dourada, entre as aclamações delirantes!

Era uma cousa assombrosa! Todo o mundo falava a giria do desporto. Todos os homens usavam na gravata o alfinete classico da ferradura. As fazendas, em que as senhoras cortavam os seus vestidos, tinham estampagens de chicotes, de loros, de casquetes de jockey. E se acontecia adoecer um cavallo dos bons, dos gloriosos, dos que mais vivamente mereciam o amor dos entusiastas, — que magua, que terror, que consternação na cidade!

Depois, o book-maker matou o hippodromo; outra mania... O sujeito, que apanhava meia duzia de contos de réis, alugava uma loja da rua do Ouvidor, e começava a aceitar apostas.

Depois, veio a mania do jogo da péla. Um frontão em cada bairro. Às duas horas da tarde, o povo desertava a rua do Ouvidor, e ia apinhar-se junto das canchas amplas, em cujo cimento batiam as pelotas leves, e por onde, em saltos felinos, desnudando ao sol os braços pelludos, de biceps inchados, os pelotaris iam e vinham, na azafama da quiniela, surdamente ferindo o solo com os chinellos de trança.

Depois, surgiu o jogo da bola. E a gente ia pasmar diante da larga taboa em declive, por onde, impellidas por marmanjos em camisa de meia, as bolas vinham rolando, no meio de um silencio commovido, rolando, rolando até que destroçavam o batalhão dos marcos de pau.

Mas appareceu logo o cyclismo. E isso é que foi um delirio! Não houve mancebo que se não adestrasse no dar de pés ao pedal das machinas voadoras. As ruas resoavam com o campainhar frenetico dos tympanos; ainda assim, que atrapalhação! ia um homem descuidadamente, pensando nos seus

negócios, nas suas dividas ou nos seus amores... e trac! desabava sobre elle uma d'essas aranhas de aço. Moças do tom não hesitaram em vestir pantalonas fofas, sacrificando a compostura e as saias ao gosto do pedalar. E houve até matronas anafadas, carregadas de annos e de tecido graxo, que seguiram o exemplo das raparigas, e cavalgaram velocipedes de duas rodas... para provar á evidencia que essas machinas são capazes de supportar sem perigo o peso de trez mil libras de carne.

Por fim, chegou o *bicho*, e matou tudo. Tem sido essa a mania de mais pertinacia no viver. E provavelmente não será vencido pela mais recente, pela de agora, pela do café-cantante.

Tereis notado, certamente, que, em menos de seis mezes, o Rio de Janeiro ficou abarrotado de theatrinhos equivocos. Não tratemos dos dois ou trez bem montados, que ahí estão funcionando, com platéa, com orchestra, com palco, com bastidores, e com um pessoal, mais ou menos bem sortido, de estrellas de primeira ou... de nenhuma grandeza.

Esses não são novidade: desde o tempo de ouro do *Alcazar* da rua da Valla, a boa gente carioca tem o amor da cançoneta picante e do tango maroto...

Tratemos dos outros, dos que brotam não se sabe como, á feição de cogumelos, da noite para o dia.

Tu estás habituado, leitor pacato, a comprar fumo, ou velas, ou papel em certa loja de certa rua. Uma noite, levam-te a essa loja os teus passos já afeitos ao caminho. Pasmás, ouvindo dentro da casa, tão tua conhecida, a voz fanhosa de um piano, o canto escorchador de uma guitarra, o garganteio esganiçado de uma mulher... Entrás. E, em logar do teu charuteiro ou do teu merceeiro, encontras uma rapariga que te offerece um *chopp*. A tua loja é uma cervejaria! Ao fundo, com um estrado velho, im-

provizou-se um palco. Á beira d'elle, um piano invalido desmancha-se em lundús e em chibas. E eis alli surge, de saias curtas, uma cantora a chalar...

Não ha rua, por mais esconsa, por menos frequentada, que não possua actualmente o seu café-cantante.

Ha quem se arrepele por causa d'isso; ha quem, enchendo os olhos de lagrimas de profunda agonia, brade e soluçe contra essa pouca vergonha, que afasta o povo dos theatros serios, e que pouco a pouco lhe envenena o corpo com a calamidade da cerveja mal fermentada e o espirito com a desgraça das modinhas indecentes... Vamos lá! por que se ha de privar o povo d'aquillo que elle prefere, da arte barata que lhe dá no goto, da cerveja ruim que lhe espanta as maguas?

Além d'isso, esses cafés-cantantes de baixa qualidade vieram prestar um serviço: arrebanharam os cantores populares, de que já ninguém tinha noticia.

Oh! o nosso typo classico de trovador da rua, tão perseguido da policia que já nem tinha a ousadia de sair á meia-noite, levantando á fria claridade da lua a gaforina inspirada, arranhando com as unhas longas as cordas gemebundas do violão, e perturbando o somno casto dos casaes burguezes com o choroso quebro do

«A brisa corre de manso
Por entre as trevas de além»,

ou com o riso brejeiro do

«Eu adoro uma yáyá,
Que, quando está de maré,
Me chama muito em segredo
Para me dar cafuné!»

Por onde andava elle, o cantor de Elvira e de Ursulina, o martyr de amores varios, que, antigamente, depois de haver toda a noite quebrado o coração em gritos de affecto e ciume, acabava sempre quebrando o violão na cabeça de algum companheiro de infortunio e de serenata ?

Agora, aqui o temos, modificado no vestuario e nas maneiras, mas sempre o mesmo na essencia, no lyrismo, na malicia e nos pés quebrados dos versos. Aqui o temos, na cervejaria-cantante, alegre e pernostico, dando com as suas modinhas um sabor novo à cerveja que escorre pela guela do freguez.

Já não traz o antigo violão classico, companheiro querido das noitadas sem destino, passadas em claro pelas ruas dormidas, ao acaso dos cruzamentos de esquinas ; agora, o trovador popular canta ao piano, ou com acompanhamento de orchestra, como Paulus (*excusez du peu !*) ; agora, o vagamundo chega sorrindo á beira do estrado, saúda o publico, com um faceiro meneio de cabeça, pigarreia, e principia :

«*Bem sei que tu me desprezas . . .*»

Que importa ? é sempre o mesmo . . . E confessemos que ouvir um capadocio carioca da gemma cantar com a sua simples brejeirice nativa o «Quizéram amar-te, mas não posso, ó virgem» ou o «Nas horas calmas do cair da tarde», sempre é mais divertido do que ouvir os *couplets* francezes, mais ou menos avariados, de cançonetas já sovadas por dez annos de uso em todos os *boulingrins* de Pariz.

Ai ! vamos ver quanto ha de durar a nova mania ! E, depois d'esta, que outra virá ?

(1900)

FIM

INDICE

PREFACIO	7
Resurreição.....	13
Os Sinos.....	17
O Sol	23
-Julio Verne.....	29
À noite	35
-Rio Branco	37
Sobre a viagem de um Presidente.....	43
„Menor perverso“	51
Florença	53
Em Lucerna	61
No Rigi-Kulm.....	69
Guilherme Tell	75
Lutecia	81
Os passaros de Paris.....	87
Apolices.....	93
-Dezembro.....	99
Os cêes.....	103
O Sport	109
Marte	115
-Carnaval.....	119
Os Carnavalescos	125
Na China.....	131
-O Burro.....	137
Os boers.....	141
-O relógio da Cathedral.....	147
Contra a electricidade.....	153
Erasmus	159
-Homens e bichos.....	163

Os bombeiros	169
—A tuberculose	175
—O vicio literario.....	179
A graphologia.....	185
Almas penadas.....	191
Fora da vida.....	195
A historia de um anno.....	199
A Civilisação.....	205
Um avarento	211
—Typos da rua	215
No Jardim Botânico.....	219
Archer	223
—As cartomantes	225
A politica	231
Baucis e Philemon.....	237
Barbacena	239
—Grammaticos	243
Nas Caldas	245
Judas	251
Campoamor.....	257
Sobre um crime.....	263
Um conquistador.....	269
As xyphopagas.....	275
O café-cantante	281